



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Ana Rita Borlido Moreira

Expressão Musical em contexto do Pré-Escolar:
projeto “ A Arca do Zé”

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório Final da Prática de Ensino
Supervisionada sob orientação do
Professor Doutor Carlos Almeida

Julho 2015

***“ A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não
compreende.”***

(Arthur Schopenhauer)

Agradecimentos

A concretização deste projeto, embora sendo de caráter individual só foi possível com o apoio e colaboração de algumas pessoas que contribuíram para o seu desenvolvimento e conclusão, por esse motivo, gostaria de reconhecer e demonstrar a minha enorme gratidão:

- ao Doutor Carlos Almeida por todo o profissionalismo , pela amabilidade e por todas as palavras de incentivo no decorrer da investigação;

- à coordenadora do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Doutora Ana Peixoto pela dedicação e acompanhamento neste percurso, procurando responder às necessidades dos seus alunos;

- a todos os docentes que orientaram a minha Prática de Ensino Supervisionada, pois ajudaram-me a crescer durante estes longos meses de estudo;

- às crianças que foram desde sempre o centro deste projeto, sem esquecer pais e familiares que participaram nas tarefas solicitadas;

- à educadora cooperante Olga Fornelos por todo o apoio e sobretudo pela sua intervenção que contribuiu para a minha evolução enquanto futura profissional;

- ao José Camacho, autor da história “Arca do Zé” e construtor dos objetos sonoros, por me ter facultado os mesmos para que este projeto fosse viável;

- à minha família pela compreensão, encorajamento e sobretudo pela paciência durante este ano;

- ao meu companheiro e amigo Mauro Rodrigues pelo apoio nos momentos mais difíceis e pelo apoio prestado;

E a todos os meus amigos pelo apoio incansável durante o decorrer deste projeto, em inúmeras dificuldades, com os quais pude partilhar todas as experiências vividas no meu percurso académico.

Resumo

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar o presente estudo foi desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada II, que envolveu 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, de um jardim-de-infância pertencente ao concelho de Viana do Castelo. Neste projeto estudou-se a importância da Expressão Musical, dos instrumentos musicais no jardim-de-infância, o envolvimento parental em contexto educativo e a importância de projetos educativos em contexto de jardim-de-infância.

A escolha deste projeto teve por base as necessidades diagnosticadas através das observações realizadas durante a PES I, onde foi verificado que o Domínio da Expressão Musical não era explorado de forma regular. O presente relatório é constituído por 3 partes, a 1ª contempla a apresentação do contexto educativo, bem como planificações, reflexões e envolvimento na comunidade realizadas durante a PES II. A 2ª parte apresenta o trabalho de investigação onde foi realizada a fundamentação teórica que se debruça em autores que apoiam a importância da Expressão Musical no desenvolvimento da criança. É apresentada também a metodologia adotada que se focou no trabalho de projeto assente no paradigma qualitativo, análise e interpretação de resultados e as conclusões de todo o trabalho desenvolvido. Este estudo teve por base 8 sessões no âmbito da Expressão Musical, estas atividades tiveram em conta a motivação das crianças, assim como os objetivos traçados para este estudo, para que fosse possível permutar as aprendizagens de forma adequada. A 3ª parte diz respeito a uma reflexão de PES, onde é apresentada uma análise de todo o meu percurso.

Os resultados desta investigação revelaram que as atividades implementadas contribuíram fortemente para uma progressiva evolução no Domínio da Expressão Musical e do conhecimento e execução de instrumentos musicais como veículo para a apresentação do projeto final “ A Arca do Zé”. Neste sentido, após a realização de algumas tarefas alcançou-se a evolução pretendida nas ações das crianças, pois estas revelaram-se envolvidas, participativas e motivadas possibilitando assim, uma integração parental e familiar no verdadeiro sentido do Pré-Escolar.

Palavras-chave: Educação Pré- Escolar; Expressão Musical; Projeto Educativo

Abstract

The present work was performed within the practical phase subject "Supervised Teaching Practice II", integrated under the Master in pre-school education, which involved 25 children in a kindergarten institution belonging to Viana do Castelo's county area, within a range of ages between 3 to 5 years old. In this project it has been studied the relevance of Musical Expression, musical instruments in kindergarten ages, parental involvement in the educational context and the importance of educational programs also in kindergarten context.

This project theme was chosen based on the needs diagnosed through observations made through PES I subject, as it was concluded that the musical expression domain was not being exploited regularly. The work is divided into 3 parts: the 1st embraces the presentation of the educational context, as well as lesson plans, reflections and community involvement fulfilled during the course of PES II; The 2nd part introduces the research work where the theoretical foundation was held, focusing on authors who support the relevance of Musical Expression in child development context. It also presents the adopted methodology that was focused on project work based on the qualitative paradigm, analysis and interpretation of results and conclusions of all the work done. This study was based on 8 sessions under the Musical Expression wing, having this activities took into account the motivation of children, as well as the goals set for this study, in order to achieve the exchange the learnings properly. The 3rd part reports to a reflection of PES, as it presents an analysis of all my route through this fase.

The results of this research demonstrate that the implemented activities proposal strongly contributed to a progressive evolution in the Musical Expression Domain and knowledge and performance of musical instruments as a vehicle for the presentation of the final project "A Arca do Zé". Therefore, after performing some tasks, it was achieved the desired progress in children's actions, as these have proven to be engaged, participatory and motivated thus enabling parental and family integration in the true sense of the Preschool.

Keywords: Pre-School Education; Musical expression; Educational Project.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Índice de Figuras	vii
Índice de quadros.....	ix
Índice de gráficos	ix
Índice de Anexos	x
Anexos presentes em CD	x
Listagem de Abreviaturas.....	xi
Parte I	xii
Capítulo I	1
Introdução.....	1
Capítulo II	3
Caraterização do Contexto Educativo	3
2.1 - Caraterização do Meio	3
2.2 - Caraterização do jardim-de-infância.....	5
2.3 - Caraterização da sala de atividades	8
Área da biblioteca	10
Área dos jogos de mesa	10
Área da cozinha	11
Área da mesa de trabalho.....	12
Área do quadro de giz	13
Área da informática.....	13
2.4 - Caraterização da faixa etária da sala com base na literatura	14
2.5 - Implicações e Limitações do contexto no decorrer da investigação	21
Parte II	24
Capítulo I	25
Enquadramento do Estudo	25
1.1 - Contextualização e Pertinência do Estudo.....	25
1.2 - Problemática do Estudo	26
1.3 - Questões de investigação	27

1.4 - Finalidades da investigação.....	27
1.5 - Organização do estudo.....	28
Capítulo II	29
Fundamentação Teórica.....	29
2.1- A importância da expressão musical no contexto da educação pré-escolar	29
2.2 - Instrumentos musicais no jardim-de-infância.....	34
2.3 - O envolvimento parental em contexto educativo	36
2.4 - A importância dos projetos educativos em contexto de jardim-de-infância.....	37
Capítulo III	40
Metodologia Adotada	40
3.1 – Seleção da metodologia de investigação	40
3.2 – Intervenientes	41
3.3 - Instrumentos de recolha de dados	42
3.3.1 - Observação participante	43
3.3.2 - Notas de Campo	44
3.3.3 - Registos Fotográfico e de vídeo	45
3.4 - Plano de Ação.....	45
3.5 - Atividades de investigação.....	46
3.6 – Questões éticas	57
Capítulo IV	58
Análise e interpretação de dados	58
4.1 – Atividade nº 1: “ O som dos animais”	58
4.2– Atividade nº 2: “Vamos construir instrumentos musicais”	65
4.3– Atividade nº 3 - “ A Arca do zé”.....	76
4.4 – Atividade nº 4 - “Vamos brincar com instrumentos”	81
4.5 – Atividade nº5: “ A música é divertida”	87
4.6 – Atividade nº 6 – “Música aleatória com a escala pentatónica”	91
4.7 – Atividade nº 7: “Chapéus Criativos”	94
4.8 – Atividade nº 8: Apresentação Final “ A Arca do Zé”	97
Capítulo V	102
Conclusões	102
5.1- Conclusões do estudo	102
5.2 - Limitações do estudo	106

5.3 - Recomendação para futuras investigações	107
Parte III	108
Reflexão final sobre a PES	108
Referências Bibliográficas	114
Anexos	120
Anexo 1: História “ A Arca do Zé”	121
Anexo 2: Termo de responsabilidade.....	122
Anexo 3: Pauta não convencional da obra “Marcha Turca de Mozart”	123
Anexo 4: Quadros representativos da família dos instrumentos musicais.....	124
Anexo 5: Comunicado aos pais	125
Anexo 6: Autorização para participação no projeto	126
Anexo 7: Convite para a apresentação “ A Arca do Zé”	126
Anexo 8: Autorização para a realização de pinturas faciais.....	127
Anexo 9: Instrumentos da história “ A Arca do Zé”	127
Anexo 10: Caixa das Opiniões	129

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa de Viana do Castelo	3
Figura 2: Sala dos professores	7
Figura 3: Recreio.....	7
Figura 4: Cantina.....	8
Figura 5: Hall de entrada	8
Figura 6: Polivalente	8
Figura 7: WC	8
Figura 8: Planta da sala	9
Figura 9: Área da biblioteca.....	10
Figura 10:Área dos jogos de mesa.....	10
Figura 11: Área do quarto.....	11
Figura 12: Área da cozinha	11
Figura 13: Área das construções.....	12
Figura 14: Área da mesa de trabalho	12
Figura 15: Área do quadro de giz.....	13
Figura 16:Área da informática	13
Figura 17: Placard “Que animal tenho”	59
Figura 18: Placard “ Animais selvagens”.....	60
Figura 19: Placard “Animais domésticos”	60
Figura 20: Placard Família dos instrumentos	64
Figura 21: Ecopontos animados	67
Figura 22: Construção de instrumentos musicais.....	68
Figura 23: Continuação da construção de instrumentos musicais.....	68
Figura 24: Pandeiretas.....	69
Figura 25: Guiseiras	69
Figura 26: Reco-reco.....	69
Figura 27:Maracas	69
Figura 28: “Leitura” da pauta não convencional	72
Figura 29: Construção da pauta não convencional	75
Figura 30: Pauta não convencional construída pelas crianças	75
Figura 31: Tapete Narrativo.....	77
Figura 32:Registo de uma criança que ainda se encontra na fase da garatuja	80
Figura 33: Estão presentes elementos da história	80
Figura 34: Registos de consolidação da história.....	81

Figura 35:Registo de consolidação da história	81
Figura 36: Criança a realizar uma pergunta.....	83
Figura 37: Criança a executar uma resposta	83
Figura 38: Circuito sonoro	85
Figura 39: Circuito Sonoro.....	85
Figura 40:Execução da tarefa	86
Figura 41: Identificação do som dos instrumentos	88
Figura 42: Evidências das preferencias das crianças	90
Figura 43: Evidências das preferencias das crianças	90
Figura 44:Evidências das preferencias das crianças	91
Figura 45: Evidências das preferencias das crianças	91
Figura 46:Leitura dos quadros representativos da familia dos instrumentos.....	93
Figura 47: Chapéus criativos para o projeto final.....	96
Figura 48:Chapéus criativos para o projeto final.....	96
Figura 49:Chapéus criativos para o projeto final.....	97
Figura 50: Chapéus criativos para o projeto final	97
Figura 51:Pinturas faciais.....	100
Figura 52:Continuação das pinturas faciais	100
Figura 53:Apresentação do projeto final	100
Figura 54:Apresentação do projeto final	100

Índice de quadros

Quadro 1: Caraterização do grupo de crianças em estudo	42
Quadro 2: Cronograma do Plano de ação em estudo	46

Índice de gráficos

Gráfico nº1: Resultados da sessão nº 1 “ O som dos animais”	60
Gráfico nº2: Resultados da sessão nº 1 “ Exploração livre de instrumentos musicais”	64
Gráfico nº3: Resultados da sessão nº 2 “Vamos construir instrumentos”	69
Gráfico nº4: Resultados da sessão nº 2 “ Exploração de uma pauta não convencional”	72
Gráfico nº5: Resultados da sessão nº 2 “Construção de uma pauta não convencional”	74
Gráfico nº6: Resultados da sessão nº 3 “A Arca do Zé”	77
Gráfico nº7: Resultados da sessão nº 3 “Registo de consolidação da história”	80
Gráfico nº8: Resultado da sessão nº 4 “Vamos brincar com instrumentos”	83
Gráfico nº9: Resultados da sessão nº 4 “Circuito sonoro”	85
Gráfico nº10: Resultados da sessão nº 5 “A música é divertida”	88
Gráfico nº11: Resultados da sessão nº 5 “ O meu instrumento preferido (registo)”	90
Gráfico nº12: Resultados da sessão nº 6 “Música aleatória com a escala pentatónica”	93
Gráfico nº13: Resultados da sessão nº 7 “chapéus criativos”	96
Gráfico nº14: Resultados da sessão nº 8 “Apresentação final A Arca do Zé”	100

Índice de Anexos

Anexos presentes no documento escrito:

Anexo 1: História “ A Arca do Zé”	121
Anexo 2: Termo de responsabilidade.....	122
Anexo 3: Pauta não convencional “Marcha Turca de Mozart”	123
Anexo 4:Quadros representativos da família dos instrumentos.....	124
Anexo 5:Pedido aos pais e familiares para a elaboração dos chapéus criativos.....	125
Anexo 6: Autorização para a participação no projeto.....	126
Anexo 7: Convites para a apresentação do projeto final.....	126
Anexo 8: Autorização para a realização de pinturas faciais.....	127
Anexo 9: Instrumentos da história " A Arca do Zé".....	127
Anexo 10: Caixa das opiniões.....	129

Anexos presentes em CD

- ✓ Planificações das sessões;
- ✓ Reflexões das sessões;
- ✓ Fotografias do projeto final;
- ✓ Vídeo do projeto final.

Listagem de Abreviaturas

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES - Prática de Ensino Supervisionada

P - Pai

M - Mãe

JI - Jardim-de-infância

Parte I

Capítulo I

Introdução

A investigação que se apresenta enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré- Escolar e foi sustentada pela experiência vivenciada no contexto Pré-Escolar. O estudo emergiu durante várias observações que permitiram encontrar uma necessidade/problemática no grupo de crianças que pautou o presente estudo. Com este propósito foram delineadas as questões de investigação que visam encontrar respostas ao problema em estudo. Posteriormente a esta introdução, encontra-se o enquadramento de PES II, onde se menciona a caracterização do jardim-de-infância, a caracterização do meio, a caracterização da sala de atividades, a caracterização do grupo e as implicações e limitações do contexto na aplicação do projeto.

A segunda parte deste relatório comporta um estudo de investigação realizado ao longo da PES. A primeira incide sobre o enquadramento do estudo e aqui justificamos a razão pelo qual escolhemos este tema e traçamos objetivos. Sucessivamente surge a fundamentação teórica onde com base em alguma literatura fundamental aprofundamos os seguintes temas:

- A importância da Expressão Musical no contexto de Educação Pré- Escolar;
- Instrumentos musicais no jardim-de-infância;
- O envolvimento parental em contexto educativo;
- A importância dos projetos educativos em contexto de jardim-de-infância.

Posto isto, é descrita toda a metodologia utilizada e a análise e discussão dos resultados obtidos neste estudo. A metodologia utilizada foi o trabalho de projeto que se inseriu num paradigma qualitativo em simultâneo com a recolha de dados utilizados, observação participante, registo fotográfico e de vídeo, diálogo com as crianças, grelhas de observação e ainda o envolvimento parental conseguido.

Na análise e discussão de resultados, são descritas e refletidas todas as tarefas investigativas realizadas ao longo do projeto. Posteriormente seguem-se as conclusões de todo o trabalho desenvolvido e as limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.

Numa terceira parte deste relatório são apresentadas as conclusões de todo o trabalho desenvolvido e os contributos adquiridos na construção deste projeto a nível pessoal e enquanto futura Educadora de Infância.

Por último, finalizamos este relatório, com a relevante reflexão global da PES, que envolve uma análise das experiências vividas no decorrer de todos estes meses, dando destaque aos seus contributos, sucessos e dificuldades.

Capítulo II

Caraterização do Contexto Educativo

Este é um capítulo onde é apresentado a caraterização do contexto educativo onde foi realizada a PES e o projeto de investigação. As intervenções realizadas, decorreram num JI pertencente ao distrito e concelho de Viana do Castelo, na freguesia da Meadela.

Num primeiro momento encontra-se a caraterização do meio e seguidamente a caraterização do JI e as suas caraterísticas estruturais, da sala de atividades, do grupo de crianças e por fim, apresentam-se as implicações e limitações do contexto na aplicação do projeto de investigação.

2.1 - Caraterização do Meio

O JI está integrado num agrupamento vertical de escolas da Meadela, uma freguesia de Viana do Castelo. Esta cidade subdivide-se em 40 freguesias e atualmente tem 88.725 habitantes, segundo os censos de 2011.



Fig.1: Freguesias do concelho de Viana do Castelo

A Meadela é uma freguesia pertencente à cidade de Viana do Castelo desde 1988. Esta freguesia conta com os lugares da Argaçosa, Cova, Caramonas, Montinho,

Matos, Portela, Martinho, S.Vicente, Portuzelo, Fornelos, Senhora da ajuda e Lugar da Bessa.

Atualmente a Meadela é uma das maiores freguesias do conselho a seguir a Santa Maria Maior com 9.763 (censos 2011) habitantes, com 7,47 km² de área e densidade de 1 307,0 hab/km², sendo 4671 homens e 5111 mulheres. Destes, 1685 habitantes têm idades compreendidas entre os 0 aos 14 anos, 1000 habitantes com idades entre 15 a 24 anos, 5722 habitantes com idades entre os 25 a 64 anos e, por fim, 1375 habitantes com mais de 65 anos (inclusive). É de salientar que a população está composta por 1579 habitantes sem nenhum nível de instrução, há 1860 habitantes com o 1º ciclo de escolaridade, 1230 com o 2º ciclo de escolaridade, 1723 com o 3º ciclo de escolaridade, 1533 com o ensino secundário, 127 com pós-graduação e 1730 com o ensino superior.

As principais atividades económicas da freguesia da Meadela são a agricultura, a pecuária, o comércio e a indústria. Recentemente integrada na cidade e tendo vindo a perder progressivamente as características rurais, a freguesia da Meadela é mais do que um “dormitório”: aqui está sediada uma das mais bem-sucedidas indústrias locais- a de cerâmica tradicional- conta com uma zona industrial prevista no PDM, que aqui sediou também as estruturas desportivas municipais.

No final do ano letivo 2005/2006 o jardim da Igreja e do Calvário fundiram-se legalmente num único estabelecimento, construído de raiz, dando origem ao jardim-de-infância da Meadela.

A Meadela possui várias instalações de apoio à Educação, o Centro Social e Cultural da Meadela onde está implantado o Centro de Dia para a terceira idade, uma creche e um atelier.

A Associação Cultural de Educação Popular (ACEP) é uma instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos, também existente na freguesia da Meadela. É nesta instituição que as crianças do jardim-de-infância da Meadela fazem o prolongamento a partir das 15:30, esta conta com técnicos especializados que promovem a ocupação dos tempos livres e a aquisição de novas aprendizagens nas crianças. Esta instituição, é assim a componente de Apoio à Família.

Existem também outros serviços de carácter social: associação de moradores da cova, de Portuzelo, associação de dadores de sangue da Meadela e centro de saúde.

Por tradições herdadas, a freguesia da Meadela conta com 2 formações: o grupo folclórico das lavradeiras da Meadela e a Ronda típica da Meadela.

Nesta freguesia existem inúmeros estabelecimentos de pequenas dimensões, no entanto também existem grandes superfícies comerciais.

A fábrica de cerâmica de louça de Viana também é pertencente à freguesia da Meadela e emprega grande parte da mão-de-obra feminina não qualificada.

De carácter religioso, acontece todos os anos no primeiro fim-de-semana do mês de Agosto, a festa em honra de Santa Cristina, padroeira da freguesia.

Na primeira quinzena de Janeiro (15 a 18) festeja-se também na freguesia da Meadela a festa de Santo Amaro, a capela salienta-se pela frontaria com frontão e portal de estilo barroco e pelo singelo altar.

2.2 - Caraterização do jardim-de-infância

O JI onde foi realizada a minha Prática de Ensino Supervisionada, é uma instituição de carácter público.

Esta depende diretamente do ministério da educação, da equipa de coordenação de apoio às escolas de Viana do Castelo e do agrupamento das escolas da Abelheira.

O agrupamento é constituído por 65 turmas, sendo estas do pré-escolar, 1ºciclo, 2ºciclo e 3ºciclo. Tem 1449 alunos, 28 alunos com necessidades especiais. Este também acolhe 120 docentes, 24 auxiliares de ação educativa e mais 29 pessoas que ocupam cargos administrativos, entre outros.

No agrupamento existe Serviço de Psicologia e Orientação Escolar, este é coordenada por uma técnica formada na área que fornece apoio a todas as instituições que fazem parte deste agrupamento.

Esta instituição promove o desenvolvimento pessoal e social das crianças, assente em experiências relacionais do quotidiano, visando uma educação na cidadania, no exercício de liberdade, participação e respeito possibilitando a igualdade

de oportunidades no acesso à escola, promovendo o sucesso na aprendizagem e a interação escola, família e comunidade.

Este JI encontra-se preparado a todos os níveis para receber crianças oriundas de diversos contextos sociais e económicos e para dar resposta às suas necessidades.

Espaço exterior

Na zona exterior do estabelecimento há um amplo recreio. É um espaço bastante agradável e seguro para todos, pois possui piso antichoque, baloiços, escorregas, balancé, casas de madeira e triciclos.

É um espaço bastante colorido no qual as crianças podem correr, saltar, brincar, promovendo assim o desenvolvimento motor e social.

O acesso ao recreio é feito por uma porta de correr de vidro ou pelas próprias salas, ou seja é de fácil acesso para todas as crianças.

É notória a ausência de caixas de areia que permitem que as crianças contactem com diferentes materiais e texturas.

Espaço interior

Este estabelecimento é composto por seis salas e abarca crianças dos 3 aos 6 anos.

A receção aos pais e familiares é feita no hall do estabelecimento onde se encontra uma auxiliar educativa, que anota os avisos e encaminha as crianças ao polivalente até ao momento da chegada das educadoras.

Do lado esquerdo do Hall podemos encontrar uma extensa cantina, que na entrada dispõe de lavatórios demasiado grandes, tendo as crianças mais pequenas dificuldades de acesso.

Do lado direito do Hall o JI dispõe de uma biblioteca bem equipada com livros educativos recomendados pelo plano de leitura, assim como uma sala de direção/reuniões que se encontra equipada com computador, impressora, uma mesa de reuniões, uma secretária, uma fotocopiadora e armários para arrumos e de um sanitário para crianças com deficiência motora.

As salas têm uma ótima iluminação, pois têm portas de vidro que permitem uma boa iluminação natural. Existem dois WC para crianças e nestes os lavatórios não são indicados para as crianças de 3 anos, tendo estas, dificuldades em chegar à torneira para lavar as mãos.

Os cabides das crianças encontram-se divididos por salas e identificados com o nome e a fotografia de cada uma.

Este JI dispõe também de um armazém e de uma escada de acesso à cave.

O polivalente é um local para a realização de atividade física que dispõe de arcos, cordas, 2 bolas saltitonas, 3 bancos suecos, uma ponte de plástico, tapetes e mecos. Este local é também utilizado para a visualização de filmes ou audição de músicas e dispõe de uma televisão, de um DVD e de um rádio.

No que diz respeito aos recursos humanos, esta cantina tem ao dispor duas copeiras e uma cozinheira. Este jardim dispõe de sete educadoras embora uma delas apenas esteja presente duas vezes por semana, visto que o restante tempo se encontra em outros jardins. Relativamente a assistentes operacionais, o jardim apenas dispõe de quatro (rodam entre salas).

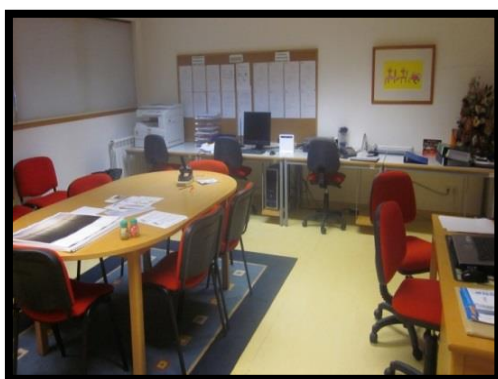


Fig. 2: Sala dos professores



Fig. 3: Recreio



Fig. 4: Cantina



Fig. 5: Hall de entrada



Fig. 6: Polivalente



Fig. 7: Casa de banho

2.3 - Caracterização da sala de atividades

“A organização do espaço e da utilização do espaço são a expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e as finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (OCEPE, 1997, pág. 37)

Deste modo, para além da organização do espaço colidir com níveis desenvolvimentais das crianças, esta também assume um papel preponderante na dinâmica individual e do grupo.

A sala 2 situa-se na ala direita do corredor no sentido Halll de entrada, adjacente à sala 1 e próxima da casa de banho dos adultos. Esta dirige-se para crianças de 3 e 5 anos de idade e pode ser alterada de acordo com o nível desenvolvimental e das necessidades apresentadas pelo grupo.

Esta sala revela uma ótima luminosidade natural e artificial tornando-se assim num ambiente aprazível.

A área da sala 2 não é muito grande, o que condiciona muitas vezes as atividades e distribuição das áreas pela sala, os placardes encontram-se lotados de trabalhos realizados pela Educadora, pela mestranda e pelas próprias crianças.

A sala 2 está assim dividida por áreas, estando a área de reunião em grande grupo no centro da sala, esta área de reunião encontra-se dividida em dois grupos, a mesa dos 3 anos e a mesa dos 5 anos.

Apresento de seguida uma breve descrição das áreas de atividades (fig.9,10,11,12,13,14,15 e 16) organizadas nesta sala e da planta da sala (fig.8).

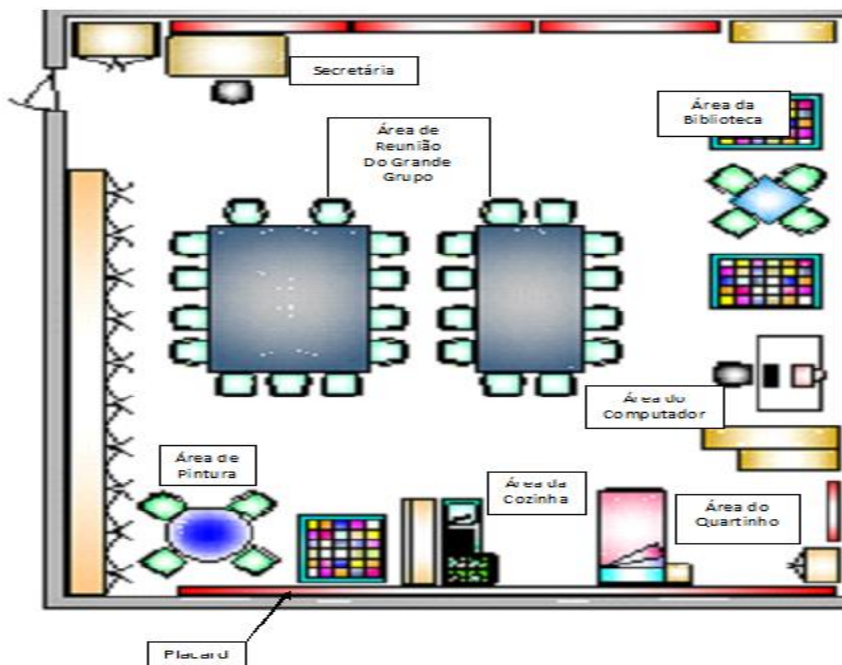


Fig. 8: Planta da sala

Área da biblioteca – A biblioteca é um espaço que proporciona às crianças momentos mágicos, de fantasia e de imaginação através da visualização e manipulação de livros existentes na estante da sala.

Atualmente não se denota uma grande variedade de livros, sendo necessário dinamizar este espaço. É também possível verificar a presença de uma manta e de uma almofada em forma de “minhoca” que permite que as crianças se sentem confortavelmente nesta área.



Fig. 9: Área da biblioteca

Área dos jogos de mesa – Esta área encontra-se no seguimento da biblioteca sendo que estas duas áreas encontram-se divididas por um armário. No que diz respeito ao mesmo, contem alguns jogos de mesa (puzzles, jogos de contagem).

Esta área dispõe de uma mesa quadrada embora não existam cadeiras destinadas à mesma, pois cada sala só pode dispor de um número limite de cadeiras, o que leva as crianças a deslocar as cadeiras da área de reunião em grande grupo.



Fig. 10: Área dos jogos de Mesa

Área do quarto – Esta área encontra-se ao lado do computador e a sua linha de separação é também delineada por dois armários. Relativamente a esta área, esta é composta por uma de cama pequenas dimensões, bonecas um pequeno tapete no chão, um grande espelho colocado na parede, uma pequena mesa-de-cabeceira, um guarda-fatos e uma pequena cómoda, que contem roupas e acessórios para as bonecas.



Fig. 11: Área do quarto

Área da cozinha- A área da cozinha encontra-se ao lado da área do quarto, na qual as crianças poderão explorar livremente os seguintes materiais: um carrinho, que funciona como bandeja, uma pequena mesa, quatro cadeiras coloridas, dois armários que funcionam como lava loiça e outro que contém peças representativas da cozinha, uma pequena vassoura e apanhador e por fim, um fogão.



Fig. 12: Área da cozinha

Área dos jogos de construção – A área dos jogos de construção encontra-se ao lado da área da cozinha, é um espaço que permite às crianças desenvolver a sua criatividade assim como a motricidade fina, na medida em que manipulam as peças de encaixe.

Neste sentido, esta área é constituída por uma manta colocada no chão, dois baús com legos e um cesto com peças em plástico. Por outro lado, este espaço é composto também por um armário constituído por várias gavetas coloridas onde as crianças podem colocar os materiais após os momentos de brincadeira e de faz-de-conta.



Fig. 13: Área das construções

Área da mesa de trabalho – Este espaço é proporcionado para a realização de trabalho de expressão plástica e para a realização de trabalhos de grande e pequeno grupo a realizar pelas crianças.

Neste espaço as crianças também trabalham a área da plasticina, disponíveis em várias cores e existem também instrumentos de plástico que as crianças podem utilizar como utensílios que ajudam na modelagem das suas produções.



Fig. 14: Área da mesa de trabalho

Área do quadro de giz – Este quadro encontra-se pendurado na parede e permite às crianças explorarem um outro tipo de material, que é o giz e “darem asas à imaginação”. Esta pequena área serve também de auxílio às rotinas diárias e dispõe de giz de várias cores e de um apagador.



Fig. 15: Área do quadro de giz

Área da informática – As crianças têm à sua disposição um computador com jogos didáticos ligados ao domínio da matemática, da expressão musical, do conhecimento do mundo, entre outros. É uma área potenciadora de várias aprendizagens que tem vindo a ser cada vez mais utilizada, sempre com o acompanhamento de um adulto.



Fig. 16: Área da informática

Cada área possui um número limitado de crianças, constituindo uma regra a ser cumprida na sala de atividades. Estão ainda incluídos os quadros das rotinas, como o quadro semanal das presenças, o quadro do tempo, o quadro da temperatura, o quadro do comportamento, o quadro dos aniversários e o quadro do chefe.

Cada criança tem uma capa individual onde a educadora guarda todos os trabalhos, também cada uma tem o seu próprio material que está guardado num porta

lápiz, este tem o seu nome e a sua fotografia para que possam identificar o seu material.

2.4 - Caracterização da faixa etária da sala com base na literatura

Tendo em conta o contexto da prática de PES I e II apresenta-se de seguida uma breve caracterização do grupo com o qual se desenvolveu a prática, contemplando uma evolução das crianças. O grupo de crianças era constituído por 13 crianças de 3 anos e 12 crianças de 5 anos. As diferentes crianças eram provenientes de diferentes estratos sociais e económicos.

Assim podemos considerar o grupo heterogéneo, visto que é composto por crianças de diferentes idades. Apesar desta diferença de idades é um grupo bastante aplicado e tem bem presente as regras da sala e da instituição. Na maioria das vezes existe entreajuda, operam nas tarefas uns dos outros e gostam de realizar atividades em pequeno e grande grupo.

Perante uma observação direta foi possível verificar que, no que diz respeito à formação de hábitos de partilha, convivência e interiorização de regras o grupo é bastante colaborativo.

A Área de Formação Pessoal e Social “ é considerada como área integradora de todo o processo de educação pré-escolar” (DEB, 1997, pág.20), sendo que as crianças têm oportunidade de comunicar com o outro, aprendendo a compreender as regras e os valores que as rodeiam.

Cabe assim ao educador promover atitudes que estimulem o sentido moral e a cidadania, inculcando hábitos de higiene e saúde, comportamentos de auto-estima, confiança e autonomia.

A maior parte do grupo mantém um clima afetivo com os pares, existindo ainda alguma dificuldade nos mais novos na partilha de objetos e brinquedos. No que diz respeito à autonomia as crianças deste grupo revelam-se bastante autónomas nas tarefas diárias, bem como na sua higiene pessoal.

Assim as crianças desenvolvem nesta área conhecimentos úteis à vida diária e também para aprendizagens futuras (Spodek & Saracho, 1998).

A **Área de Expressão e Comunicação**, assimila em si diferentes domínios, nomeadamente o Domínio das Expressões (Motora, Dramática, Plástica e Musical), o Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita e por fim o Domínio da Matemática.

Assim, pode considerar-se que esta “engloba aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor, simbólico e progressivo relativamente às diferentes formas de linguagem” (DEB, 1997,pág.58)

No **Domínio da Expressão Motora**, Segundo Gallahue (2002), a criança progride sequencialmente e de um modo segmental de um estágio (inicial, elementar, amadurecido) para o outro. Este desenvolvimento é bastante condicionado pelas condições ambientais, o encorajamento e o ensino.

Segundo Gallahue (2002), entre os 3 anos e os 6 anos a criança encontra-se na fase do movimento fundamental, assim sendo podem variar entre o estado inicial no caso das crianças com 2/3 anos de idade, e o estado elementar, nas crianças com mais de 4/5 anos de idade e por fim o estado maduro nas crianças entre os 6 a 7 anos.

As crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos desenvolvem gradualmente as suas capacidades motoras tanto ao nível da sua motricidade fina “capacidade de manipulação de pequenos instrumentos e objetos, requerendo uma coordenação meticulosa ao nível da mãos e dos dedos, podendo envolver a coordenação olho-mão” (Portugal & Laeavers, 2010, pág. 52) bem como, ao nível da motricidade grossa:

“Diz respeito à forma como cada um de nós se movimenta e utiliza o corpo em diversas situações com vista a alcançar certos objetivos. Inclui a capacidade para coordenar diferentes partes do corpo e para controlar o sistema neuro muscular em relação a uma variedade de espaços, objectos, sinais e tarefas”

(Portugal & Laeavers , 2010, pág.54)

Após este semestre pude constatar que o grupo de crianças do contexto do PES, se encontra no estado inicial e estado elementar na fase do movimento, no entanto, grande parte das crianças ainda apresenta dificuldades na definição de

lateralidade, equilíbrio, coordenação e algumas crianças demonstram falta de confiança em si mesmas.

São visíveis em todas as crianças diferenças entre padrões, uma criança pode estar no estado inicial em alguns padrões, no elementar em outros e no amadurecido nos restantes. “As crianças não apresentam uma taxa de progressão constante no desenvolvimento das suas capacidades motoras fundamentais” (Gallahue, 2002). Assim o desenvolvimento deve ser encarado como um processo de variações dentro de cada padrão.

Relativamente ao **Domínio da Expressão Dramática** “É um meio de descoberta de si e do outro (s) e de afirmação de si próprio na relação com o outro (s)” (OCEPE, 1997, pág.59).

É através deste domínio que a criança interage, cria, recria e participa criando situações de comunicação verbal ou não verbal. Através deste domínio a criança pode contactar com o jogo simbólico, o jogo dramático, fantoches ou sombras Chinesas.

Estes suportes permitem à criança atribuir significados a materiais, desenvolver a imaginação, mimar, imitar, dramatizar, brincar, recriar. Assim, a expressão dramática permite que as crianças tomem consciência das suas atitudes, da realidade e até de situações sociais.

Alberto B. Sousa (2003) numa visão sobre Slade diz-nos que a criança sai do egocentrismo e entra na audiência, porém não podemos afirmar que exista aqui uma representação pois a criança nesta faixa etária não sabe ler nem age para representar.

Assim, as crianças entre os 0 aos 5 anos revelam:

“- Início do drama através do jogo;

- Muitas das ações da criança tomam a forma circular através de movimentos de todo o corpo;

- O círculo é o espaço vital do corpo; as autoexperiências centram-se no espaço próximo, sendo conquistado por etapas.” (Sousa, 2003, pág. 40)

No que diz respeito ao **Domínio da Expressão musical**, esta, “assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos que a criança produz e explora

espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir” (OCEPE, 2007, pág. 63).

A criança utiliza as propriedades dos sons, voz, música, timbre, melodia, ritmo, volume para expressar experiências, emoções e sentimentos de forma pessoal. Deste modo, ao longo da prática profissional pude constatar que a criança gosta do contacto com a música, através de canções e movimentos associados a uma coreografia. Através da música, as crianças agilizam o processo de comunicação, imaginação e criatividade, no entanto é necessário que os adultos dediquem o tempo necessário à compreensão e expressão musical.

“A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (OCEPE, 1997, pág. 64).

“Através das expressões, tal como a expressão musical permitem que as experiências das crianças ganhem para si próprias mais significado e intensidade, ao mesmo tempo que são comunicáveis aos outros” (Leavers, 2010, pág.56).

Através do **Domínio da Expressão Plástica** a criança pode contactar com diferentes materiais, texturas, cores, tamanhos, bem como, com várias técnicas (colagem, decoupage, raspagem, pintura, recorte, desenho, construções, esculturas).

“Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança, que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considere acabado” (DEB, 2007, pág. 61).

Os materiais usados neste domínio, tais como o lápis, o marcador, a tesoura e o pincel permitem à criança desenvolver a motricidade fina através da manipulação de pequenos objetos desenvolvendo assim novos padrões de movimento.

“O seu principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através de materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança.”

(Sousa, 2003, pág. 160)

No **Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita** a aquisição da **linguagem oral** é um processo de extrema importância, e é “um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interação com os outros constrói natural e intuitivamente o sistema linguístico da comunidade onde está inserida” (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008, pág.11).

Segundo as OCEPE (2007), a linguagem oral pode ser estimulada através da comunicação, fomentando o diálogo e assim alargar o vocabulário, através de rimas, lenga lengas, trava línguas, adivinhas, poesia, canções, entre muitos aspetos ligados à linguagem verbal e não-verbal (mímica, sentimentos, gestos).

De acordo com Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) “os domínios do desenvolvimento subdividem-se em quatro fases, o desenvolvimento fonológico e sintático, o desenvolvimento semântico e o desenvolvimento pragmático” (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008, pág. 25).

No que diz respeito ao desenvolvimento fonológico este caracteriza-se pela discriminação e articulação dos sons da fala, o desenvolvimento semântico é o desenvolvimento das palavras, frases e discursos, o desenvolvimento sintático consiste nas regras de organização de palavras e frases e o desenvolvimento pragmático centra-se basicamente nas regras conversacionais.

A maioria das crianças deste grupo consegue comunicar com clareza, narrar acontecimentos, situações do quotidiano, compreender o que lhes é pedido ou informado, bem como, as mensagens que as histórias lhes transmitem.

No entanto, para afirmar que a criança se exprime é preciso saber controlar se o que ela diz corresponde aquilo que ela quer comunicar, é portanto indispensável que a sua produção/o seu discurso seja interpretável pelo seu interlocutor.

Contudo é necessário “não desprezar a influência que a criança exerce sobre o seu meio ambiente”. (Lentin, 1998, pág. 48)

Na **Linguagem Escrita** as crianças do grupo compreendem as funções da linguagem escrita enquanto forma de comunicação, a um nível básico reconhecem símbolos, pictogramas, sinais e estabelecem ligações entre letras e sons.

“As crianças desde muito pequenas, por volta dos 3 anos, sabem distinguir a escrita do desenho, mais tarde, sabem também que uma serie de letras são iguais, não formam uma palavra, começando a tentar imitar a escrita e a reproduzir o formato do texto escrito”

(DEB, 2007, pág. 69)

Para que a criança possa mobilizar diferentes funções da linguagem escrita é necessário considerar quatro aspectos que se complementam. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), os quatro aspetos são: 1) demonstrar interesse, 2) identificar funções, 3) identificar diferentes características de suportes com diferentes funções, 4) adequar a função à situação.

Um aspeto que não podemos menosprezar é que o desenho também é um fonema de escrita e pode substituir muitas palavras.

No que diz respeito ao meu grupo são várias as crianças que demonstram interesse pela “leitura”/ decifração das gravuras de um livro, contando elas mesmas a história.

No **Domínio da Matemática**, o grupo de trabalho em que me encontro todos os dias é explorada a aprendizagem da matemática através das rotinas diárias como por exemplo: quadro de tempo, quadro de presenças, quadro de temperatura, calendário individual.

“As crianças através de situações do quotidiano vão construindo noções matemáticas. Para que possam construir e desenvolver noções matemáticas é necessário que o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas”

(OCEPE,2008, pág. 74)

Todos estes elementos proporcionam à criança momentos de contagem e contacto com o número para que possam de forma gradual compreender o sentido do número e relacionar os números a uma quantidade.

Segundo Castro & Rodrigues, “as capacidades operativas emergem e perante problemas do seu quotidiano envolvendo adições e subtrações, as crianças desenvolvem estratégias operativas utilizando contagens, que devem ser atentamente seguidas pelo educador com o objetivo de os encorajar e explicitarem os seus métodos” (Castro & Rodrigues, pág.13).

Para isto é necessário que no período da educação pré-escolar sejam trabalhados temas fundamentais como: números e operações, geometria e medida, organização e tratamento de dados e por fim álgebra. É também relevante que a criança contacte com tarefas diversificadas e contextualizadas.

Para finalizar, a última área destacada pelas OCEPE (1997), a **Área do Conhecimento do Mundo**, refere a curiosidade da criança, o desejo pelo saber e a busca intensiva de compreender o mundo que a rodeia.

Para que as crianças conheçam o seu mundo, é necessário ter à disposição uma série de materiais para que possam explorá-los livremente, estando assim a aprender.

Os quadros do tempo revelam-se um bom exemplo para a exploração e compreensão do mundo que as rodeia. “Se a observação do tempo faz parte de muitos contextos da educação pré-escolar, os conhecimentos de, meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspetos que interessam as crianças e que podem ter um tratamento mais aprofundado”. (DEB, 2007, pág. 81)

“Inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de Educação Pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo, como por exemplo: saber nomear e utilizar diferentes equipamentos e utensílios, utilizar objetos para construir novas formas, reconhecer e nomear diferentes cores, sensações, sentimentos.”

(DEB, 1997, pág.29)

Segundo Martins, P. Isabel [et al] (2007) podem ser abordados cinco módulos temáticos: atividades sobre a água, atividades sobre a força e o movimento, atividades sobre a luz, sobre objetos e materiais e atividades sobre seres vivos.

Também na realização de diferentes atividades possíveis de concretizar neste contexto, o educador exerce um papel fundamental no que respeita à “forma como as atividades laboratoriais são organizadas e concebidas”. (Peixoto, 2008).

Relativamente a esta área as crianças deste grupo compreendem as regras de higiene, identificam diferentes partes do corpo e identificam os estados do tempo na sequência dos dias da semana, porém esta área é ainda pouco trabalhada em contexto de sala de atividades e fora desta.

Concluindo, percebe-se que promovendo e desenvolvendo o bem-estar de cada criança bem como a diversidade e diferenciação curricular permite que as crianças desenvolvam o pensamento, as aprendizagens e as competências sociais e pessoais.

2.5 - Implicações e Limitações do contexto no decorrer da investigação

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, pude perceber que são inúmeros os fatores que contribuem para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

Neste sentido, um aspeto relevante, é o espaço educativo, pois determina e influencia o bom desenvolvimento das atividades, “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (DEB, 1997, pág. 37).

Ao longo do semestre, pude constatar que as infra-estruturas onde desenvolvemos a PES, reúnem as condições necessárias para promover a socialização e as aprendizagens essenciais para a vida social, quer no espaço interior quer no espaço exterior.

No que se refere ao meio, a instituição encontra-se numa aldeia bastante desenvolvida e maioria das crianças reside neste local ou nos arredores. É de salientar que cada criança apresenta um nível desenvolvimental distinto, assim sendo, o trabalho individual ou em pequeno grupo, destaca-se como uma grande estratégia de trabalho, possibilitando ao educador uma avaliação mais precisa. Não posso descorar

as atividades em grande grupo, pois as crianças, têm tendência a uma maior participação e partilha de ideias.

Outro aspeto fulcral no desenvolvimento das crianças, são as relações que estas estabelecem com os seus familiares, com a comunidade educativa e com os colegas para um bom desenvolvimento cognitivo.

“Não só os progenitores biológicos femininos e masculinos, como também os encarregados de educação, os familiares largamente responsáveis, em termos temporais, pelas crianças e, ainda, aqueles que, tendo com estas algum tipo de ligação, se constituíam como interlocutores privilegiados juntos do jardim-de-infância.”

(Homem, 2002, pág. 14)

Segundo Portugal & Laeavers (2010), “as crianças para se sentirem em casa, no jardim-de-infância, devem dispor de necessidades físicas, necessidades de afeto, necessidades de segurança, necessidades de reconhecimento e afirmação, necessidades de se sentir competente e necessidades de significados e valores” (Portugal & Laeavers, 2010, pág. 116).

Não podemos descurar a relevância das experiências de vida das crianças, a sua cultura, as suas vivências, as suas experiências e os conhecimentos que já adquiriram, pois estes fatores são pontos de partida imprescindíveis para melhorar as aprendizagens das crianças.

Nas OCEPE (1997) distinguem-se 3 tipos de condições favoráveis para que cada criança possa iniciar o 1º ciclo com possibilidades de sucesso: as que dizem respeito ao comportamento da criança no grupo, as que se relacionam com atitudes e as que implicam determinadas aquisições essenciais.

Relativamente às infra- estruturas onde desenvolvi a PES I, as condições necessárias são cumpridas, para que se proporcionem momentos de aprendizagem e momentos de caráter informal.

No que diz respeito aos materiais, as crianças dispõem de individuais ou coletivos.

“Os materiais coletivos favorecem a convivência e o trabalho compartilhado, ao mesmo tempo ajuda a criança no processo de adaptação às normas do grupo, a respeitarem-se, a aceitarem-se mutuamente e a compartilhar materiais. Os materiais de uso individual, permitem que cada criança siga o seu próprio ritmo, respeitando os seus interesses e as suas capacidades”.

(Giner, 2008, pág.355)

Outro aspeto fulcral é a organização e a disposição dos materiais na sala de atividades, cabe ao educador definir “prioridades na aquisição do equipamento e do material, de acordo com as necessidades das crianças e o seu projeto pedagógico, tendo em conta critérios de qualidade.” (DEB,1997,pág.39)

Parte II

Capítulo I

Enquadramento do Estudo

Este capítulo apresenta o enquadramento e a congruência deste estudo, onde se abarcam aspetos fundamentais sobre o mesmo. Este encontra-se subdividido por cinco secções sendo que, a primeira secção aborda a contextualização e a pertinência do estudo; a segunda secção expõe a problemática deste estudo; na terceira secção são apresentadas as questões de investigação; a quarta secção contempla as finalidades deste estudo, sob as quais se espera dar resposta à questão de investigação formulada e, por fim a quinta secção que diz respeito à organização deste estudo.

1.1 - Contextualização e Pertinência do Estudo

“A música está presente em todas as culturas e pode ser um fator determinante no desenvolvimento motor, linguístico e afetivo de todos.” (Martins, 2004). Após o contacto diário com as crianças da sala 2 do JI da Meadela o investigador apercebeu-se que no Domínio da Expressão Musical, não havia um contacto direto com instrumentos musicais e audição de obras musicais.

Assim, é um estudo que aliado ao domínio da Expressão Musical envolve o Domínio da Abordagem à Linguagem Escrita, ambas relacionadas com a temática animal através da história “A Arca do Zé” (anexo 1) do autor José Camacho.

Este estudo baseia-se na necessidade de proporcionar experiências musicais diversificadas nas suas aprendizagens em sala de atividades. Esta deve-se ao facto de a Expressão Musical ser inexistente ao longo da PES I.

A Expressão Musical é uma das expressões mais importantes nas aprendizagens das crianças, pois assim as crianças ao explorarem a música através dos sons e ritmos, do escutar, cantar, dançar e criar, adquirem novos conhecimentos e aprendizagens de forma lúdica. Segundo as OCEPE:

“A expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros. A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar”.

(DEB, 1997, pp.63, 64).

A temática animal foi um ponto de partida motivador para as aprendizagens das crianças pois estas mostraram-se bastante susceptíveis às histórias infantis que envolvem animais e as suas relações.

Desta forma o objeto do estudo desta investigação é perceber como é que as crianças nesta faixa etária reagem ao contacto com a Expressão Musical, avaliar o gosto e a motivação e perceber os seus benefícios. Cezero (1997), afirma que: “ Uma proposta verdadeiramente didáctica de formação musical não deve ficar pelo jogo, ou pela canção.” (Cezero, 1997, pág. 1337).

Assim, este projeto foi selecionado de modo a minimizar uma lacuna existente na sala de atividades.

1.2 - Problemática do Estudo

Com base nas observações realizadas durante a PES I e II, diagnosticou-se a necessidade de neste grupo de crianças implementar atividades no domínio da Expressão Musical.

O tema proposto para a investigação surgiu da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I pois com as implementações realizadas foi verificada a ausência de atividades no que diz respeito ao domínio da Expressão Musical.

De forma a potenciar estas pretensões optou-se por fazer um conjunto de atividades inerentes a esta temática. A história “ A Arca do Zé “ foi o pilar de todas as ações levadas a cabo.

1.3 - Questões de investigação

Partindo da problemática anteriormente transcrita, definimos a seguinte questão de investigação:

- ✓ Como é que as crianças reagem à exploração de atividades no âmbito da Expressão Musical?
- ✓ Qual a motivação das crianças na implementação do projeto “ A Arca do Zé?”
- ✓ Qual o impacto do projeto “ A Arca do Zé” nas crianças e na comunidade educativa?

1.4 - Finalidades da investigação

- ✓ Adquirir novos conhecimentos e novas experiências;
- ✓ Proporcionar às crianças o contacto com instrumentos musicais;
- ✓ Potenciar o envolvimento parental;
- ✓ Possibilitar às crianças musicar a história “A Arca do Zé”;
- ✓ Identificar vantagens da aplicação da Expressão Musical;
- ✓ Entender a ação do professor enquanto mediador e investigador;
- ✓ Proporcionar às crianças momentos de ludicidade e de expressão.

1.5 - Organização do estudo

A segunda parte deste trabalho contempla cinco capítulos fundamentais para este estudo.

O primeiro capítulo faz referência ao enquadramento do estudo, que aborda aspetos como problemática do estudo, questões de investigação, pertinência do estudo, e a sua organização.

No segundo capítulo é apresentado o enquadramento teórico onde nos debruçamos nas reflexões de alguns autores para a compreensão de conceitos e teorias referentes à expressão musical. Aqui é focada a importância da Expressão Musical em contexto de Educação Pré- Escolar, os instrumentos musicais no JI, o envolvimento parental em contexto educativo e por fim a importância dos projetos educativos no JI.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia de investigação que determina este estudo, onde é revelado o método de trabalho de projeto, os instrumentos de recolha de dados e as vantagens e desvantagens da sua utilização e ainda as questões éticas aplicadas à mesma.

O quarto capítulo é inerente à análise e discussão de dados. Quanto ao quinto e último capítulo, este sintetiza as conclusões de todo o estudo, por consequência de análise, discussão e tratamento de dados obtidos.

Capítulo II

Fundamentação Teórica

Os propósitos desta investigação são o reflexo de uma observação percebida face a um contexto educativo, em particular um jardim-de-infância.

Este capítulo abrange o enquadramento deste estudo onde consta uma análise à literatura envolvente. Assim, como suporte debruçamo-nos na perspectiva de vários autores para defender aspetos relevantes como a importância da Expressão Musical em contexto de Educação Pré- Escolar, os instrumentos musicais no jardim-de-infância, o envolvimento parental em contexto educativo e por fim a importância dos projetos educativos no jardim-de-infância.

2.1- A importância da expressão musical no contexto da educação pré-escolar

“Acreditamos que a educação deve ter como objetivos principais a arte de viver, a construção da identidade pessoal e o desenvolvimento da criatividade. Uma vez que o estudo da música pode contribuir para estes fins, propomos que a música passe a fazer parte do núcleo duro do currículo escolar”.

(Choate, 1968,pág. 39)

A criança desde muito cedo mantém um contacto com um ambiente musical rico, tal como refere Sousa:

“A criança, ainda no útero da sua mãe, por volta do sexto mês, já ouve os sons do batimento do coração e a voz da sua mãe, (...) quando já há sons que lhe são familiares e que integram o universo sonoro em que viverá”

(Sousa, 2003, pág. 19).

Deste modo, a educação musical na infância surge com o objetivo de despertar a atenção da criança para o mundo dos sons e um envolvimento profundo na música que faz parte da sua vida.

Os pais e os professores têm o papel de encorajar e evidenciar uma atitude positiva face aos esforços da criança relativamente à expressão musical. (Gordon, 2000, pág.319)

Segundo Sousa (2003), em crianças com “3 anos de idade está já definida a capacidade de distinguir o relevante, mas de modo muito rudimentar e processando-se com dificuldade” a nível do desenvolvimento e da atenção auditiva (Sousa, 2003, pág. 49), sendo capaz de formar uma imagem mental em relação a sons proporcionados por um instrumento apresentando também, segundo o mesmo autor “um desenvolvimento elevado do senso rítmico e do ouvido melódico” (Sousa, 2003, pág. 61).

Nas crianças com 4 anos de idade, é notória uma atenção focada para os “aspetos mais salientes de um trecho musical” (Sousa, 2003, pág. 50) sendo que crianças compreendidas entre os 2 e os 4 anos, têm tendência a utilizar estratégias de organização fracas, no que respeita a detenção de lembranças na memória a longo prazo, sendo que aos 4 anos a memória de recordação é 75 por cento mais fraca que a memória de reconhecimento, sendo que, segundo Piaget, (1976) ainda não existe uma noção consciente da simultaneidade sonora, não sendo capaz de comparar diferentes tempos e de os reproduzir intelectualmente, apenas conseguindo acompanhar o som de forma intuitiva.

Segundo as OCEPE, (1997) o educador deve promover um trabalho em sala de atividades que se centre numa exploração dos ritmos e dos sons, promovendo atividades lúdicas diversificadas, para que a criança, livremente, vá aprendendo a identificar e a produzir sons com base em diferentes características do mesmo, nomeadamente: intensidade, altura, timbre, duração, pulsação e melodia (DEB, 1997, pág. 55 e 56).

Para Gordon (2008), o que uma criança aprende nos primeiros anos de vida é fundamental para o desenvolvimento educativo. Se uma criança não tiver

oportunidade para desenvolver um vocabulário de audição musical, as células que deveriam ter sido utilizadas para desenvolver esse sentido, serão direcionadas para outros sentidos.

Se os adultos dedicarem mais tempo ao desenvolvimento musical das crianças em idade pré-escolar, estas virão a sentir-se cada vez mais à vontade neste domínio.

A expressão musical deve constituir uma oportunidade para trabalhar o movimento, para que se atue sobre a “representação corporal dos valores musicais” e a “interpretação pelo gesto dos elementos principais da música por excelência” (Jacas, 2004).

Segundo Dalcroze, (1965) “Não é suficiente desenvolver na criança as faculdades auditivas para fazê-la amar a música, já que nela o elemento mais impetuosamente sensorial, o mais estritamente ligado à vida, é o ritmo, o movimento” (Dalcroze apud Jacas, 2004, pág. 245).

Segundo Gordon (2000), é fulcral que as crianças contactem bastante com a música através da audição para que posteriormente entoem e cantem o que ouviram, através deste processo as crianças desenvolvem as suas capacidades linguísticas.

Peery (2002) refere-se à música como sendo parte da vida de uma criança “com as experiências em família, o contacto com a rádio e a televisão, a participação em serviços religiosos, as disciplinas de música do currículo escolar, o jogo e as atividades recreativas organizadas” (Perry, 2002, pág.461).

Podemos ainda fazer referência a Benedetti e Kerr (2009) que defendem a disciplina de Educação Musical como sendo um espaço privilegiado para colocar em prática “todas as possibilidades educativas, desenvolvimentais e integradoras da música” (Benedetti e Kerr, 2009, pág. 86), uma vez que promove a vivência musical do aluno, numa prática coletiva que lhe abre novos horizontes para além dos que adquire no seu quotidiano, ampliando desta forma o “...significado social da música na vida das crianças na comunidade escolar, na comunidade na qual a escola está inserida e, consequentemente, na sociedade como um todo” (Benedetti e Kerr, 2009, pág. 88).

A unidade sonora que a criança vivencia no seu cotidiano ouvindo, memorizando, cantando e dançando, parecem aproximar a criança da música que lhe é familiar.

Benedetti e Kerr (2009) afirmam que as “práticas musicais quotidianas quase sempre adquirem um sentido mais musical para as crianças, quando comparadas às práticas musicais escolares” (pág. 92), reforçando a ideia de que “...o elemento execução ou performance, quando coletivo, é um dos que apresenta maior poder de envolver e dar sentido à música. Além dele, o contexto sociocultural de performance terá o poder de envolver o interesse da criança se, além de ser coletivo, ele também tiver um status social positivo” (Benedetti e Kerr, 2009, pág. 96).

Para, Wuytack (1995), a audição tem um lugar importantíssimo em todas as atividades musicais e através desta a criança desenvolve a sensibilidade auditiva, no entanto esta varia de acordo com a sensibilidade característica de cada criança.

Todos os sons que a criança identifique auditivamente, deve saber reproduzi-los de modo a que não saibam só ouvir mas reproduzir o que ouvem (Tornado, 1997).

Segundo Gordon (2008), a audição é a base da aptidão musical, esta ocupa um lugar relevante nas atividades que constituem a experiência musical.

Atividades que envolvam a educação auditiva, se forem trabalhadas metodicamente podem evoluir de modo bastante significativo que podem ajudar a criança a melhorar a sua articulação relativamente ao sons que produz, melhorar os níveis de concentração e apresentar graficamente esquemas percebidos (Jacas, 2004).

Nas audições musicais proporcionada às crianças, não podemos esquecer que estas têm um caráter lúdico e podem ser feitas de inúmeras formas como:

- ✓ Esquemas rítmicos;
- ✓ Canções;
- ✓ Poemas;
- ✓ Danças;
- ✓ Contos.

Deste modo e através de todos estes núcleos de aprendizagem pretende-se que a criança desenvolva com variedade e contactando com diferentes atividades o

gosto e o interesse pela música mostrando assim disponibilidade e abertura a novas atividades. (Tornado, 1997)

Segundo as orientações curriculares para a educação pré- escolar (1997), a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), a altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros.

Segundo Gordon, “ Os alunos mais pequenos aprendem mais lentamente competências que envolvam coordenação motora, como técnica instrumental, mas adquirem mais rapidamente a competência da audição do que os alunos mais velhos. “ (Gordon, 2000, pág.357)

Nas orientações curriculares para a educação pré- escolar, a expressão musical é uma área a ser abordada pelos educadores de infância “A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve na educação pré- escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, dançar, tocar e criar” (OCEPE, 1997,pág. 64).

As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento sócio afetivo da criança. Estas permitem envolver também as crianças mais tímidas e inseguras, pois sentem-se mais confiantes quando cantam canções em grupo, tocam instrumentos em grupo, ouvem música em grupo, entre outras atividades que a expressão musical pode proporcionar. O som, o ritmo e a melodia despertam na criança, momentos de felicidade, socialização e prazer .

Segundo Nascimento (1996), os objetivos a serem definidos na educação pré- escolar são:

“1.Aprender a cantar afinadamente.

2.Aprender a responder ritmicamente à música através de movimento criativo e expressão instrumental.

3.Aprender a tocar instrumentos simples que não requerem coordenação muscular fina.

4. *Aprender a ouvir atentamente.*
5. *Desenvolver conceitos musicais apropriados a idade.*
6. *Criar música que lhes satisfaça.*
7. *Respeitar e valorizar a música como uma parte da vida cotidiana.”*

(Nascimento,1996,pág.22)

Swanwick (2006), um dos mais importantes teóricos do nosso tempo, vem juntar às teorias clássicas de desenvolvimento, ideias, baseadas na sua prática enquanto docente. Este autor acentua a ideia de que os professores, na sala de aula tem de ser conscientes das suas intencionalidades na expressão musical, pois estes não podem deixar de considerar que a música é coerente, transcendente e culturalmente útil.

Swanwick (1979), na sua obra *A Basic For Music Education* acentua a ideia que existem dois pontos importantes na educação musical, um deles diz que os professores deverão criar experiências musicais com determinado objetivo, de acordo com o segundo, os alunos deverão representar diferentes papéis e uma variedade de ambientes musicais.

2.2 - Instrumentos musicais no jardim-de-infância

Muitas vezes o acompanhamento rítmico nem sempre necessita da utilização de instrumentos, pois o corpo humano permite muitas possibilidades de acompanhamento (bater palmas, assobios, marcar a pulsação), também é importante que a criança se familiarize com os instrumentos para que possa de modo criativo utilizar alguns objetos para construir instrumentos não convencionais. (Tornado, 1997).

Por conseguinte, Tornado afirma que:

“O uso de instrumentos de percussão, oferece uma série de amplas e diversas possibilidades associadas com setores tao importantes como:

- *A psicomotricidade;*

- *A produção de sons, destinados principalmente ao acompanhamento;*
- *O caráter lúdico da música, já que todos os gestos e movimentos utilizados no manejo de instrumentos de todo o tipo de incorporam no jogo.”*

(Tornado, 1977, pág.1382)

Para Guerreiro, Morais e Caiado (1985), a voz e a percussão são elementos importantíssimos e é a partir destes que a criança se poderá envolver na expressão musical em conjunto com a utilização mais ou menos elaborada de instrumentos musicais. Os instrumentos permitem uma variedade tímbrica, de duração, variedade e intensidade.

Gordon refere que os alunos quando tocam instrumentos em conjunto, os resultados são mais positivos do que quando tocam individualmente. (Gordon, 2000)

Guerreiro, Morais e Caiado (1985), referem a utilização direta de materiais e objetos como um aspeto a considerar. Deste modo entendem como relevante e enriquecedor a exploração sonora que a criança faz com diferentes materiais – madeira, metal, vidro, papel, cordas e elásticos, pedras e água entre os 3 e os 7 anos, pois nestas idades essa manipulação e exploração são predominantes.

É desta forma que a experimentação de materiais e objetos e a sua utilização lúdica pela criança, possibilita a aquisição de uma linguagem adequada ao som.

Para Gordon quanto mais cedo as crianças iniciem o seu contacto com instrumentos, mais facilmente os conseguem aprender:

“Assim, não há uma idade cronológica correta em que os alunos devam começar a estudar um instrumento musical. O que sabemos, porém, é que quanto mais pequenos forem os alunos, quando começam a tocar um instrumento, melhor conseguem desenvolver a sua técnica e competência de audição e, logo, em última análise, mais conseguem aprender.”

(Gordon, 2000, pág.357)

Peery (2002), refere que a principal motivação das crianças em expressão musical é aprender a tocar um instrumento, isto acontece em qualquer idade, as crianças gostam de ser capazes de tocar um instrumento.

Karl Orff (1982) tentou aproximar o seu método de educação musical à natureza e ao corpo humano. Assim Orff (1982) cria um conjunto de instrumentos de percussão (xilofone, metalofone, etc.) cujos movimentos de execução são semelhantes aos que produzem os ritmos corporais. O seu método de ensino da música faz com que as crianças revelem a sua criatividade, a sua motivação e o seu entusiasmo através desses instrumentos de percussão, inicialmente produzindo ruídos muito simples e depois produções que se tornam cada vez mais elaboradas.

2.3 - O envolvimento parental em contexto educativo

As OCEPE (1997) referem os pais na escola enquanto participantes do projeto educativo e atores sociais no dia-a-dia das escolas, procurando estar presentes e envolvidos em situações educativas, planeadas pelo educador.

“Assim, a colaboração dos pais e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.” (OCEPE,1997,pág.45).

A educação deve ter assim como propósito potenciar a relação escola – família e nunca separar este processo, tal como nos alerta Marques (1999) quando indica que existem pais difíceis de alcançar e escolas difíceis de alcançar.

A ideia do presente estudo vai mais além do que foi referido anteriormente pois engloba toda a comunidade educativa, auxiliares, familiares e crianças.

A ligação da escola, com os pais, família e comunidade deve ser pois uma prioridade na intervenção dos profissionais de educação. As crianças gostam que os pais participem ativamente nas suas realizações e regra geral os pais gostam de colaborar nos projetos dos filhos.

Segundo Marques (1999), a ligação da escola com os pais, família e comunidade deve ser entendida como uma prioridade na intervenção dos profissionais

de educação. O envolvimento parental é uma estratégia eficiente quando há união de forças para o desenvolvimento infantil.

Projetos em que a música, a educação e a família abracem resultarão certamente em projetos baseados num enlace entre a situação de compromisso, aculturação musical e envolvimento com os filhos. (Sousa, 1999; Peery 2002)

“A escola e a família não se podem ignorar porque ambas estão envolvidas na educação dos mesmos indivíduos e ao comunicar entre si influenciam-se reciprocamente.” (Ramos, 2003, pág. 260)

É essencial a proximidade entre a escola e família, para que a escola possa transformar-se num lugar onde os pais se conhecem e onde são valorizados e valorizam, onde há lugar para novas aprendizagens e partilha de ideias.

Esta é a condição fundamental para que a passagem pela escola seja mais rica e frutuosa para a criança.

2.4 - A importância dos projetos educativos em contexto de jardim-de-infância

O projeto é um caminho em construção onde inúmeras etapas são conseguidas para que futuramente se consiga obter um resultado final. Barbier refere que “Construir um projeto é procurar fazê-lo acontecer, é este carácter que lhe confere o seu valor pragmático.” (Barbier, 1993, pág. 52)

Trazemos a contribuição de Barbosa e Horn (2008) que referem:

“ A pedagogia de projeto vê a criança como um ser capaz, competente com um imenso potencial e com desejo de crescer. Alguém que se interesse, pense, duvide, procure soluções, tente outra vez, queira compreender o mundo à sua volta e nele participar, alguém atento ao novo e ao diferente. Para as crianças, a metodologia de projetos oferece o papel de protagonistas das suas aprendizagens, de aprender em sala de aula, para além dos conteúdos, os diversos procedimentos de pesquisa, organização e expressão dos conhecimentos.”

(Barbosa e Horn, 2008, pág.87)

A elaboração de um projeto pressupõe a intencionalidade e este implica uma série de competências como: espírito aberto, capacidade de escutar os outros, saber ultrapassar os erros, encontrar soluções e desenvolver a capacidade de análise e reflexão. A partir deste as crianças tornam-se protagonistas do seu próprio conhecimento, melhorando a cada nova etapa do percurso percorrido.

Além de uma dimensão afetiva a elaboração de um projeto, promove o desenvolvimento dos seus autores a outros níveis, por isso estimulados pelos desejos de saber, de transformar algo, as pessoas envolvem-se e enlaçam-se com estes.

De acordo com Barbier (1993) o projeto:

- ✓ Promove a investigação e o desenvolvimento, tendo em conta, que a sua elaboração traduz uma mudança;
- ✓ Favorece a liberdade, autonomia e a afirmação pessoal;
- ✓ Aproxima as teorias à realidade.

(Barbier, 1993, pág.24)

No campo da educação o mais importante é dar um novo sentido ao grupo que vai ser envolvido no projeto. Este aparece como uma oportunidade de mudança e como uma referência para inspirar a ação.

Mendonça (2002), tal como Barbier (1993), defendem que o projeto está associado a ideias novas. Assim o projeto educativo é uma estratégia que permite tornar as aprendizagens significativas, pois as atividades são o resultado das mesmas e consequentemente deixam os alunos motivados.

Com experiência na educação pré-escolar, Katz e Chard (1989), falam de motivação e defendem que o trabalho de projeto promove a motivação intrínseca pois, “investe no próprio interesse das crianças, no trabalho e no interesse que as próprias atividades podem proporcionar”. (Katz e Chard, 1989, pág.23)

Esta estratégia envolve uma grande variedade de atividades com diferentes graus de dificuldade, tornando-a desafiadora ao desenvolvimento da criança.

Dewey (1994), refere que as potencialidades das crianças ficam mais fortalecidas se os projetos forem desenvolvidos com frequência.

Nesta perspectiva, Santos (2009) refere-se ao trabalho de projeto como promotor de aprendizagens sociais, cognitivas e metacognitivas significativas. É de salientar que os projetos podem estimular a criatividade das crianças pois estas habitam-se a pensar por si e ter iniciativa própria.

Outro aspeto relevante centra-se nas diferenças existentes entre crianças de um grupo no desenvolvimento de um projeto.

Katz e Chard (1989) referem que um projeto consegue acompanhar diferentes níveis de desenvolvimento, com a ajuda de um adulto na definição de atividades adequadas.

Da mesma opinião, Mendonça (2002) afirma que “ nos projetos são respeitados ritmos de aprendizagem das crianças, a variedade de atividades e tarefas e deste modo não existir exclusão.” (pág. 53).

Capítulo III

Metodologia Adotada

Este é um capítulo que aborda a metodologia adotada no estudo. Assim, apresenta-se a escolha da metodologia utilizada e as vantagens e desvantagens na utilização da mesma.

É importante referir que neste capítulo destacam-se os instrumentos de recolha de dados utilizados no decorrer das atividades deste projeto e, não menos importante, as questões éticas.

3.1 – Seleção da metodologia de investigação

Após uma pesquisa sobre metodologia de investigação, deparamo-nos com distintas explicações e conceitos acerca do que se prevê uma só palavra – metodologia. No entanto, verificámos que todas elas têm algo em comum que consiste em ter acessível a existência de todo um método que participa com a mudança.

Ao longo deste processo de estudo, foi assumido pela investigadora um duplo papel de educadora estagiária, mediadora de conhecimentos e o papel de investigadora. Deste modo a avaliação do projeto desenvolvido, e que se apresenta neste estudo, está assente em estratégias de investigação de natureza qualitativa.

O trabalho de projeto revelou-se a opção metodológica mais indicada para esta investigação pois à medida que o projeto ia sendo construído, ia sendo ajustado conforme as necessidades e os estados de envolvência do grupo.

Vasconcelos (1998) defende que a pedagogia de projeto envolve a criança de forma competente, capaz e motivada para a resolução de problemas.

Assim, o trabalho de projeto é enriquecedor para as crianças e para os pais, pois são cúmplices e conhecedores do projeto, do seu fio condutor e das aprendizagens desenvolvidas, para que valorizem e reconheçam o trabalho desenvolvido.

Katz e Chard (1997), referem que as crianças através do trabalho de projeto “tonam-se especialistas das suas próprias aprendizagens”. (pág.54)

Deste modo estes autores referem que os educadores/professores devem preocupar-se, pois, “o professor e a criança podem analisar formas de minimizar erros no futuro. Mas se alguns erros passarem despercebidos, não são críticos para o estágio seguinte.” (pág.27)

Este trabalho de projeto implica um fio condutor, uma sequência gradual de aprendizagens que implica um produto final enquanto a avaliação de uma atividade didática não.

O paradigma qualitativo é o mais adequado para este estudo pois possibilita uma descrição detalhada de um determinado contexto.

A investigação qualitativa “torna o mundo visível através de um conjunto de materiais representativos que a constituem. “ (Martens, 2010,pág.1)

No paradigma qualitativo, o investigador é o instrumento fulcral pois este interessa-se e estuda as mudanças ocorridas ao longo de todo o projeto. Ao dar ênfase a este tipo de abordagem, as possibilidades são inúmeras, uma vez que ao envolver e revelar a atividade em estudo, acabamos por conhecer e refletir se os pais e as crianças estão envolvidos neste projeto.

Bodgan e Taylor (1986) afirmam que este paradigma de carácter qualitativo baseia-se na envolvência dos investigadores, pois o foco direciona-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes.

Por todas as razões acima anunciadas o investigador decidiu escolher este método e assim obter uma observação mais minuciosa apoiando-se em diferentes formas de recolha de dados.

3.2 – Intervenientes

Este estudo desenvolveu-se num grupo de crianças de uma sala de jardim-de-infância de Viana do Castelo, que pertence ao agrupamento Vertical de Escolas da Abelheira e contou com a participação de um grupo de 25 crianças com idades

compreendidas entre os 3 e os 6 anos e os respetivos encarregados de educação e familiares que participaram na elaboração de um chapéu para o projeto.

“Quando falamos acerca de um grupo, numa organização, como foco de estudo, estamos a utilizar a palavra numa perspetiva sociológica, para nos referirmos a pessoas que interagem, que se identificam umas com as outras e que partilham expectativas em relação ao comportamento umas das outras”.

(Bogdan & Biklen, 1994, p. 91)

De forma a acautelar o anonimato dos participantes acima referidos o quadro nº 1 e expõe os códigos das crianças referindo as iniciais do primeiro e último nome.

Idade	Género	Código das Crianças	Nº de crianças
3	Masculino	AT;AG;DF;TA;TV	5
3	Feminino	CC;ES;IA	3
4	Masculino	DL;ET;GC	3
4	Feminino	CA;CM	2
5	Feminino	LP	1
6	Masculino	DM;FF;ML;RA;RB	5
6	Feminino	AL;CP;JF;MJ;MR;MC	6
Total			25

Quadro nº 1: Caraterização do grupo de crianças em estudo

3.3 - Instrumentos de recolha de dados

Uma das preocupações de qualquer investigação é a recolha de dados, devendo esses ser registados ao longo de toda a sua intervenção.

Segundo Sousa (2005), os modos de recolha de dados são meios sabedores para registar observações ou reduzir a dificuldade do tratamento experimental.

Os instrumentos de recolha de dados utilizados ao longo deste estudo de investigação, contribuíram para a avaliação dos objetivos a alcançar e o respetivo

melhoramento, bem como a organização, síntese, e descoberta de regularidades dos dados recolhidos.

Foram utilizados diferentes instrumentos de recolha de dados para possibilitar um maior leque de informação para posterior tratamento, nomeadamente: observação participante, notas de campo e registos fotográficos e de vídeo.

3.3.1 - Observação participante

A observação é fundamental na recolha de dados, focada na perspetiva de investigador, uma vez que este observa direta e presencialmente o fenómeno que está a ser estudado. (Coutinho, 2014)

Neste estudo optei por uma investigação participante em que o investigador esteve no meio da ação, para recolher dados e assim analisar e refletir em futuras implementações, assim sendo a investigadora é o principal elemento na recolha de dados através da observação.

O seu foco centrou-se na reações, perguntas e respostas dadas pelas crianças ao longo de todo o processo. Este processo foi auxiliado pelas notas de campo que facilitaram a realização de um diário de bordo, ajudando desta forma a um melhor entendimento de determinados aspetos.

Os registos foram oportunamente cruzados com a professora cooperante para evitar o enviesamento da informação recolhida.

No entanto existem desvantagens neste processo, segundo Bell (1995), cada observador foca-se em algo específico e interpreta-o sob o seu ponto de vista, assim este pode ser minucioso e difícil de acompanhar se não atender a determinada estrutura.

Relativamente à observação participante pois foi nesta que o investigador se focou, Estrela afirma que esta acontece “quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado” (Estrela, 1994, pág.31). Este tipo de observação é crucial pois existe uma participação ativa dos participantes.

3.3.2 - Notas de Campo

Durante esta investigação foram usadas notas de campo, escritas com falas das crianças ao longo de todas as sessões implementadas com o objetivo de melhorar a análise de dados, refletir e registrar as ideias no decorrer do projeto.

Segundo (Coutinho & Coutinho, 2008,pág.8), as notas de campo são bastante utilizadas na metodologia qualitativa, principalmente quando se pretendem estudar práticas educativas nos contextos e demarcam-se pela flexibilidade e o imprevisto.

Bogdan e Biklen, afirmam (1994):

“O resultado bem-sucedido de um estudo de observação participante em particular, mas também de outras formas de investigação qualitativa, baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Nos estudos de observação participante todos os dados são considerados notas de campo; este termo refere-se colectivamente a todos os dados recolhidos durante o estudo, incluindo as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais. Usamos aqui o termo no seu sentido mais estrito.”

(Bogdan e Biklen , 1994, pág.150)

O registo de notas de campo assume diferentes níveis:

- ✓ Descrição – através das descrições e observações detalhadas dos comportamentos ou atitudes; descrição das atividades desenvolvidas pelo investigador (Cohen e Manion, 2000).
- ✓ Reflexão – Acerca das observações realizadas, das descrições e de aspetos a clarificar (Bodgan e BiKlen, 1994).

Este instrumento de recolha de dados, pode ser considerado um instrumento de carácter pessoal, pois o investigador poderá registar não só o que observa mas também as dúvidas que surgem, no entanto, também é suscetível de desvantagens pois este pode ser condicionado pelo conhecimento e pela opinião pessoal do investigador.

3.3.3 - Registos Fotográfico e de vídeo

Os registos audiovisuais permitem detetar pormenores que no decorrer das sessões o investigador não conseguiu registar, permitindo assim a recolha de dados (Coutinho & Coutinho, 2008).

Através da fotografia podemos capturar momentos que através da observação nos passam despercebidos, assim, através deste registo é possível registar todo o processo de concretização da sessão, e tudo o que foi realizado em volta da mesma.

Os desenhos elaborados pelas crianças foram capturados através da fotografia e esse registo torna mais evidente o ponto de vista das crianças acerca da temática explorada e mesmo para o investigador perceber se a criança assimilou o que foi transmitido ou não. Estes constituem um aspeto positivo para uma recolha de evidências que posteriormente vão ser tratados. É possível observar comportamentos, atitudes relacionais e comportamentos, bem como outros dados a recolher que se considerem relevantes.

Através do registo de vídeo foi nos possível auto-avaliar e autoanalisar a prestação de ambos os intervenientes, o investigador (adulto/educador) e os participantes (crianças). Recorrendo aos meios audiovisuais, o investigador tem a possibilidade de observar e perceber determinados comportamentos que no momento de implementação não foram evidentes (Sousa, 2009).

3.4 - Plano de Ação

A organização do plano de ação originou uma sequência de tarefas que se desenvolveram no 2º semestre do ano letivo de 2014/2015.

Este é elaborado para facilitar a organização das tarefas no desenrolar da investigação e teve início em março do mesmo ano, mas é de salientar que as observações efetuadas no primeiro semestre na PES I, onde a problemática foi diagnosticada, foram importantes para o traçado do estudo.

	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Revisão da literatura					
Recolha de dados					
Descrição das atividades					
1ª Atividade					
2ª Atividade					
3ª Atividade					
4ª Atividade					
5ª Atividade					
6ª Atividade					
7ª Atividade					
8ª Atividade					
Metodologia					
Análise de dados					
Conclusões					

Quadro nº 2:Cronograma do plano de ação do estudo

3.5 - Atividades de investigação

As atividades a executar têm como principal objetivo possibilitar as respostas às questões deste estudo. De seguida são apresentadas todas as tarefas postas em prática com o grupo, sendo apresentada uma síntese de cada atividade e enumerados os objetivos e os recursos materiais.

As sessões de atividades, intituladas por “ O som dos animais”; “ Exploração livre dos instrumentos musicais”; “Vamos construir instrumentos”; “ Exploração de uma pauta não convencional”; “ Construção de uma pauta não convencional”; “ A Arca do Zé “; “ Registo de consolidação da história”,” Vamos brincar com instrumentos “; “Circuito Sonoro”; “ A música é divertida”; “ O meu instrumento preferido – Registo” “Música aleatória com a escala pentatónica”; “Chapéus criativos ”e “ Apresentação do projeto final do projeto - A Arca do Zé” desenvolvidas durante o projeto investigativo.

Atividade 1 “ O som dos animais “

Subatividade 1.1 – “Exploração livre dos instrumentos”

✓ **Objetivos:**

- Explorar diferentes fontes sonoras (sons dos animais);
- Identificar os sons produzidos pelos animais;
- Explorar sons e ritmos com instrumentos Orff.

✓ **Materiais:**

- Áudio com o som dos animais
- Música “ O panda e as caracas – O som dos animais”;
- Instrumentos musicais (metalofone, xilofone, jogo de sinos, maracas, pandeireta, pandeiro, clavas, castanholas, bongós, Guizeiras);
- Imagens de animais;
- Placard dos animais selvagens e dos animais domésticos.

✓ **Metodologia:**

Para uma análise desta sessão, serão utilizados os registos fotográficos os registos audiovisuais e as grelhas de observação.

✓ **Síntese:**

Nesta sessão será explicado o conteúdo da atividade, sendo que, esta apresenta uma subatividade para reforçar o trabalho desenvolvido e introduzir uma exploração livre dos instrumentos musicais. Na atividade, as crianças têm de identificar o animal que emite o som reproduzido pelo áudio e relacionar esse animal ao placard dos animais domésticos ou dos animais selvagens. Nesta sessão irão ser seleccionadas variadas diversidades sonoras, (sons dos animais) que as crianças individualmente terão de as identificar corretamente, dizendo qual o animal que reproduz o som.

Na Subatividade através da música do “Panda e os caracas” há um momento de exploração livre de instrumentos musicais. Esta atividade é o ponto de partida para o envolvimento e a exploração do Domínio da Expressão Musical.

✓ **Avaliação:**

- Identifica o som dos animais e caracteriza-os;
- Explora livremente os instrumentos.

Atividade 2 – “Vamos construir instrumentos”

Subatividade 2.1 – “Exploração de uma pauta não convencional”

Subatividade 2.2 – “Construção de uma pauta não convencional”

✓ **Objetivos:**

- Construir instrumentos não convencionais;
- Executar a peça “ Marcha Turca de Mozart” através da pauta não convencional;
- Construir uma pauta não convencional.

✓ **Materiais:**

- Garrafas de plástico;
- Palitos de espetada;
- Tintas;
- Rolos de papel;
- Guizos;
- Paus de vassoura;
- Milho;
- Fita-cola;
- Pratos de vaso;
- Caricas;
- Eva;
- Arame;
- Copos de iogurte;
- Papel autocolante;
- Feijões;
- Imagens de instrumentos;

- Papel cel norte;
- Feltro;
- Cd “Marcha Turca de Mozart”;
- Rádio
- Pandeireta;
- Triângulo;
- Clavas;
- Maracas;
- Pauta não convencional.

✓ **Metodologia:**

Os instrumentos da recolha de dados utilizados serão os registos audiovisuais, a observação e as grelhas de observações. Estes instrumentos permitiram averiguar aspetos como: os comentários das crianças, identificar a dinâmica e interesse das crianças, a forma como representam com entusiasmo ou não a ação, a facilidade com que reagem e se interagem com a ação.

✓ **Síntese:**

Após uma breve abordagem à importância de reciclar, reutilizar e reduzir através do livro recomendado no plano nacional de leitura, os 3 R’S do autor Jennifer Moore-Mallinos, as crianças identificam os materiais reutilizáveis que vão utilizar na construção de instrumentos não convencionais.

Assim, a estagiária desafia-os para a construção dos mesmos, dividindo tarefas pelo grupo.

Na exploração da pauta não convencional, a estagiária propõe um inicial contacto através da marcação da pulsação com um dedo e posteriormente com palmas, para que quando tocassem com instrumentos já estivessem familiarizados com a música, com a pauta e com marcação da pulsação.

Visto não ser possível todas as crianças colaborarem na construção da pauta, a estagiária optará por definir um pequeno grupo na construção da mesma de modo a controlar o grande grupo. Esta será realizada com auxílio da pauta utilizada

anteriormente, mas neste caso foram utilizados os instrumentos construídos na sala de atividades.

✓ **Avaliação:**

- Compreende a intencionalidade de reutilizar materiais para a construção de instrumentos não convencionais;
- Executa a peça “Marcha Turca de Mozart”;
- Entende a funcionalidade das pautas não convencionais;
- Explora diferentes sons e diferentes instrumentos.
-

Atividade 3 – “ A Arca do Zé”

Subatividade 3.1 – Registo de consolidação da história;

✓ **Objetivos:**

- Escutar atentamente a história;
- Compreender a informação transmitida oralmente, através de perguntas e respostas.

✓ **Materiais:**

- História “ A Arca do Zé”;
- Tapete Narrativo;
- Folhas A4;
- Lápis de cor.

✓ **Metodologia:**

Os instrumentos da recolha de dados utilizados foram os registos audiovisuais, a observação e as grelhas de observações. Estes instrumentos permitiram averiguar aspetos como: os comentários das crianças, identificar a dinâmica e interesse das crianças, a forma como representaram com entusiasmo relativamente à história e ao contacto com o tapete narrativo.

✓ **Síntese:**

A fim de, envolver as crianças na temática, a exploração da história será realizada através de um tapete narrativo alusivo à mesma.

No decorrer desta exploração foram colocadas algumas questões ao grupo, tais como:

- Questões de interpretação literal:

- Como se chama o menino da história?
- Do que é que ele gosta muito?
- Quem contava histórias ao zé?
- Como é que começavam sempre as histórias?
- Quando os marinheiros chegavam a terra, qual era o primeiro animal que avistavam?
- Que animal criou uma amizade com os marinheiros?
- Quais eram os animais que o zé cuidava?
- Como é que os animais viviam nos sonhos do Zé?

- Questões de compreensão inferencial:

- Como é que o Zé se sentia quando o avô lhe contava histórias?
- E o avô como será que ele se sentia cada vez que contava uma história ao zé?

✓ **Avaliação:**

- Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente;
- Compreende o conteúdo da história.

Atividade 4 – “Vamos Brincar com instrumentos”

Subatividade 4.1 – “Circuito sonoro”

✓ **Objetivos:**

- Contactar com instrumentos de altura definida;
- Acompanhar o circuito e a progressão do mesmo;

- Identificar os instrumentos musicais e as suas características.

✓ **Materiais:**

- Xilofone;
- Metalofone;
- Jogo de sinos;
- Circuito sonoro;
- Pandeireta;
- Maracas;
- Reco-reco;
- Guizeira;
- Jambé;
- Clavas.

✓ **Metodologia:**

Os instrumentos da recolha de dados utilizados foram os registos audiovisuais, a observação e as grelhas de observações. Através destes será possível verificar aspetos como: os comentários das crianças, interesse e motivação das crianças, a facilidade com que reagem e se envolvem na atividade.

✓ **Síntese:**

O grupo foi desafiado a elaborar ritmos interrogativos e de resposta (pergunta/resposta) com os instrumentos musicais de lâminas. Inicialmente esta atividade foi realizada com palmas para que as crianças pudessem perceber o objetivo da atividade e posteriormente foi realizada com os instrumentos em pares.

Após esta abordagem, a estagiária colocou um circuito sonoro no quadro e explicou o que vai ser feito. Neste cada criança tinha de identificar a sua vez de tocar, bem como executar o mesmo.

✓ **Avaliação:**

- Imagina e cria as suas próprias composições;
- Reconhece diferentes timbres e diferentes intensidades;
- Identifica o som dos instrumentos e caracteriza-os.

Atividade 5 – “A música é divertida”

Subatividade 5.1 – “O meu instrumento preferido” (registro)

✓ **Objetivos:**

- Identificar os instrumentos musicais através do áudio;
- Caracterizar o instrumento musical segundo a sua família;
- Registrar o instrumento preferido.

✓ **Materiais:**

- Cd “ o som dos instrumentos musicais”;
- Rádio;
- Marcadores;
- Folhas A4;
- Lápis de cor.

✓ **Metodologia:**

Para uma análise desta sessão, serão utilizados os registros fotográficos, os registros audiovisuais, a observação, os desenhos elaborados pelas crianças e as grelhas de observação.

✓ **Síntese:**

Esta sessão começa pela audição do som de vários instrumentos, em que as crianças tiveram de identificar o som dos mesmos e a família a que pertencem(madeiras/metais/peles).

De seguida é realizado um diálogo em que a estagiária as questiona sobre instrumento favorito e instrumento que gostam ou gostavam de aprender a tocar. Posteriormente ao diálogo procedem ao registro do mesmo.

✓ **Avaliação:**

- Identifica corretamente o som dos instrumentos;
- Identifica a família a que pertencem os instrumentos;
- Revela conhecimento dos instrumentos através do registro.

Atividade 6 – “Música aleatória com a escala pentatónica”

✓ **Objetivos:**

- Reconhecer as características de uma escala pentatónica e dos instrumentos de altura definida ou indefinida;
- Compreender o que representa cada quadro;
- Relacionar os instrumentos não convencionais com as respetivas famílias.

✓ **Materiais:**

- Giz;
- Instrumentos não convencionais (maracas, guizeiras, pau de chuva, clavas, reco-reco, pandeiretas);
- Xilofone;
- Metalofone;
- Jogo de sinos.

✓ **Metodologia:**

Para uma análise desta sessão, serão utilizados os registos fotográficos, os registos audiovisuais, e as grelhas de observação onde poderei avaliar o grau de interesse e motivação das crianças na mesma.

✓ **Síntese:**

Esta sessão teve como objetivo perceber se as crianças associaram os instrumentos à respetiva família (madeiras/metais/peles). Nesta atividade as crianças vivenciaram a escala pentatónica através da interpretação da peça aleatória com apoio dos quadros representativos das várias famílias dos instrumentos.

✓ **Avaliação:**

- Reconhece as características da escala pentatónica;
- Identifica a sua vez de tocar e executa corretamente os instrumentos de acordo com os quadros representativos.

Atividade 7 – “Chapéus Criativos”

✓ **Objetivo:**

- Criar um acessório utilizando materiais de diferentes formas, volumes e texturas;

✓ **Materiais:**

- Eva;
- Feltro;
- Tecido;
- Cola;
- Tesoura;
- Esponja;
- Tintas;
- Jornais;
- Penas;
- Marcadores.

✓ **Metodologia:**

Os instrumentos da recolha de dados aqui utilizados foram, novamente, a observação participante, os registos audiovisuais e a grelhas de observação onde constato:

- Participação dos pais/encarregados de educação;
- Reação/Motivação das crianças ao pedido;
- Reação dos pais/familiares ao pedido;
- Conclusão do Chapéu.

✓ **Síntese:**

As crianças juntamente com os pais e familiares construíram o chapéu utilizando diversos materiais que o tornaram representativo de uma animal. Este trabalho foi culminado pela estagiária que colocou alguns pormenores para estes estarem funcionais no dia da apresentação.

✓ **Avaliação:**

- Participa na construção do acessório para a sua personagem.

Atividade 8 – “Apresentação do produto final do projeto – A Arca do Zé”

✓ **Objetivo:**

- Apresentar o produto final de todo este projeto ao público, musicando a história “ A Arca do Zé”.

✓ **Materiais:**

- Convites às famílias;
- Sistema de som;
- Cd’s;
- Cenário;
- Chapéus;
- Vestuário;
- História “ A Arca do zé”;
- Caixa de opiniões.

✓ **Metodologia:**

De modo a ser possível avaliar de forma mais garantida todas estas ações, decidimos gravar o desenrolar de toda a apresentação e recolher opiniões dos pais e familiares sobre a apresentação.

✓ **Síntese:**

Esta sessão é uma das mais importantes pois através desta as crianças revelam as aprendizagens adquiridas durante as sessões anteriores.

Assim, os pequenos artistas mostrarão o fruto de um trabalho divertido, musicar a história “ A Arca do Zé”, que foi dirigida aos pais/familiares/encarregados de educação.

✓ **Avaliação:**

- Demonstra as aprendizagens esperadas pelo estudo desenvolvido ao longo do projeto.

3.6 – Questões éticas

Neste contexto, para o presente estudo foram codificados os diferentes participantes para se protegerem a identificação dos seus nomes próprios, sendo utilizadas as iniciais dos nomes de cada uma delas.

Foram também solicitados pedidos de autorizações (anexo 2) aos Pais/Encarregados de Educação, para o levantamento e registo de fotografia/vídeo e, apelo aos mesmos para a sua participação em algumas tarefas, todas as solicitações obtiveram respostas positivas.

“Nada pode ser mais assolador para um profissional do que ser vincado de uma prática pouco ética.” (Bodgan, 1994, p.75). Sendo assim, todos os dados pessoais dos participantes serão somente utilizados no projeto intitulado por “ A Arca do Zé” um estudo desenvolvido em contexto pré-escolar.

Capítulo IV

Análise e interpretação de dados

No presente capítulo é apresentado todo o propósito educativo de cada atividade, onde faço referência à intencionalidade educativa, à descrição e à reflexão de cada atividade. O principal objetivo deste capítulo é expor a análise e interpretação dos dados resultantes das atividades desenvolvidas no projeto e os procedimentos adotados em situações específicas, são aspetos aqui discriminados. Deste modo, serão apresentados os resultados obtidos em cada atividade e a avaliação geral das mesmas.

4.1 – Atividade nº 1: “ O som dos animais”

Intencionalidade educativa:

Esta atividade foi o ponto de partida para o desenrolar de todo o processo desenvolvido na sala de atividades através da identificação do som dos animais pretendemos que as crianças conhecessem melhor as suas características e se envolvessem numa fase inicial com diferentes instrumentos musicais e encorajá-las a manipulá-los livremente.

Com esta atividade pretendíamos que a criança participasse de modo individual e em grupo exprimindo a sua motivação e interesse.

Descrição da atividade:

A sessão iniciou-se com a realização de um cartaz denominado “ Que animal Tenho” (fig.17). Para dar início à sessão a estagiária questionou as crianças sobre os animais que têm em casa de modo a introduzir a terminologia animais domésticos.



Fig. 17: “Que animal tenho”

De seguida a estagiária colocou o vídeo “ o som dos animais “, e apenas permitiu que numa fase inicial as crianças ouvissem o som. A estagiária colocou a imagem para clarificar algumas dúvidas que iam surgindo relativamente ao som dos animais. Deste modo, as crianças identificaram com mais facilidade o nome dos animais dizendo:

AL: “É o rato?”

Estagiária: “Não!”

AL: “Ahh é um macaco.”

MJ: “ E este é um elefante.”

Posteriormente à identificação do som dos animais, a estagiária apresentou dois cartazes (fig.18 e fig.19), o dos animais domésticos e dos animais selvagens para que as crianças pudessem caracterizar os animais e fazer a correspondência correta ao placard.



Fig. 18: Cartaz “Animais selvagens”



Fig. 19: Cartaz “ Animais domésticos”

Esta tarefa foi realizada em grande grupo onde abordamos as características de cada animal, o modo de locomoção, o habitat, o revestimento e o de que se alimenta.

Os animais abordados nesta tarefa foram o leão, o rato, o pato, a girafa, o elefante, o macaco, o lobo, o tigre, o pássaro, a coruja, o sapo, a abelha, a cobra, o burro, o coelho, o gato, o porco, a vaca, o cavalo, a cabra, a ovelha, o peru, o cão, a galinha e o galo.

Para que as crianças pudessem clarificar alguns aspetos desta temática a estagiária disponibilizou várias imagens e exemplos reais de pelo, pele e penas.

No decorrer desta tarefa as crianças mostraram-se interessadas dizendo:

RA: “O meu padrinho também tem cabras.”

DF: “Eu tenho galinhas e galos.”

MR: “Eu tenho um cão e um gato e a minha avó tem porcos e galinhas.”

MJ: “A minha irmã trouxe um cão para casa.”

RB: “Eu já vi macacos no jardim zoológico.”

DM: “Eu já vi ovelhas.”

AT: “A minha avó tem pássaros na gaiola.”

MC: “Eu já dei de comer a um coelho, são muito fofinhos.”

O gráfico 1 apresenta os resultados acerca da audição do som dos animais e do conhecimento das suas características.

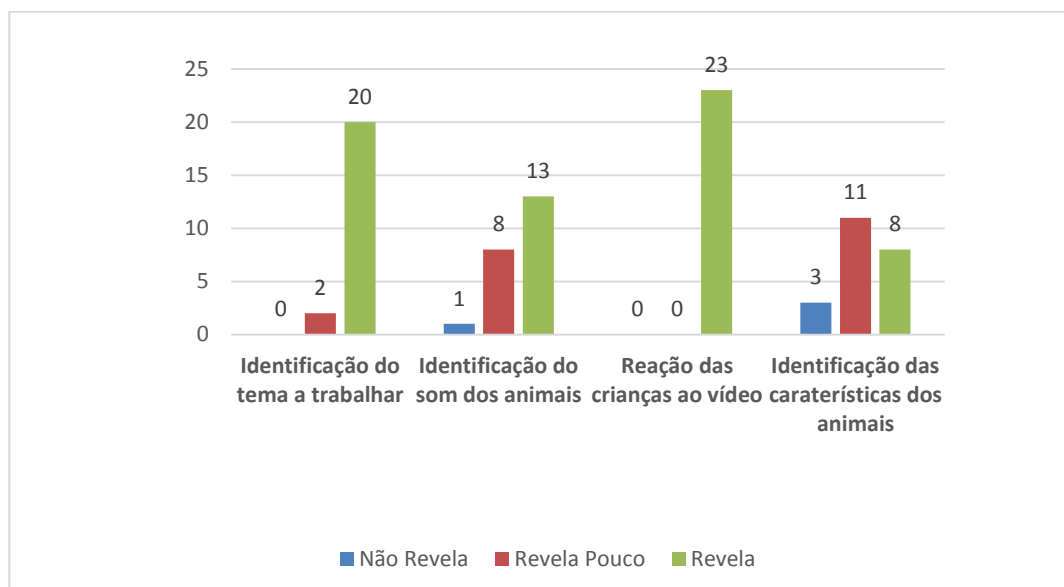


Gráfico nº 1: Resultados da sessão “O som dos animais”

Reflexão da atividade:

Através da análise do gráfico número um, foi-nos possível verificar que o grupo percebeu a atividade sobretudo na identificação da temática e na identificação do som dos animais, no entanto na identificação da temática houve 2 crianças de 3 anos que sentiram dificuldades e na identificação do som dos animais e 8 crianças de 3 anos. É notável que existe uma maior dificuldade nas crianças mais novas principalmente na parte de caracterização dos animais e na identificação do som dos animais do vídeo como o peru, e o tigre que julgavam ser a galinha e o leão, isto deve-se ao facto de ser o primeiro ano no jardim-de-infância, de ser o primeiro contacto com esta temática e da falta de vivências nesta área.

Visto que a tarefa foi realizada em grande grupo permitiu que todas as crianças participassem, embora as crianças mais velhas apresentem níveis de aprendizagem e conhecimentos mais diversificados. Para contornar esta situação a estagiária optou por chamar individualmente as crianças para colocarem as imagens dos animais que ouviram no vídeo nos respetivos cartazes, tendo assim auxílio dos restantes colegas e da estagiária na execução desta tarefa.

Uma vez terminada a tarefa, os participantes estavam satisfeitos por saberem o som que cada animal emite e as suas características.

A sala de atividades ganhou vários animais (placards) desde os mais comuns do nosso quotidiano como o gato, o cão, a galinha até aos que vemos raramente como a cobra, o macaco e o elefante.

Foi notável que através desta atividade as crianças transportaram conhecimentos que têm fora do jardim-de-infância, do contexto informal e familiar para a sala de atividades, assim, as atividades que vão ser desenvolvidas futuramente vão reforçar estas aprendizagens, pois estas vivências permitem dar continuidade ao trabalho desenvolvido.

4.1.1 – Subatividade da atividade nº1 – “Exploração livre dos instrumentos musicais”

Descrição da subatividade:

Esta subatividade serviu para dar continuidade ao que foi desenvolvido na atividade anterior.

Nesta sessão as crianças contactaram com a canção denominada “Panda e os caricas – o som dos animais. Inicialmente a estagiária solicitou às crianças que ouvissem à música para que pudessem perceber o objetivo da atividade. Depois da audição e canto da canção, a estagiária questionou as crianças acerca dos animais que esta abordava e apresentou as imagens dos mesmos para que as crianças os pudessem identificar, caracterizar e relacionar com os placards dos animais domésticos e com os animais selvagens.

Solicitadas pela estagiária as crianças de modo aleatório completaram os animais que faltavam no placard:

Estagiária: *“Apresenta-me este pássaro.”*

RA: *“É azul, é revestido de penas e anda em duas patas.”*

Estagiária: *“ É selvagem ou doméstico?”*

RA: *“Pode ser selvagem ou doméstico.”*

MJ: *“ Eu também tinha um pássaro em casa.”*

Estagiária: *“ E como é que faz o pássaro?”*

Todos: *“ Piu, Piu, Piu.”*

Posteriormente a estagiária distribui pelas crianças vários instrumentos como clavas, maracas, reco-reco, bongó, xilofone, metalofone, jogo de sinos, guiseira e pandeireta. Ao som da música anteriormente referida as crianças puderam explorar livremente os instrumentos musicais e esta foi repetida várias vezes para que as crianças pudessem explorar vários instrumentos, pois, estes foram trocados entre as crianças sempre que a estagiária solicitou. Após a exploração, a estagiária propôs às crianças que estas tocassem só quando na música se ouvia o som de um animal, para

que estas se concentrassem e responsabilizassem no que estava a ser desenvolvido na sala de atividades.

Nesta subatividade de um modo muito vago, a estagiária introduziu também a família dos instrumentos musicais, para que as crianças aos poucos se familiarizassem com estes e disponibilizou um placard (fig.20) denominado "família dos instrumentos musicais – madeiras, metais e peles" e imagens de instrumentos musicais para nas sessões posteriores colocarem no mesmo os instrumentos que correspondem ao local indicado.



Fig. 20: Placard "Família dos instrumentos"

Nesta sessão é de realçar o interesse e o empenho das crianças em aprender e em reproduzir sons dizendo:

MJ: "O que é isto?"

Estagiária: "São baquetas."

MR: "Este é metal?"

Estagiária: "Sim, é o metalofone."

As crianças alcançaram vários objetivos como o desenvolver da acuidade auditiva, a atenção e o raciocínio, a identificação dos animais, a aprendizagem da letra da música e cantá-la em conjunto com a melodia, a imitação dos animais e a execução dos ritmos através dos instrumentos musicais apresentados.

Através da subatividade realizada com as crianças é elaborada o gráfico número 2, que se apresenta seguidamente, com a reflexão da mesma.

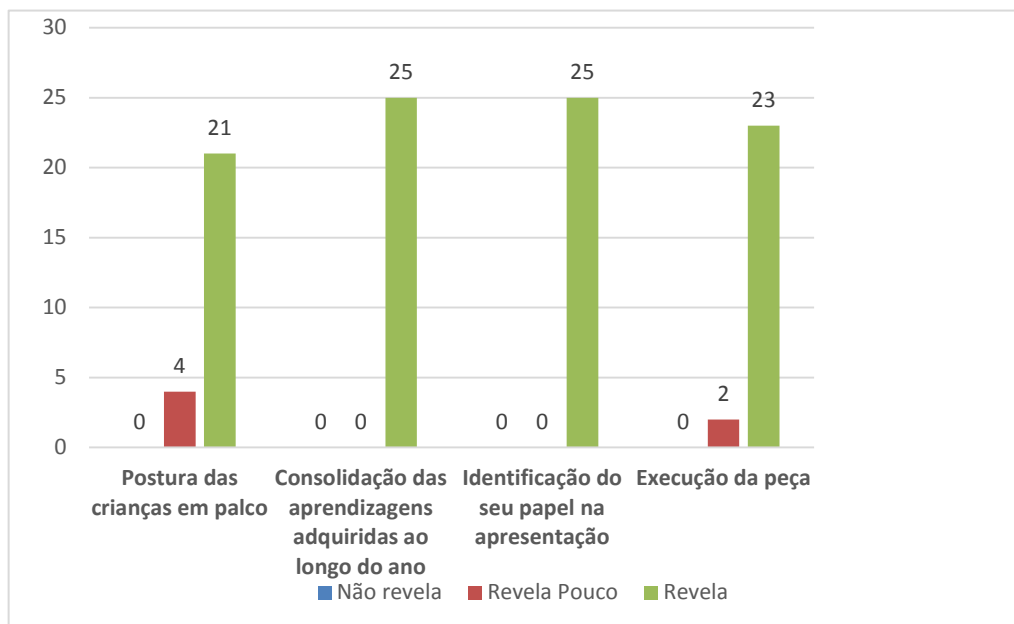


Gráfico nº2: Resultados da 1ª sessão: “Exploração livre de instrumentos musicais”

Reflexão da Subatividade:

Numa fase inicial e visto que foi o primeiro contacto das crianças com os instrumentos musicais foi notável em algumas crianças a dificuldade em manusear corretamente alguns instrumentos principalmente os da família das peles e instrumentos de lâminas. As crianças sentiram necessidade de estar constantemente a explorá-los devido à motivação em manusear e tocar instrumentos, porém 4 crianças de 3 anos sentiram dificuldades no manuseamento dos instrumentos musicais devido à falta de coordenação motora fina.

Nesta sessão apenas duas crianças tiveram dificuldade em captar o objetivo da atividade porque nunca tinham contactado com instrumentos musicais daí a dificuldade em perceberem o objetivo fulcral da tarefa. Esta teve assim, um importante papel para o trabalho a ser realizado posteriormente. Pude verificar a

enorme vontade que as crianças apresentam em tocar instrumentos, pois a motivação é tanta que em certos momentos senti dificuldade em fazer-me ouvir.

Nesta subatividade as crianças desenvolveram também o respeito pelo outro pois perceberam que quando os outros colegas tocam, têm de fazer silêncio caso contrário não ouvem o instrumento do colega a tocar.

Assim, desta tarefa concluo que o grupo necessitava de mais atividades relacionadas com a execução de ritmos nos instrumentos musicais, pois era um grupo que não tinham contacto repetido com este tipo de atividades de aprendizagem.

4.2– Atividade nº 2: “Vamos construir instrumentos musicais”

Intencionalidade educativa:

Nesta atividade que envolve o Domínio da Expressão Plástica e o Domínio da Expressão Musical, desejamos estimular a criança, desenvolver o sentido estético e criativo, de modo individual e em grupo. Assim, apelamos à distribuição, expressividade e confiança de cada criança para um bom desempenho numa atividade nunca antes desenvolvida.

Descrição da atividade:

Para que esta sessão fosse realizada com sucesso, foi necessária uma organização prévia de materiais reutilizáveis.

Assim, optei por iniciar a atividade com a leitura do livro os 3 R'S que nos fala da importância de reduzir, reciclar e reutilizar. Após a leitura a estagiária apresentou os ecopontos que levou para fazerem parte da sala e do quotidiano das crianças e realizou exercícios de separação de materiais pelos mesmos.

Posteriormente, a estagiária introduziu objetos que serviram para a construção de instrumentos musicais não convencionais para que as crianças os colocassem nos respetivos ecopontos (fig.21).

Pretendeu-se junto do grupo consciencializar para a educação ambiental, bem como, para comportamentos mais ecológicos.



Fig. 21: Ecopontos animados

Assim, quando verificámos que muitos dos materiais poderiam ser colocados na reciclagem como os copos de iogurte, garrafas de água, rolos de cozinha, caricas, a estagiária mostrou às crianças o produto final do que iam fazer e explicou que estávamos a reutilizar materiais para construir instrumentos não convencionais.

Inicialmente optou por dividir o grupo de modo a rentabilizar o tempo e a gestão da atividade. Metade do grupo encontrava-se a realizar um registo de consolidação e a outra metade a iniciar a construção dos instrumentos e depois inverteram-se os papéis.

Alguns instrumentos já estavam previamente realizados na sua construção, pois as crianças sozinhas não tinham destreza manual para os construir, por exemplo os paus de vassoura já se encontravam cortados à mesma medida para que as crianças pudessem pintar as clavas, os pratos de vasos já se encontravam furados com arame para que as crianças pudessem pintar as caricas e colocar as mesmas com auxílio da estagiária. O pau de chuva já se encontrava com arame para que as crianças pudessem colocar o milho e com fita-cola fechar as extremidades do rolo de cozinha para proceder à pintura. As maracas foram realizadas com copos de iogurte e feijões para colocar no seu interior. Seguidamente as crianças recortaram papel autocolante e revestiram-nas. O reco-reco foi realizado com garrafas de água pintadas pelas crianças e a estagiária levou as tampas das mesmas furadas, onde colocou um fio na tampa e prendeu nesse mesmo fio um palito de espetada para que o instrumento ficasse funcional. Por último a guiseira foi realizada com rolos de papel higiénico,

devidamente furados pela estagiária e pintados pelas crianças que ajudaram também na colocação dos guizos.

Este tipo de atividades foi completamente novo para este grupo de crianças, contudo teve um grande espírito de grupo na sua execução.

Os objetivos nesta tarefa foram todos alcançados com êxito. Nas imagens (fig.22,23,24,25,26 e 27) que se seguem podem observar-se momentos de aprendizagem na construção de instrumentos não convencionais.



Fig. 22: Construção dos instrumentos musicais



Fig. 23: Continuação da construção

Durante a execução dos instrumentos as crianças foram fazendo observações tais como:

RB: *“Eu vou pintar o meu de azul.”*

MJ: *“Eu quero pintar de cor-de-rosa.”*



Fig. 24: Pandeiretas



Fig. 25: Guiseira

TV: *“Eu quero um reco-reco.”*

DL: *“Eu quero as maracas.”*



Fig. 26: Maracas

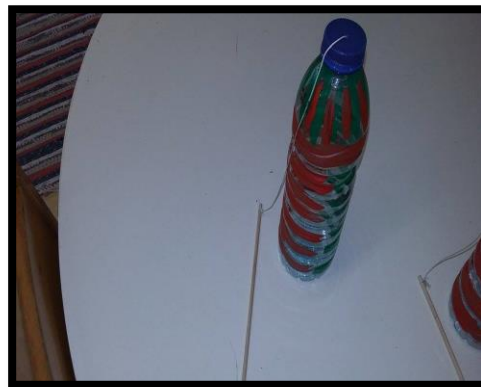


Fig. 27: Reco-Reco

O gráfico nº 3 apresenta os resultados sobre o envolvimento das crianças na construção dos instrumentos musicais.

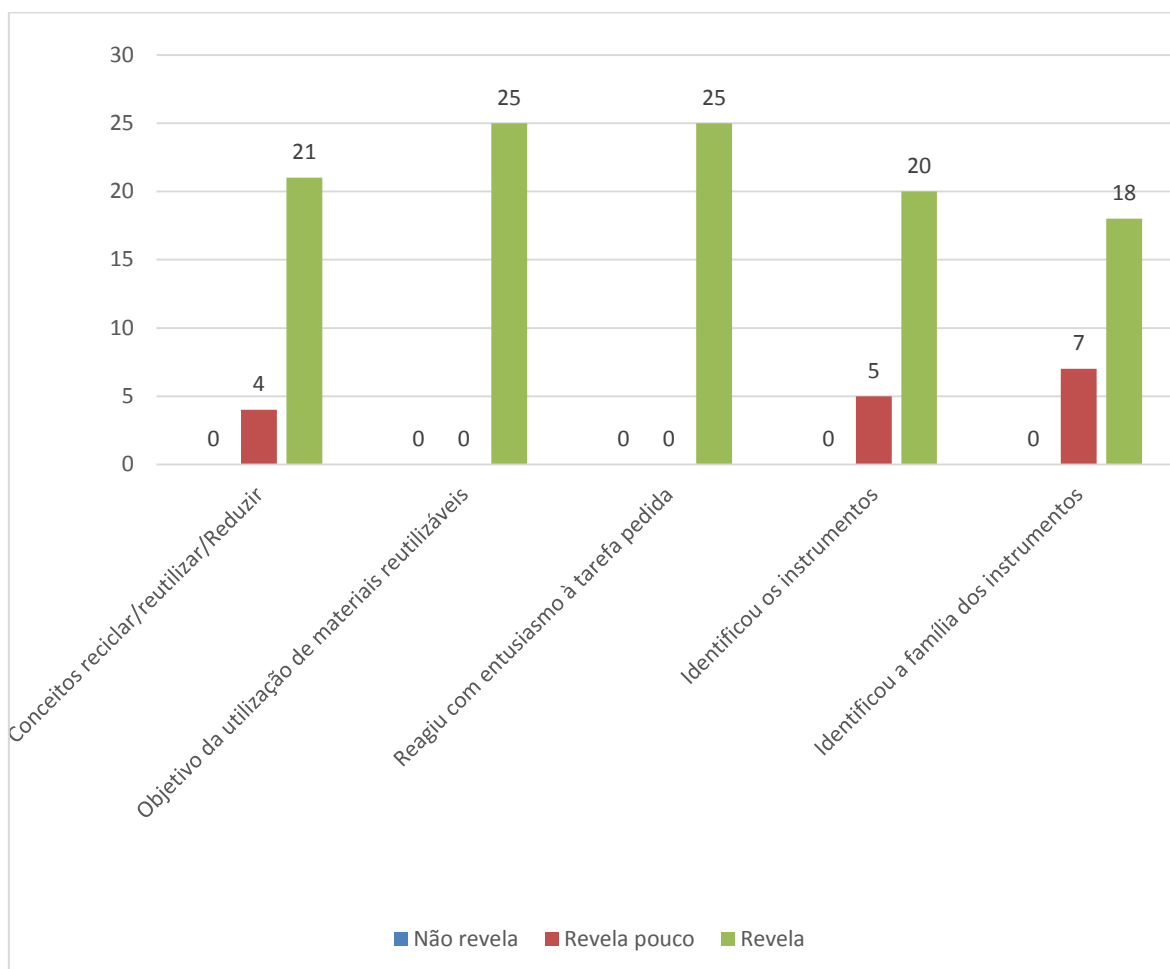


Gráfico nº3: Resultados da 2ª sessão “Vamos construir instrumentos musicais”

Reflexão da subatividade:

Depois da análise da tabela, dos registos audiovisuais e instrumentos musicais não convencionais as conclusões tiradas são as mais positivas pois as crianças já identificavam o nome dos instrumentos associando aos que foram trabalhados nas sessões anteriores exceto o instrumento musical de pau de chuva que apenas uma criança da sala conhecia de vivências extra escolares. Assim, podemos considerar que o contacto visual e manipulativo na sessão anterior permitiu às crianças aperfeiçoar o sentido estético e a identificação tímbrica, assim como identificar o nome dos

instrumentos e particularidades dos mesmos.

Contudo, podemos constatar que 4 crianças ainda não tinham presente os termos reciclar, reutilizar e reduzir mostrando dificuldades nos exercícios realizados no início da atividade. Quando a estagiária apresentou o produto final (instrumentos não convencionais) foi notável que um pequeno grupo de crianças (4 crianças) não conseguiu identificar o instrumento nem a família dos instrumentos correspondente a cada um. Estas dificuldades devem-se ao facto destas crianças estarem no 1º ano de jardim-de-infância e ainda não terem contacto com este tipo de aprendizagens e vivências, pelo que nas próximas sessões serão aprofundados estes aspetos de modo a acompanhar o desenvolvimento das crianças.

O grupo mostrou-se bastante recetivo na construção dos instrumentos, mostrou uma enorme criatividade na decoração, pintura e colagem destes. A motivação foi tal que uma das maiores dificuldades centrou-se no controlo do grupo pois, as crianças estavam muito excitadas e motivadas na realização dos instrumentos musicais não convencionais.

A motricidade fina nesta tarefa foi bastante explorada através do recorte e da pintura. Outro aspeto que consideramos relevante e que foi assimilado pelas crianças centrou-se na consciencialização para a importância de reciclar, reduzir e reutilizar inúmeros objetos para inúmeras atividades.

Esta atividade vai reforçar e melhorar as aprendizagens que vão ser desenvolvidas futuramente no Domínio da Expressão Musical.

4.2.1 – Subatividade nº1 da atividade nº 2: “ Exploração de uma pauta não convencional”

Descrição da subatividade:

Nesta segunda sessão, as crianças chegaram à sala e depararam-se com duas pautas não convencionais uma delas da coleção Orquestra do Pautas I da obra “Marcha Turca de Mozart” (anexo 3) e outra pauta que se encontrava por completar. Ambas se encontravam afixadas no quadro em local com óptimo campo de visão para as crianças serem incentivadas a colocar questões:

MJ: *“O que é isso e o que vamos fazer?”*

AL: *“Tem instrumentos.”*

GC: *“Vamos tocar instrumentos?”*

A sessão iniciou-se com uma explicação do que se iria realizar e posteriormente a estagiária questionou o nome dos instrumentos, usando-os como referência para colocar as questões.

Numa fase inicial foi proporcionada uma audição da obra “Marcha Turca de Mozart” para que as crianças se pudessem familiarizar com esta. De seguida solicitou às crianças que ao mesmo tempo da audição seguissem a leitura da pauta com o dedo a bater na palma da mão respeitando as pausas que se encontram na pauta, marcando a pulsação. Depois deste envolvimento com a pauta e com a música a estagiária distribuiu os instrumentos pelas crianças (clavas, triângulos, maracas, pandeireta).

Optámos por começar a trabalhar a pauta “frase a frase” para que as crianças pudessem acompanhar o exercício sem dificuldades e só depois de várias repetições é que realizámos a “leitura” (fig.28) da pauta por completo que foi repetida três vezes.



Fig. 28: Leitura da pauta não convencional

O gráfico nº 4 apresenta os resultados acerca do contacto das crianças com uma pauta não convencional.

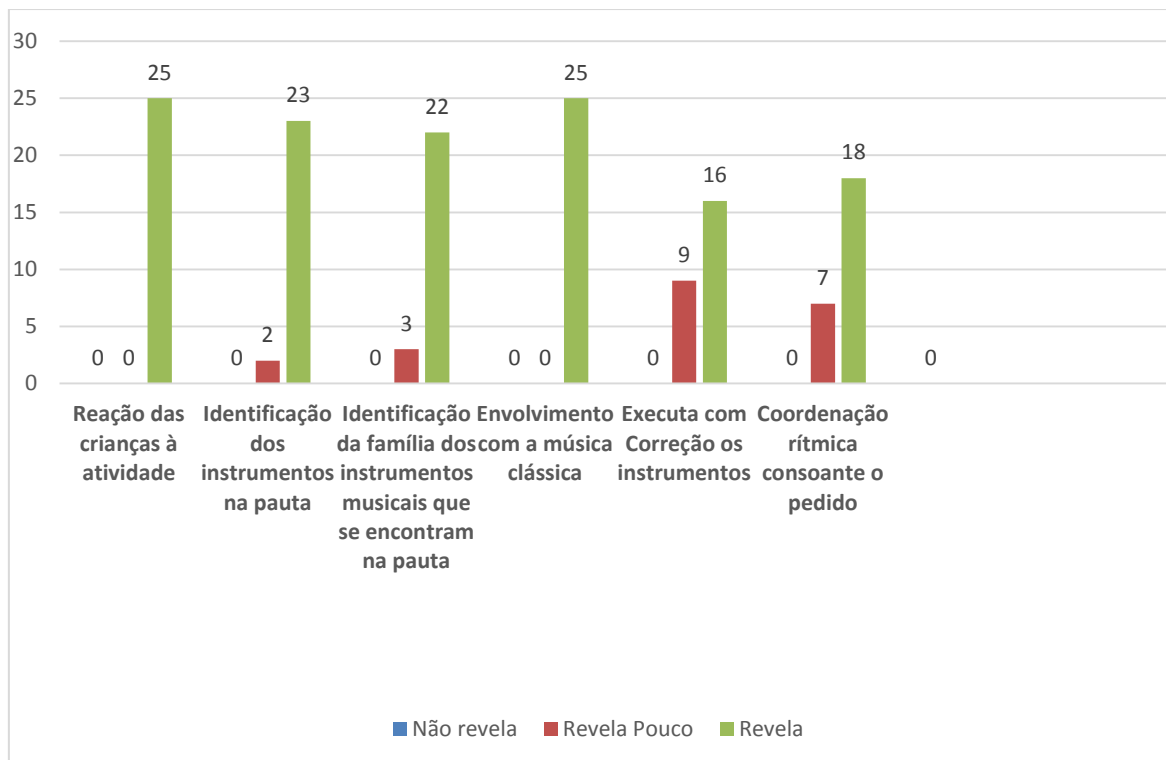


Gráfico nº 4 : Resultados da 2ª sessão “ Exploração da pauta não convencional”

Reflexão da subatividade:

Com a apresentação da pauta pude constatar que a identificação dos instrumentos e família dos instrumentos se encontra cada vez mais presente nos conhecimentos das crianças dizendo:

TV: “É um reco-reco “.

Estagiária: “E este?”

MR: “Triangulo”.

Estagiária: “E este”?

MR: “Pau de Chuva”.

Esta tarefa requeria da parte das crianças uma concentração redobrada pois tinham de focar-se na pauta para identificarem a sua vez de tocar. Assim, a atividade

foi parada e iniciada mais do que uma vez de modo a que as crianças pudessem perceber em que consistia a tarefa.

A coordenação rítmica foi razoável sendo notável nas crianças mais novas (7 Crianças) alguma dificuldade no manuseamento dos instrumentos e na identificação da sua vez para tocar, logo a coordenação rítmica também foi condicionada para estas crianças.

Contudo, foi clara a participação ativa das crianças e a sua motivação na realização da atividade, há sem dúvida um reconhecimento de importância da tarefa pelas crianças. Outro aspeto a ter em conta é a atitude positiva e receptiva das crianças relativamente à música clássica, pois esta foi bem aceite pelo grupo que pediu várias vezes para repetir a música e colocar outras. Esta atividade foi preponderante para dar continuidade à atividade que se segue e sem dúvida que influenciará as aprendizagens futuras das crianças.

4.2.2 – Subatividade nº2 da atividade nº2: “ Construção de uma pauta não convencional”

Descrição da subatividade:

A estagiária explicou que iriam construir uma pauta não convencional como a que foi explorada anteriormente mas com outros instrumentos. Antes de iniciar a sua construção voltou a questionar o nome dos instrumentos e a família dos instrumentos às crianças, estes estão cada vez mais presentes nos conhecimentos das crianças dizendo: **Estagiária:** “ *As guiseiras pertencem a que família?*”

MC: “*Metal*”.

Estagiária: “ *Muito bem MC*”.

Estagiária: “*O reco-reco pertence a que família?*”

MR: “*Às madeiras*”.

Seguidamente, e de forma aleatória, a estagiária solicita às crianças para que coloquem as imagens dos instrumentos que já se encontravam com velcro na pauta não convencional (fig. 29) seguindo a sequência da pauta que foi trabalhada anteriormente mas modificando os instrumentos e introduzindo os instrumentos não convencionais que estas construíram.



Fig. 29: Construção da pauta não convencional



Fig. 30: Pauta não convencional construída pelas crianças

Terminada a construção da pauta (fig. 30), a estagiária distribuiu os instrumentos pelas crianças e colocou a obra “Marcha Turca de Mozart”, para que as crianças acompanhassem a pauta ao som da obra. Depois de vários exercícios a estagiária resolveu trocar alguns instrumentos que se encontravam na pauta de modo a tornar o seu acompanhamento mais facilitado para as crianças.

O gráfico nº 5 apresenta os resultados da participação e do conhecimento das crianças na elaboração da pauta não convencional:

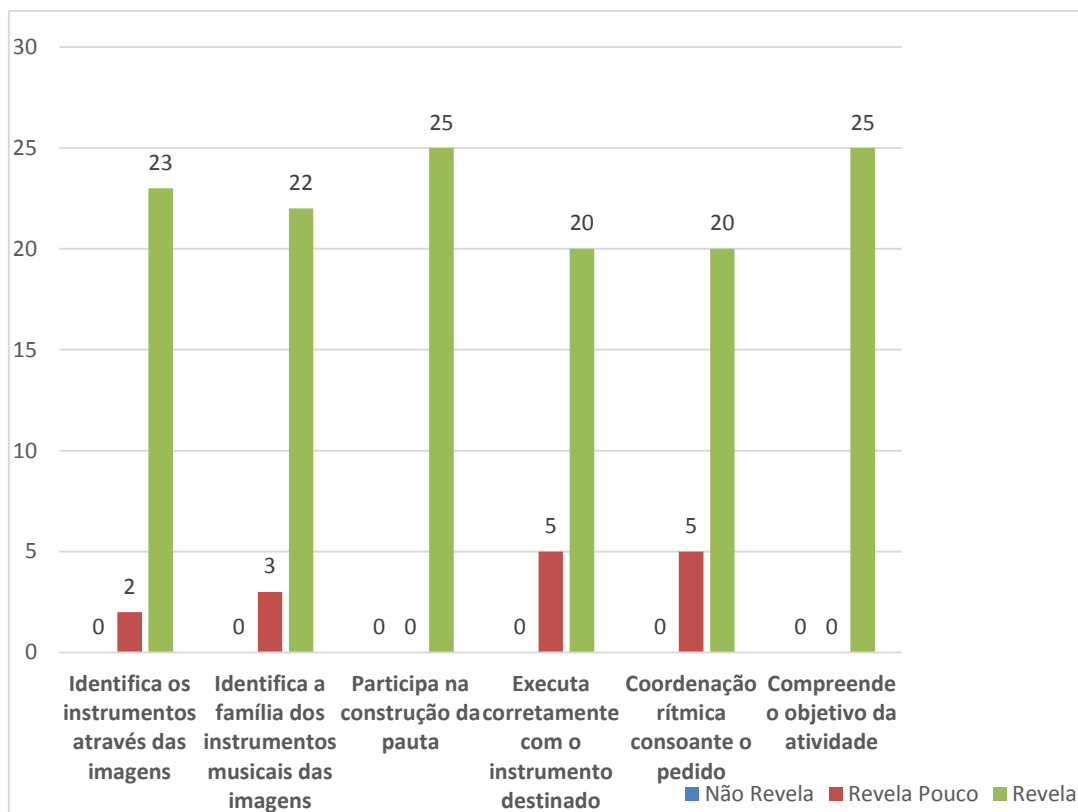


Gráfico nº 5: Resultados da sessão nº 2ª construção da pauta não convencional”

Reflexão da subatividade:

Depois de analisados os registos audiovisuais foi notável alguma insegurança das crianças em musicar através da pauta não convencional, pois como esta pauta envolvia instrumentos diferentes do que a que foi trabalhada anteriormente tornou a tarefa mais difícil. Para resolver este imprevisto alterei instrumentos na pauta e repeti a atividade várias vezes, para que as crianças pudessem acompanhar a mesma. Esta insegurança, julgo que também se deve ao facto de nunca lhes ter sido proporcionado nada parecido (composição de uma pauta) e daí revelarem talvez o medo de falhar.

Com esta atividade pude identificar dificuldades a serem colmatadas como o manuseamento dos instrumentos por parte de algumas crianças e a coordenação rítmica.

No entanto já foi verificável uma evolução da atividade anterior para esta no que diz respeito à execução dos instrumentos, pois apenas 5 crianças revelaram dificuldade e na coordenação rítmica que também diminuiu o número de crianças com dificuldades (5). Isto deve-se ao facto de as crianças terem cada vez mais contacto com instrumentos e com atividades de expressão musical.

No final da sessão dialogámos sobre o que estivemos a realizar o que deve ser melhorado e sobre os instrumentos utilizados dizendo:

R: *“Qual é este instrumento?”*

MR: *“Guizeira.”*

R: *“E os seguintes?”*

MR: *“Reco-reco, pandeireta, guizeira, maracas, pau de chuva.”*

R: *“Que instrumento é este?”*

AL: *“Guizeira, família dos metais.”*

R: *“E este?”*

ML: *“Maracas, família das madeiras.”*

R: *“E este?”*

JF: *“Reco-reco, família das madeiras.”*

Através deste diálogo e da análise da tabela verifiquei que apenas 2 crianças não identificaram o nome dos instrumentos e 3 crianças ainda não associam o instrumento à família dos instrumentos.

Assim, é importante dar continuidade a esta atividade pois é notável que as dificuldades das crianças aos poucos estão a ser colmatadas e a motivação das mesmas em atividades de expressão musical é a mais positiva, sendo por vezes difícil controlar o grupo tal é a excitação de ouvir música e sobretudo de tocar instrumentos.

4.3– Atividade nº 3 - “ A Arca do zé”

Intencionalidade educativa:

Esta atividade foi o 1º contacto que as crianças tiveram com a história do projeto final. Com ele pretendíamos que as crianças identificassem os animais da história e o som dos animais. Optámos por recorrer à estratégia de dinamização de leitura – tapete Narrativo – que considerámos um elemento bastante positivo na envolvência das crianças com a história, pois este recurso foi utilizado pela 1ª vez em sala de atividades.

Descrição da atividade:

A história foi apresentada através de um tapete narrativo (fig. 31) em jeito de introdução e a estagiária começou por questionar o grupo face à estratégia utilizada (o que será que nos vai contar este tapete?)



Fig. 31: Tapete narrativo da história “A Arca do Zé”

A reação das crianças foi bastante positiva:

MJ: “Uau!”

RB: “Que giro!”

CP: “Isto é uma manta, na ACEP também tem.”

As crianças pareciam interessadas e entusiasmadas com o material observado. Assim, comecei por contar a história e fazer referência aos elementos da história no tapete. Quando terminou a história coloquei algumas questões de interpretação literal e compreensão inferencial e pelo que pude averiguar através das respostas apresentadas pelas crianças todas elas compreenderam o conteúdo da mesma, contudo o nome de alguns animais ainda não fazia parte do léxico das crianças.

Analisando o gráfico nº 6 conseguimos avaliar aspetos como a atenção, a reação ao tapete narrativo, o conhecimento dos animais e o som dos animais:

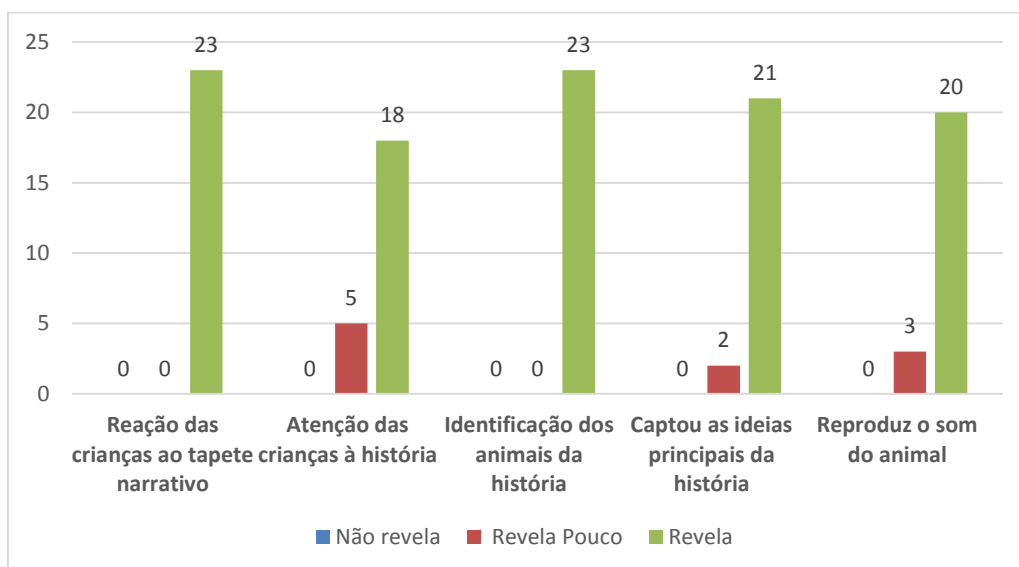


Gráfico nº 6: Resultados da sessão “ A Arca do Zé”

Reflexão da atividade:

Verificamos que no início da atividade as crianças mostraram-se bastante motivadas devido ao material que lhes foi apresentado. Os materiais didáticos de hoje em dia que se utilizam para contar uma história são um excelente meio para cativar a atenção das crianças na leitura de histórias.

Relativamente à aquisição de conhecimentos e dos conteúdos da história foi bem conseguida pois as respostas dadas pelas crianças comprovam-no:

Estagiária: *“Quando os marinheiros chegavam a terra o que é que eles viam?”*

MJ: *“Os patos.”*

Estagiária: *“Qual foi o animal que se tornou o melhor amigo dos marinheiros?”*

MR: *“O macaco.”*

Estagiária: *“Durante a noite que animais é que andavam na floresta”*

AL: *“Corujas.”*

Estagiária: *“Quais eram os animais de que o zé cuidava?”*

AL: *“Vacas.”*

MR: *“Galinhas.”*

DM: *“Galo.”*

RA: *“Os porcos.”*

Pudemos também verificar através da grelha de observações que 3 crianças não conheciam pelo menos 1 animal, 13 crianças não conheciam pelo menos 2 animais e 7 crianças não conheciam 3 animais da história, pois estes não faziam parte do léxico e ainda não tinham sido trabalhados na sala de atividades.

Relativamente à produção dos sons dos animais as crianças mostraram-se bastante participativas quando a estagiário propôs esta tarefa, no entanto 3 crianças do grupo, 2 delas de 3 anos e uma delas de 5 anos revelaram alguma timidez e dificuldade em exprimir-se em frente ao grupo. Com esta avaliação concluímos que atividades lúdicas e expressivas devem continuar a ser proporcionadas ao grupo.

Esta atividade proporcionou às crianças um contacto diferente com a história, podendo estas tocar nos personagens e elementos e assim era como se estivessem dentro da história.

Esta atividade tem um papel importantíssimo no decorrer da investigação e para a realização das próximas atividades pois, é através desta que vai ser desenvolvido um projeto final, um culminar de aprendizagens, assim, é muito importante a avaliação do interesse e da motivação das crianças que se revelou fortemente positivo.

4.3.1 – Subatividade da atividade nº3 – “Registo de consolidação da história “

Descrição da atividade:

Após o diálogo com as crianças sobre os elementos que compõem a história, a estagiária distribuiu por cada criança folhas A4 e lápis de cor para que fossem realizados os registos da história.

Nestes registos (fig. 32, 33 e 35) foi evidente a consolidação da história, pois nestes as crianças representaram tucanos, macacos, árvores, Zé, avô, pássaros, patos, peixes, rãs, barcos, marinheiros, cagarras entre outros.

É claro que em alguns registos (fig.32) não é evidente o que está desenhado pois algumas crianças de 3 e 4 anos de idade ainda se encontram na fase da garatuja (riscos desordenados).

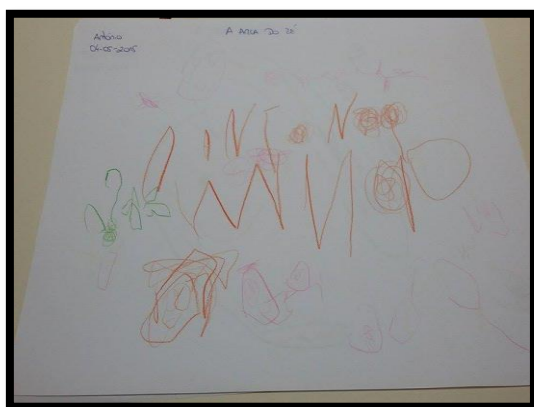


Fig. 32: Registro que revela ainda a fase da garatuja



Fig. 33: Estão presentes elementos da história



Fig. 34 e 35: Registos de consolidação da história

O gráfico nº 7 apresenta os resultados sobre os registos de consolidação da história representados pelas crianças.

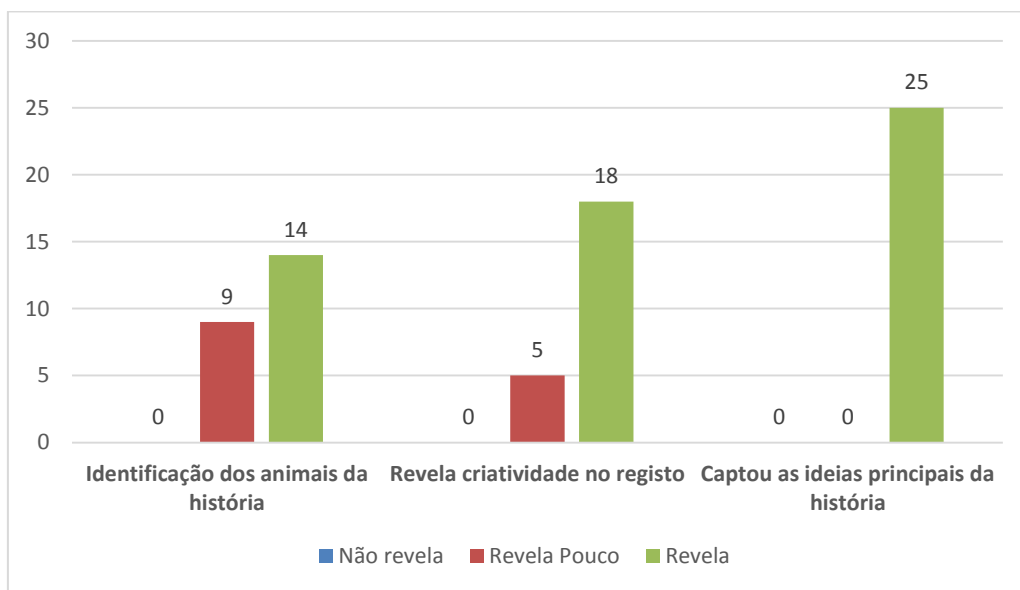


Gráfico nº 7: Resultados da sessão nº 3 “Registo de consolidação da história “A Arca do Zé”

Reflexão da subatividade:

Após analisado o gráfico verificámos que 9 dos registos de consolidação se tornam inconclusivos pois 11 crianças de 3 anos ainda se encontram na fase da garatuja e quando questionadas sobre o que se encontra no seu registo de

consolidação, é notável que as respostas de umas influenciam as outras, pois existe uma tendência de repetição umas das outras.

Neste grupo existe um grande interesse por atividades de expressão plástica logo esta foi desenvolvida de forma individual e os registos revelam empenho, interesse, e atenção no trabalho desenvolvido.

Esta atividade foi oportuna no sentido em que as crianças puderam consolidar o que aprenderam anteriormente na história e assimilar os elementos que compõem esta história para em atividades futuras terem bem presente esta sequência, assim esta impulsionou as próximas e novas aprendizagens que se desenvolveram neste grupo.

4.4 – Atividade nº 4 - “Vamos brincar com instrumentos”

Intencionalidade educativa:

Esta atividade teve o intuito de desenvolver a expressividade das crianças no Domínio da Expressão Musical, pois ainda é notável, alguma “timidez” e dificuldade de expressão perante os outros. Com esta atividade pretende-se que as crianças possam contactar com instrumentos de lâminas (metalofone, xilofone, jogo de sinos). Realizando pergunta/ resposta de acordo com a sua criatividade e estimulando a sua imaginação.

Descrição da atividade:

A atividade intitulada por “Vamos brincar com instrumentos”, desenvolveu-se na sequência do trabalho integrador que foi desenvolvido anteriormente no Domínio da Expressão Musical.

Inicialmente a estagiária solicitou às crianças que realizassem o exercício com palmas, ou seja uma criança colocava a pergunta com palmas e outra respondia com palmas, de modo a clarificar a estagiária exemplificou o exercício. Esta tarefa realizou-se sucessivamente até às crianças compreenderem o objetivo da sessão.

Após a realização de vários exercícios, a estagiária distribuiu pelas crianças xilofones, metalofones e jogos de sinos e iniciou o exercício começando por explicar o

que é uma escala pentatónica e fazendo referência aos instrumentos de altura definida e indefinida, dando exemplos com os instrumentos que se encontravam na sala.

Em 1º lugar perguntou às crianças se conhecem as notas musicais e obteve respostas tal como:

AL: *“Eu sei é o dó, ré, mi, fá.”*

Estagiária: *“Muito bem, mas ainda faltam algumas.”*

MR: *“Mi, fá, dó.”*

Estagiária: *“As notas musicais são dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó.”*

Assim, repetiram todas em grupo as notas musicais. Seguidamente a estagiária questionou: *“Alguém sabe o que é uma escala pentatónica?”*

O grupo desconhecia esta escala, então a estagiária explicou que esta é formada por 5 notas musicais, ou seja suprimimos a nota fá e a nota si (4ª e 7ª nota). Neste sentido, a estagiária ajudou as crianças a retirarem as lâminas dos instrumentos para puderem tocar com a escala pentatónica e assim, iniciarem a atividade. Para que a atividade fosse realizada com sucesso as crianças tocavam quando solicitadas pela estagiária (fig. 36 e 37), colocando uma pergunta ou dando uma resposta aos colegas, seguindo as indicações da estagiária.



Fig. 36: Criança a realizar uma “pergunta”



Fig. 37: Criança a executar uma “resposta”

Através do gráfico que se segue podemos analisar alguns aspetos referentes à atividade das crianças nesta atividade:

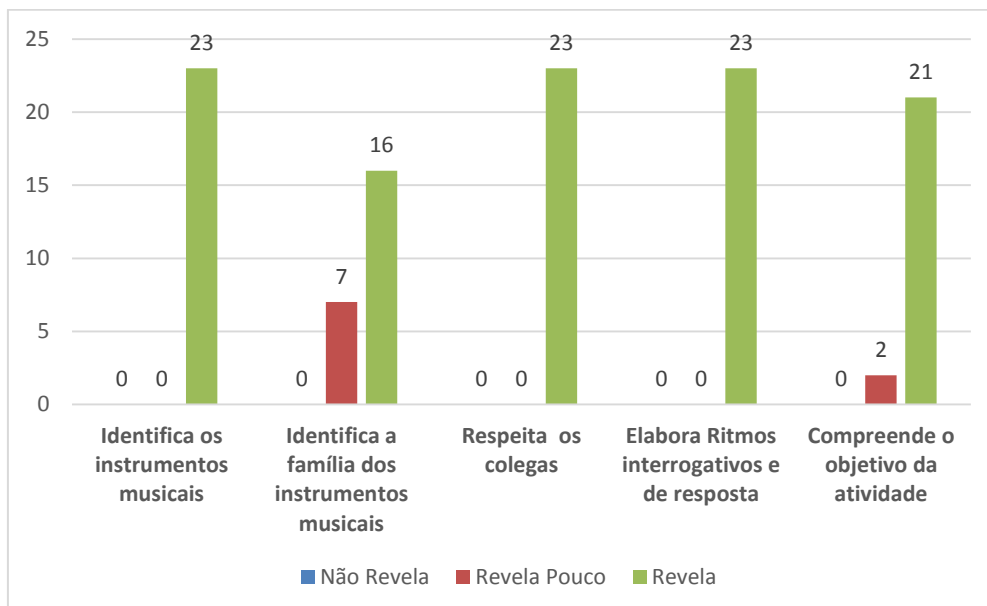


Gráfico nº8: Resultados da sessão “Vamos Brincar com instrumentos”

Reflexão da atividade:

Tal como podemos verificar acima todas as crianças realizaram ritmos interrogativos e de resposta sem demonstrar dificuldades no entanto como podemos verificar as crianças CC e LP necessitaram de ser estimuladas na realização do exercício, estas ainda apresentam alguma insegurança na realização de tarefas.

Contudo, as crianças MR, AL, MC, RA utilizaram os instrumentos corretamente e criaram melodias em forma de pergunta e resposta bastante criativas.

As crianças CM e TA demarcaram-se nesta atividade pois foi notória a sua evolução na identificação dos instrumentos musicais, embora ainda revelem alguma dificuldade na identificação da família dos instrumentos, assim como as crianças AG, CC, ES, IB e LP.

Posso considerar que as atividades que se desenvolveram nas sessões anteriores têm sido o suporte para esta evolução evidente do grupo de crianças.

Concluimos portanto que esta atividade foi de forma geral, bem conseguida pois, mesmo as crianças que anteriormente sentiam dificuldades compreenderam o objetivo da atividade, executaram corretamente os instrumentos e respeitaram os colegas quando estes se encontravam a tocar um instrumento.

No entanto, verificamos que o grupo necessita de mais atividades relacionadas com a exploração de ritmos e melodias com instrumentos musicais, pois este grupo não tinha qualquer contacto com instrumentos musicais.

4.4.1 – Subatividade nº1 da atividade nº4 – “Circuito sonoro”

Descrição da atividade:

Inicialmente a estagiária afixou no quadro o circuito sonoro (fig. 38 e 39) e questionou as crianças: “Lembram-se do nome destes instrumentos? E a que família pertencem?”

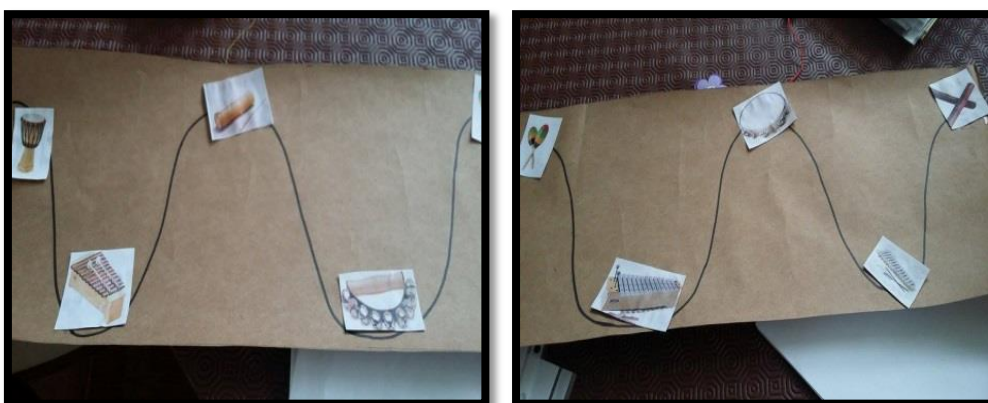


Fig. 38 e 39: Circuito sonoro

A maioria das crianças respondeu sem apresentar dificuldades. Após este diálogo a estagiária distribuiu os instrumentos pelas crianças e explicou que os instrumentos que têm altura definida iam ser tocados com a escala pentatónica, logo tinham de retirar a 4ª e a 7ª nota e que os restantes tocariam os instrumentos de percussão. Esta instrução foi bem compreendida pelas crianças, pois este exercício já tinha sido realizado na atividade anterior.



Fig. 40: Execução da tarefa

Após esta breve discussão, demos início ao objetivo fulcral da atividade (fig. 40), onde assumi o papel de maestrina, assim conforme fosse deslizando o dedo pelo circuito as crianças tinham de executar a ação na sua vez, forte ou pianíssimo conforme o local do instrumento no circuito. Após repetidas duas vezes a tarefa as crianças trocaram de instrumentos para manipularem diferentes instrumentos.

O gráfico nº 9 apresenta os resultados das crianças na execução da tarefa proposta – “circuito sonoro”:

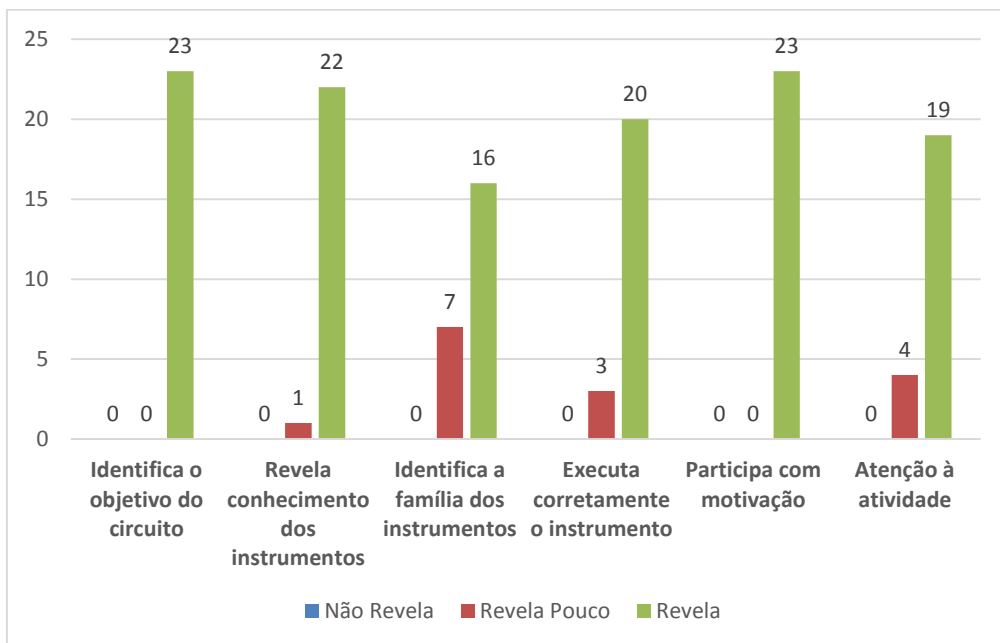


Gráfico nº9: Resultados da sessão nº 4 “ Circuito Sonoro”

Reflexão da subatividade:

Verificámos que a atividade foi encarada pelas crianças de forma motivada e curiosa acerca do que iam realizar. No desenrolar da descrição da atividade realizada em grande grupo, surgiram algumas reações satisfatórias:

AT: *“Já sei, vamos tocar aqueles instrumentos.”*

DM: *“Eu quero tocar o jambé.”*

TV: *“Eu o reco-reco.”*

Neste dia o TV trouxe para a sala de atividades um reco-reco construído com os pais em casa, para tocar na minha sessão e a mãe partilhou a satisfação de desenvolverem atividades neste domínio pois o filho está a adorar, este é um ponto forte no meu percurso porque evidencia a motivação desta criança e do grupo em atividades no Domínio da Expressão Musical.

Esta tarefa atribuiu alguma responsabilidade às crianças, pois cada uma sentia que dependia de si mesma e da sua atenção e concentração para identificar a sua vez de tocar.

Em alguns casos, pela motivação de ter e tocar um instrumento as crianças CC, ES, MJ e TA revelaram falta de concentração na atividade. Ainda é notável nas crianças CC e IB alguma dificuldade em executar corretamente os instrumentos e isto deve-se à insegurança que estas crianças apresentam, pois, encontram-se no 1º ano de jardim-de-infância e ainda não superaram alguns receios próprios da faixa etária.

Em suma concluímos, que é evidente uma evolução da atividade anterior para esta, pois as crianças revelam cada vez menos dificuldade nas atividades desenvolvidas, assim podemos constatar que estas estão cada vez mais familiarizadas com a Expressão Musical e têm reforçado as suas aprendizagens atividade após atividade.

4.5 – Atividade nº5: “ A música é divertida”

Intencionalidade educativa:

Nesta atividade pretendeu-se mobilizar os conhecimentos anteriores e desenvolver competências na identificação auditiva das crianças, bem como, introduzir alguns instrumentos no léxico e nas aprendizagens das crianças, estimulando as crianças a trabalhar a acuidade auditiva e a manifestar individualmente as suas aprendizagens e os seus conhecimentos.

Descrição da atividade:

A estagiária iniciou a atividade por relembrar os instrumentos que tinham aprendido e que estavam na sala para ajudar a consolidar os conhecimentos e questionou as crianças sobre o nome e a família de cada um.

Seguidamente explicou às crianças que teriam de fazer silêncio para conseguirem identificar o som dos instrumentos e posteriormente verificar se o instrumento identificado se encontrava na sala ou não.

Assim, a estagiária colocou o áudio e foi ouvindo as opiniões das crianças (fig.41):

RA: “Concertina.”

MR: “Maracas.”

MC: “Jambé.”

RB: “Guitarra eléctrica.”

DM: “Trompete.”

AL: “Piano.”

AL: “Saxofone.”

ES: “Pandeireta.”



Fig.41: Identificação do som dos instrumentos

E assim sucessivamente até acabarem os instrumentos do áudio. Para terminar a atividade a estagiária propôs às crianças que identificassem a sequência dos instrumentos conforme foram reproduzidos, identificassem a família de cada instrumento e verificassem se existe na sala

No gráfico nº 10 são apresentados os conhecimentos das crianças acerca da identificação do som dos instrumentos musicais:

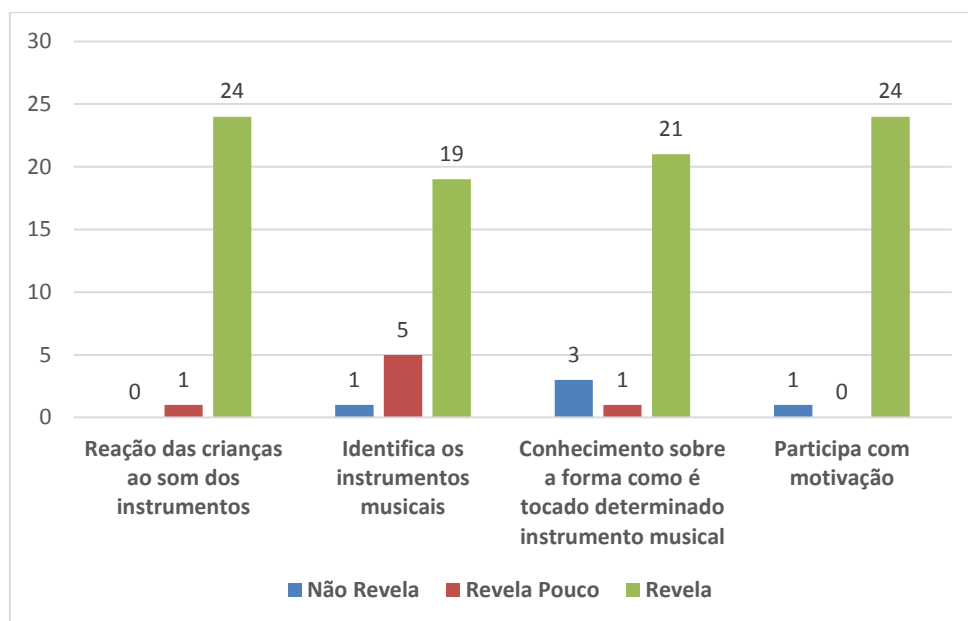


Gráfico nº10: Resultados da 5ª sessão “A música é divertida”

Reflexão da subatividade:

Analisando o gráfico constatamos que a CC teve dificuldades em partilhar com os outros a sua opinião apresentando nesta sessão dificuldades em expressar-se, talvez se deva ao facto de ainda não se encontrar completamente integrada com o grupo e com aprendizagens estruturadas, visto que em contexto de recreio não apresenta qualquer tipo de dificuldade em expressar-se e comunicar.

As crianças AG, CM, ET, IB com 3 anos de idade, apesar de participarem, demonstraram dificuldades na identificação dos instrumentos. As crianças mais novas necessitam de mais vivências no Domínio da Expressão Musical, assim as atividades

que se seguem surgem no sentido de reforçar as aprendizagens de modo a extinguir estas fragilidades.

Analisando todo o trabalho desenvolvido, verificamos que esta atividade proporcionou às crianças um momento lúdico e de diversão consolidando e aprendendo conceitos ao mesmo tempo. A comunicação e a expressividade foram envolvidas nesta atividade onde pudemos denotar um envolvimento sério e de extrema dedicação por parte de algumas crianças. Podemos também perceber que algumas crianças mais velhas já identificavam os instrumentos que nunca tinham sido abordados em sala de atividades (concertina, saxofone, piano) o que nos leva a concluir que estas estão envolvidas em todo o processo de aprendizagem e já contactaram de alguma forma com os mesmos.

4.5.1 – Subatividade da atividade nº5: Registo - “O meu instrumento Preferido”

Descrição da atividade:

Nesta atividade a estagiária questionou as crianças (“Que instrumento gostavas de tocar?”, “Qual é o instrumento que mais gostas?”) para que todas pudessem verbalizar as suas preferências.

Após o diálogo a estagiária distribuiu folhas A4 e lápis de cor pelas crianças para que estas pudessem dar início ao registo.

Em alguns registos (Fig.42, 43,44,45) não é evidente o que lá está, mas a estagiária registou o instrumento que as crianças apontaram como sendo o preferido, aquele que gostam ou gostavam de tocar.

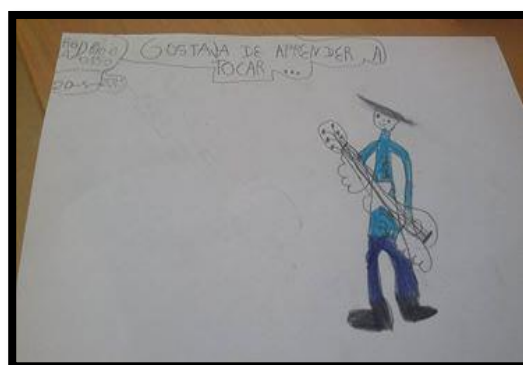




Fig. 42, 43, 44 e 45: Evidências das preferências das crianças.

No gráfico nº 11 estão apresentados os resultados da consolidação dos conhecimentos acerca dos instrumentos musicais explorados anteriormente:

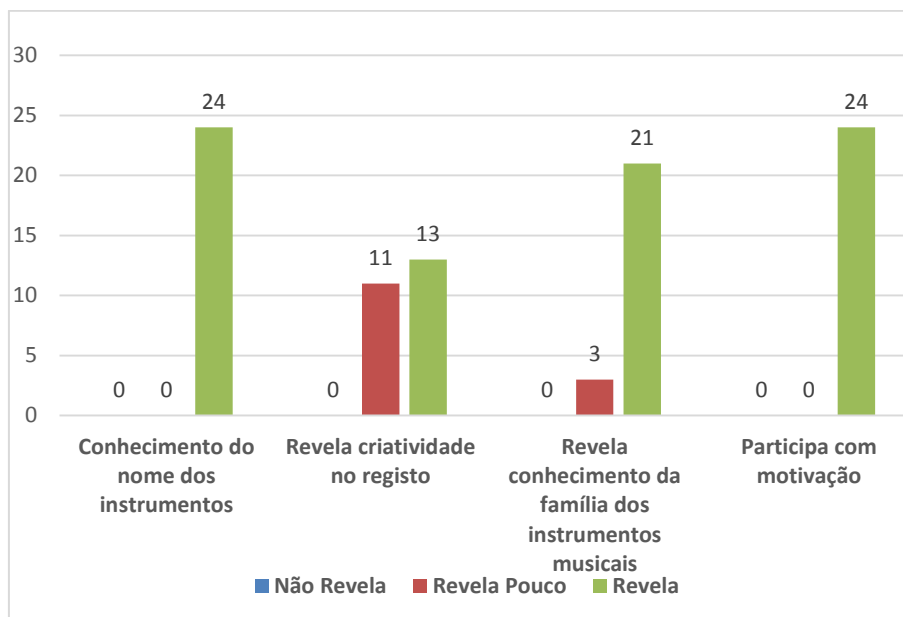


Gráfico nº11: Resultados da sessão nº 5 “ Registo – O meu instrumento preferido”

Reflexão da subatividade:

Após analisado o gráfico, verificámos que uma parte dos registos é um pouco vaga pois as crianças ainda se encontram na fase da garatuja e apesar de a estagiária

questionar sobre o que desenharam, as crianças têm uma natural tendência para repetirem o que as outras dizem.

Relativamente à motivação das crianças no desenrolar da tarefa revelou-se bastante positiva, pois este é um grupo que têm grande interesse por atividades de pintura e expressão plástica, assim os registos do exercício são o reflexo disso.

Outro aspeto a enunciar é que nesta atividade só 3 crianças de 3 anos de idade não revelaram conhecimento sobre a família dos instrumentos, logo há uma evidente evolução nas aprendizagens das crianças, ou seja, a continuidade que foi dada à sessão anterior foi deveras importante.

Esta atividade revelou-se fortemente importante no sentido em que as crianças partilharam e comunicaram umas com as outras as suas preferências.

Assim, é necessário continuar a desenvolver atividades em que as crianças possam envolver-se num trabalho de grupo e de partilha.

4.6 – Atividade nº 6 – “Música aleatória com a escala pentatónica”

Intencionalidade educativa:

Esta atividade foi estruturada com o intuito de envolver as crianças numa tarefa em grande grupo onde a atenção e o conhecimento da família dos instrumentos é fundamental para o sucesso da atividade.

Descrição da atividade:

No início da atividade as crianças revelaram-se um pouco apreensivas quando se depararam com os quadros representativos colocando questões:

MJ: *“O que é aquilo no quadro?”*

RA: *“O que vamos fazer?”*

AL: *“Porque é que os quadros são diferentes e aquele não tem nada?”*

TV: *“Tem uma onda.”*

CF: *“Um quadro sem nada deve ser silêncio.”*

RB: *“ É como a mão do silêncio.”*

Foi então que foram dadas as indicações sobre a representação de cada quadro (anexo 4) (família das madeiras, metais e peles, silêncio, melodia, fortíssimo, Pianíssimo). A estagiária distribuiu os instrumentos musicais de altura definida e indefinida e solicitou que fossem retiradas as lâminas para tocarem com a escala pentatônica.



Fig. 46: Leitura dos quadros representativos da família dos instrumentos

Foram assim então dadas as indicações para que as crianças identificassem a sua vez de tocar. Esta tarefa requeria por parte das crianças uma atenção redobrada para produzir o ritmo desejado na sua vez de tocar. As crianças tinham de acompanhar o dedo da estagiária nos quadros e ao sinal da mesma pararem ou começarem a executar a ação conforme fosse o seu instrumento (fig.46).

Após serem trabalhados todos os quadros, a estagiária propôs a troca de instrumentos para que as crianças consolidassem conhecimentos acerca da família dos instrumentos e manipulassem diferentes instrumentos. As estratégias utilizadas para as crianças fazerem silêncio além de se centrarem no quadro representativo, foi utilizada a “mão do silêncio”, a estagiária levanta a mão e verbaliza “mão do silêncio” e todos sabem que é momento de fazer uma pausa no que estão a realizar.

O gráfico nº 12 apresenta o resultado das crianças na leitura e execução da atividade proposta.

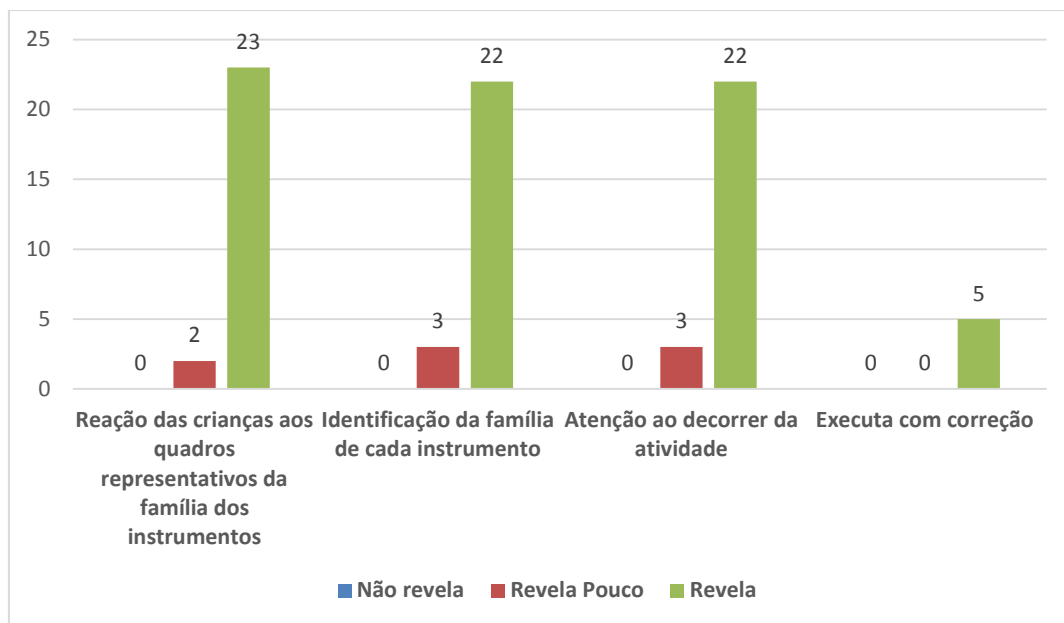


Gráfico nº12: Resultados da sessão nº6 “Música aleatória com a escala pentatônica”

Reflexão da atividade:

Depois de analisado o gráfico, verificámos que o grupo apresenta uma coordenação rítmica bastante boa sendo que, apenas 3 crianças de 3 anos sentiram dificuldades no exercício, pois encontravam-se distraídas com a manipulação dos instrumentos. Este dado bem como a identificação da família dos instrumentos revelam uma evolução substancial e fortemente positiva, tendo em conta o nível em que o grupo de crianças se encontrava no início das implementações de Prática de Ensino Supervisionada.

A importância de realizar com frequência regular atividades no Domínio de Expressão Musical neste grupo têm contribuído para a evolução das aprendizagens das crianças, pois os resultados produzidos são os mais positivos. A participação ativa das crianças, o envolvimento, o empenho, a vontade de participar, o empenho, a

entreadjudada na execução rítmica foram aspetos que demarcaram no desenrolar da atividade.

Esta atividade serviu como fio condutor para as próximas sessões mas sobretudo nos ensaios do projeto final pois trabalhou a atenção, a concentração, a entreadjudada e o contacto com a família dos instrumentos.

4.7 – Atividade nº 7: “Chapéus Criativos”

Intencionalidade educativa:

Esta tarefa irá integrar a apresentação “A Arca do Zé”. Esta está intimamente relacionada com o Domínio da Expressão Plástica, onde pretendemos que a realização dos chapéus seja realizada pelos pais e familiares juntamente com as crianças em colaboração com a estagiária. Pretende-se assim, que este seja um trabalho colaborativo que incide na envolvimento parental, de modo a que as crianças e os familiares sintam o projeto como algo deles.

Descrição da atividade:

Inicialmente distribuí os papéis necessários para musicar a história de acordo com as características físicas de cada instrumento musical, de modo a não dificultar a manipulação dos mesmos.

Depois de planeada a sessão a estagiária preparou um pedido para os pais em que apelou à colaboração e à envolvimento dos mesmos na realização dos chapéus (anexo 5). Nesse pedido colocou o animal que cada criança iria representar, a imagem de um exemplo e os objetivos para a tarefa.

Foram assim realizadas duas rãs, duas galinhas, dois patos, duas vacas, três porcos, dois tucanos, duas cagarras, dois melros pretos, dois passarinhos, duas corujas, dois grilos e dois macacos.

Esta distribuição foi realizada de acordo com os pares da sala já formados desde o início do ano pois são compostos por uma criança de 5 anos e uma criança de 3 anos e assim as crianças mais velhas auxiliavam as mais novas.

A criança CC não realizou um grilo, pois o seu animal favorito é a borboleta, logo na apresentação contamos com a presença de uma borboleta, de modo a não influenciar as preferências das crianças, que fizeram observações:

CC: *“Eu sou a borboleta mais bonita.”*

CM: *“Eu tenho penas.”*

MJ: *“Eu tenho penas azuis e verdes.”*

DL: *“Eu cor de laranja.”*

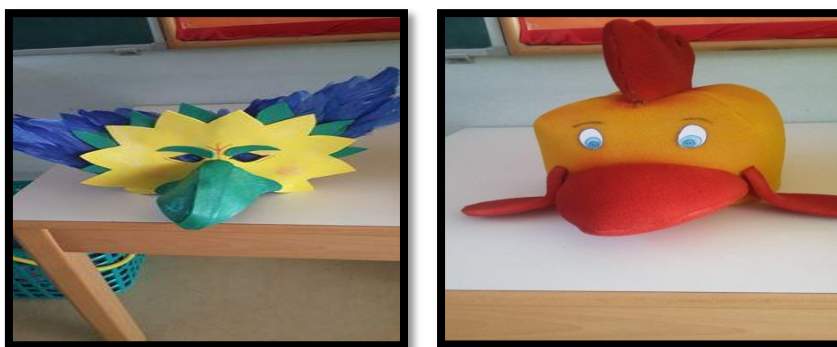


Fig. 47 e 48: Chapéus criativos para o projeto final (passarinho e galinha)

Depois de ter sido enviado mais um comunicado (anexo 6) para nos certificarmos da participação dos pais e familiares, os chapéus acabaram todos por chegar à exceção de um. A estagiária terminou-os colocando fitas em cada um, olhos, penas, patas entre outros elementos necessários. Relativamente ao chapéu que não teve a colaboração dos pais este foi realizado pela estagiária.

Após este período de construção dos chapéus (fig. 47,48,49 e 50), cada criança explicou ao grupo que materiais utilizaram na construção do seu animal e quem colaborou na sua construção, pois o objetivo primordial desta atividade era trabalhar a envolvimento parental no projeto e representar um animal da história “A Arca do Zé”. Foi possível também na apresentação individual de cada animal, fazer referência às suas características, habitat, modo de locomoção, revestimento e modo de alimentação. Esta abordagem permitiu uma consolidação de conhecimentos pois a temática animal já foi abordada em sessões anteriores, logo esta sequência de sessões tem um importante papel para desenvolver as aprendizagens das crianças.



Fig. 49 e 50: Chapéus criativos para o projeto final (cagarra e porco)

No Gráfico são apresentados os resultados da envolvimento parental, da colaboração da estagiária e das crianças na elaboração dos chapéus criativos.

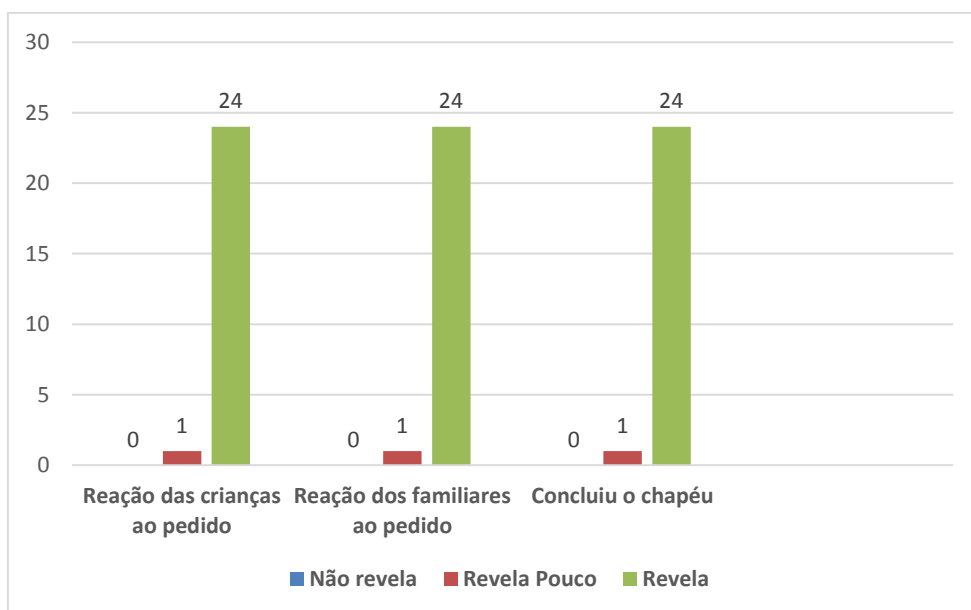


Gráfico nº 13: Resultados da 7ª sessão "Elaboração dos chapéus criativos"

Reflexão da atividade:

Avaliando a informação transmitida através do gráfico comprovamos, que as crianças revelaram-se participativas na realização dos chapéus, tendo estas a preocupação de alertarem os pais para a realização dos chapéus.

Através da análise do gráfico é notória a participação dos familiares, pais e encarregados de educação, existindo por parte destes, uma preocupação permanente, onde colocaram várias dúvidas antes da realização dos chapéus.

Recordo também que houve um encarregado de educação que não pode realizar o chapéu, contudo teve a preocupação de comunicar atempadamente para que nos fosse possível realizar o mesmo.

Foi necessário em vários chapéus terminar a sua elaboração visto que, alguns pais não dispunham de acessórios para o mesmo, em alguns casos também foi necessário o auxílio da estagiária, pois alguns pais depararam-se com algumas dificuldades na sua execução.

Em suma, consideramos que esta tarefa foi bem conseguida, uma vez que os familiares e encarregados de educação valorizaram o trabalho por eles desenvolvido e pelo interesse e empenho que se envolveram de tal forma no projeto, que disputavam o melhor chapéu construído.

A criança CC realizou o seu animal preferido e não o proposto para o projeto mas de modo a não interferir na preferência da criança, esta realizou a apresentação assumindo o papel de borboleta, ganhando assim a história um novo animal.

4.8 – Atividade nº 8: Apresentação Final “ A Arca do Zé”**Intencionalidade educativa:**

Esta atividade é o culminar de todo o trabalho até aqui desenvolvido. É uma tarefa que envolve a narrativa através da exposição de uma história, história esta que se denomina “A Arca do Zé”.

Espera-se que as crianças sejam capazes de desempenhar o seu papel na apresentação e se ajudem mutuamente em momentos imprevistos e sobretudo que se divirtam nesta apresentação.

Descrição da atividade:

Após as crianças levarem para casa os convites (anexo 7) para os pais e familiares e depois de muito trabalho em sessões anteriores como elaboração dos chapéus, construção de instrumentos musicais não convencionais, a abordagem à temática animal e todas as sessões no Domínio de Expressão Musical realizadas anteriormente bem como, o contacto com a música clássica e os vários ensaios do projeto as crianças foram encaminhadas pelos pais e familiares para o Centro Paroquial e Social da Meadela, onde o espaço já se encontrava devidamente organizado e decorado pela estagiária.

Antes da apresentação foram realizadas pinturas faciais (fig.51 e 52) pela estagiária que previamente enviou um pedido de autorização aos pais e encarregados de educação (anexo 8). Estas foram realizadas em todas as crianças, de acordo com o animal que cada criança iria representar.

Esta apresentação contou com o apoio do fotógrafo do agrupamento, de um técnico no sistema de som, da educadora cooperante que narrou a história, da assistente operacional que colaborou na voz off e dos apresentadores (colegas de estágio).

Uma vez preparadas as crianças para dar início ao grande desafio, colocaram-se no seu lugares e enquanto as cortinas não se abriam os apresentadores comentavam:

Apresentador 1: *“Por falar em Zé, sabes quem chegou ao porto da nossa marina?”*

Apresentador 2: *“Quem?”*

Apresentador1: *“O zé com a sua arca.”*

Apresentador 2: *“Ahhh, A Arca do Zé, eu ouvi dizer que o zé com a sua arca trouxe muitas histórias nas suas viagens.”*

Apresentador 1: *“E ele contou aos meninos da sala 2.”*

Apresentador 2: “Estão curiosos? Eu também.”

Seguidamente as cortinas abriram-se e ouviram-se sons da natureza enquanto a cooperante narrava a história e no desenrolar da ação as crianças foram assumindo os seus papéis. As crianças mais novas marcaram a pulsação ao som da obra “Marcha Turca de Mozart” com alguns instrumentos que construíram na sala de atividades (maracas, guizeira, pandeireta e clavas) e as mais velhas realizavam o som dos animais com os instrumentos da história, instrumentos estes, que emitem o som dos animais (anexo 9). Assim, as crianças musicaram a história “A Arca do Zé” (fig.53 e 54) e após vários ensaios da peça conseguiram alcançar os objetivos propostos para a mesma.



Fig. 51 e 52: Pinturas faciais



Fig. 53 e 54: Apresentação do projeto final

No gráfico nº 14 são apresentados os resultados do projeto final desenvolvido pelas crianças.

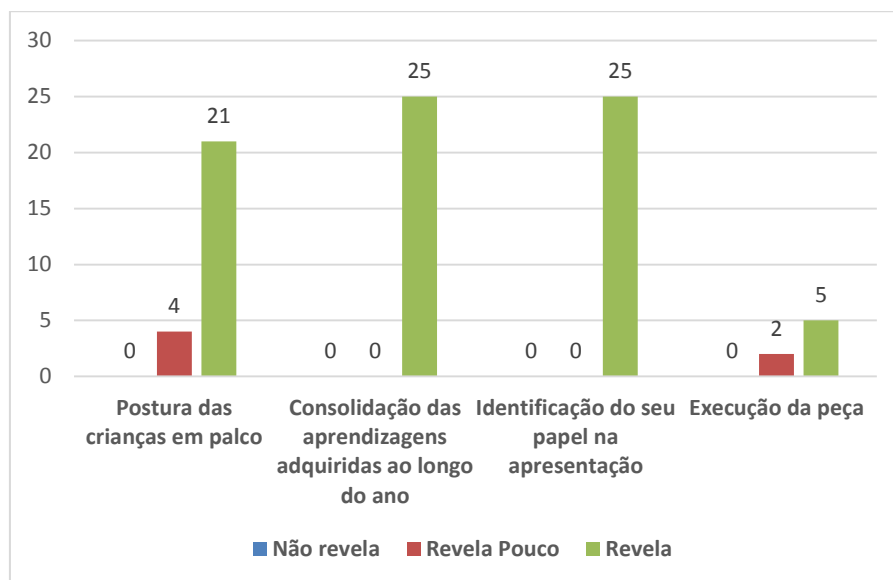


Gráfico nº 14: Resultados da sessão nº 8 “Apresentação final - A Arca do Zé”

Reflexão da atividade:

Os resultados obtidos superam em muito as expectativas esperadas em torno deste produto final, estando o reflexo disso no gráfico anteriormente referido. Analisando o gráfico e comparando a prestação das crianças nos ensaios realizados, constato que é visível uma evolução e destaco a prestação das crianças mais novas (13) que conseguiram marcar a pulsação com os instrumentos sem grande dificuldade, embora o TV se apresentasse um pouco distraído, devido à presença de pais e familiares e a IB um pouco “tímida” devido ao contacto com o público.

Relativamente às crianças de 5 anos, demonstraram uma excelente postura em palco e revelaram-se atentos e conhecedores de toda a apresentação, prestando auxílio em toda a sessão às crianças mais novas.

No decorrer da peça foi evidente a concentração da maior parte das crianças e o perfeccionismo das mesmas, para que os pais e familiares presentes gostassem do que estas estavam a fazer.

As crianças gozaram assim de momentos de grande interação e um desenvolvimento de outras áreas e experiências além do domínio de Expressão Musical estas adquiriram competências ao nível da Formação Pessoal e Social, da Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo.

Depois da apresentação os pais colocaram algumas opiniões na caixa das opiniões (anexo 10) que se encontrava na sala, onde foram escritas mensagens como:

- ✓ “Gostei muito do espectáculo e da mensagem que passou. A colaboração pais/filhos/escola é sempre muito bem-vinda. Bom trabalho!”
- ✓ “Parabéns pelo excelente trabalho. Aliar a diversão à aprendizagem e utilização dos instrumentos musicais foi fantástico e proporcionou um espetáculo muito interativo.”
- ✓ “O espectáculo denota muito trabalho e organização por parte de todos, professora, estagiária, pais e crianças. Sem dúvida que este é o ponto forte desta festa, a envolvimento de toda a comunidade. Quero desde já agradecer à estagiária por esta iniciativa. O meu sincero obrigado.”
- ✓ “Parabéns. Fizeram um excelente trabalho, de salientar a importância de terem envolvido os familiares na atividade. Gostei muito.”
- ✓ “Gostei muito da atuação dos meninos. Estão de parabéns por terem trabalhado com eles os ritmos e a música clássica (a nova paixão do meu filho). Obrigada.”

Estas opiniões são o reflexo do trabalho desenvolvido que em parte foi bem conseguido devido à envolvimento parental. De uma forma geral, o balanço feito pelos familiares dos participantes foi satisfatório pois verificámos através dos seus comentários que estes estavam orgulhosos do desempenho dos seus filhos e que este foi um projeto que suscitou a curiosidade dos pais devido às experiências que as crianças partilhavam em casa.

Capítulo V

Conclusões

No presente capítulo apresento as principais conclusões do presente estudo, onde são apresentadas as respostas às questões de investigação formuladas. Esta fase do trabalho está organizada em três fragmentos, sendo que o primeiro incide sobre as conclusões do estudo, o segundo refere-se às limitações encontradas e, o terceiro refere-se às recomendações face a futuras investigações.

5.1- Conclusões do estudo

No decorrer do presente estudo tivemos sempre em linha de conta as questões de investigação que voltamos a apresentar, nomeadamente:

- Como é que as crianças reagem à exploração de atividades de expressão musical?
- Qual a motivação das crianças na implementação do projeto A Arca do Zé?
- Qual o impacto do projeto A Arca do Zé nas crianças e na comunidade educativa?

Concluimos que as atividades realizadas permitiram às crianças progredir significativamente no seu desenvolvimento cognitivo, comunicativo e afetivo. No desenrolar deste estudo foram vivenciadas pelas crianças várias atividades no domínio da expressão musical, sendo estas trabalhadas de modo sequencial e gradual conforme a evolução do grupo de crianças. Assim, as primeiras serviram de alicerce às seguintes, visto que as crianças tinham um contacto pouco regular com atividades deste domínio. Desta forma, partiu-se de diferentes atividades integradoras que levaram os intervenientes a contactar regularmente com o domínio da expressão

musical. Todas as atividades musicais realizadas foram de igual modo importantes para avaliar a motivação e a evolução das crianças ao longo do projeto, uma vez que a música influencia o desenvolvimento global do cérebro, promove não só o desenvolvimento de literacia musical mas também das capacidades linguísticas, motoras e de coordenação, sociais e emocionais. As atividades desenvolvidas permitiram otimizar as aprendizagens, revelando-se um potencial meio para a concretização do projeto traçado, e desta forma contribuir para um aumento de motivação nas crianças, pelo que defendemos a realização de projetos similares neste domínio.

Ao longo das sessões o grupo revelou uma evolução na coordenação motora dos instrumentos musicais, suas propriedades e respetivas famílias, identificação tímbrica, postura responsável e conhecimento dos objetivos que se pretendiam atingir ao longo do projeto final, na atenção e comportamento aquando decorriam atividades. As crianças revelaram-se de dia para dia mais autónomas e responsáveis, com espírito crítico tendo em conta as suas opiniões e ao mesmo tempo respeitando os seus pares.

Durante as implementações foi notável, o interesse e a motivação nas atividades propostas, pois estas foram consideradas segundo as necessidades do grupo de crianças e ajustadas individualmente de acordo com o nível desenvolvimental das crianças, em que as crianças pareciam retirar prazer na sua realização.

Os dados recolhidos neste estudo indicam que a expressão musical é uma mais-valia, no desenvolvimento das crianças, mediando as suas aprendizagens num ambiente mais salutar para o seu crescimento.

É de salientar que ao longo deste processo, as considerações prévias das crianças foram tidas em conta, bem como o nível de desenvolvimento característico de cada criança. O ajuste das atividades ao nível de desenvolvimento das mesmas permitiram uma evolução gradual dos seus conhecimentos no domínio da expressão musical. Deste modo, fomos identificando as dinâmicas e adaptando as aprendizagens ao desenvolvimento individual de cada criança.

O estudo realizado permitiu-nos perceber que as crianças deste contexto educativo revelam-se mais desprendidas nas atividades de grupo, pois metade das

crianças encontram-se no primeiro ano de JI. Assim, a música contribuiu fortemente para este desprendimento porque é uma das formas mais lúdicas de ensinar e aprender, explorando livremente o mundo que nos rodeia.

Nesta análise de todo o trabalho desenvolvido, é de realçar que sendo este projeto direcionado para o domínio da expressão musical foi-nos possível, para além de desenvolver outras áreas educativas trabalhar a entreajuda, a partilha, a expressão e a comunicação. Desta forma, através dos desafios lançados ao longo do processo deste trabalho, as crianças apresentavam-se motivadas e envolvidas o que resultou no alargamento de conhecimentos e aprendizagens. Uma vez, alcançada essa motivação essencial para o projeto, tornou-se possível a realização das tarefas para o mesmo.

Na sequência de atividades é notável uma interligação entre todas, onde as atividades foram sequenciadas tendo em vista a superação das dificuldades e lacunas que iam sendo diagnosticadas durante as diferentes ações.

Este projeto contou com o envolvimento parental onde se analisou que muitos dos participantes deste estudo comentavam em casa o trabalho que estava a ser desenvolvido, colaboraram na realização dos chapéus e colocavam questões acerca do projeto. Assim, destacamos este fator como uma mais-valia para o desenvolvimento deste trabalho pois a envolvência parental é um ponto forte a ter em consideração pois, é importante “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (OCEPE, 1997, p. 22).

A participação das famílias e da restante comunidade educativa, assume-se como um indicador e um fator preponderante para a realização de um projeto com sucesso e que poderá ter algum peso na continuidade dos estudos musicais, pois esta participação promove uma aproximação e um envolvimento na ligação escola-casa que é tão importante.

Esta envolvência da família no projeto motivaram ainda mais as crianças, pois estas ao terem conhecimento da colaboração dos seus familiares, sentiram-se mais motivadas e envolvidas no mesmo, sendo que o sentido de responsabilidade de ambas as partes aumentou gradualmente. Os pais e familiares colaboradores neste projeto também revelam um grau de satisfação elevado, devido ao facto de estarem a

colaborar diretamente com o jardim-de-infância, ajudando para a concretização de um evento que pretendia contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, ou seja estes reconheceram que este tipo de tarefas ajudam os seus filhos a crescer e evoluir.

Com a participação dos pais e familiares verificámos que foi possível o envolvimento desejado, pois estes revelaram-se participativos e motivados no decorrer do projeto e por saberem o seu grau de envolvimento. Da mesma maneira, as crianças revelaram satisfação e motivação por partilhar as suas aprendizagens no seu ambiente familiar.

Assim, em jeito de suma e respondendo às questões de investigação, as atividades de expressão musical revelaram-se um fator de enriquecimento do desenvolvimento das crianças, tendo por base, uma planificação e monitorização ajustada, bem como, a avaliação de aspetos bem definidos.

Com o decorrer das tarefas e dos ensaios a apresentação do projeto final “A Arca do Zé”, passou a ter mais importância para as crianças, para os pais e familiares revelando-se preocupados e motivados em colaborar para o produto final.

Projetos desta natureza, bem preparados, bem programados com intencionalidade educativa estruturada são o reflexo do trabalho que deve ser desenvolvido com mais frequência. O projeto desenvolvido superou os objetivos estipulados fruto da planificação, implementação e avaliação das atividades realizadas. Estas, tiveram um fio condutor comum para o culminar de aprendizagens significativas que refletem empenho, motivação, satisfação e alegria das crianças.

O resultado final adivinhava-se tão aliciante que foram contratados profissionais para realizar a gravação e registar as etapas do evento. Este registo permite-nos ter a perceção que este projeto foi ao encontro dos interesses das crianças aliado ao pouco envolvimento que estas tinham no início do ano com o domínio da expressão musical.

Foi com a participação e envolvimento de todas as crianças no projeto final “A Arca do Zé” que se pôde concluir que o projeto desenvolvido trabalhou a interligação

escola- casa que é tão importante na Educação Pré-Escolar e na aquisição e partilha de aprendizagens.

Todas as atividades elaboradas deram resposta às questões de investigação permitindo a aquisição de conhecimentos, a alteração dos comportamentos e atitudes por parte das crianças e encarregados de educação, potenciando o domínio da expressão musical e envolvimento parental. Projetos desta natureza com objetivos estruturados permitem ultrapassar barreiras do ensino/aprendizagem como a integração das crianças neste nível de ensino.

Este estudo e a realização deste projeto permitiu-me colocar em prática os conteúdos abordados no decorrer do meu percurso académico, pois revelaram-se fulcrais para o desenvolvimento de cada sessão e para a realização do projeto final. Esta prática pedagógica na educação pré- escolar permitiu-me dar um óptimo contributo para o desenvolvimento de atividades no domínio da expressão musical, assim sendo permiti que as crianças explorassem e manipulassem diferentes instrumentos e contactassem com um leque variadíssimo de atividades de expressão musical. Como futura profissional a realização deste projeto e deste estudo enriqueceu a minha formação profissional, pessoal e social e impulsionou o meu interesse pessoal e profissional pelo domínio da expressão musical.

5.2 - Limitações do estudo

Como em todos os estudos, este também teve algumas limitações no decorrer do seu percurso, sendo elas a falta de tempo para um estudo mais pormenorizado e o facto de apenas se limitar a uma turma de crianças não permite fazer comparações com outros. Por exemplo num outro contexto, numa outra sala de JI com participantes com perfis diferentes.

5.3 - Recomendação para futuras investigações

Enquanto investigadora apelo ao facto de se realizarem com mais frequência projetos que incidam nas vertentes artísticas, pois estas revelam-se bastantes motivadoras para as crianças.

Resta-me apenas recomendar que em futuros projetos e futuras investigações em que seja pertinente é susceptível um cruzamento da Expressão Musical com todas as Áreas e Domínios da Educação Pré-Escolar para uma educação mais transversal, utilizando técnicas mais diversificadas.

Outro aspeto a ter em conta sempre que possível é a envolvência parental, pois esta contribuiu fortemente para o sucesso deste projeto e sobretudo para envolver e motivar pais e crianças.

Parte III

Reflexão final sobre a PES

No presente capítulo é apresentada uma pequena reflexão com as vivências da PES I e da PES II, que foram, desenvolvidas durante dois semestres e que me fizeram crescer enquanto futura profissional e enquanto pessoa.

Nesta reflexão pretendo expor todo o processo desenvolvido nesta investigação.

Durante a PES tive a oportunidade de praticar a teoria aprendida anteriormente reconhecendo a importância da sua aplicação nas nossas aprendizagens futuras. Ainda foi essencial e muito importante observar as práticas exercidas por parte da educadora cooperante, pois assim, ofereceram-me novas aprendizagens a pôr em prática nas implementações que seriam executadas futuramente com o grupo de crianças em questão.

Assim, esta experiência permitiu-me desenvolver aprendizagens científicas pedagógicas bem como sociais, afetivas, de compreensão, partilha e cooperação.

A observação permitiu o contacto inicial com as rotinas do grupo e com as características individuais de cada criança. Este contacto inicial permitiu que fossem colmatadas algumas inseguranças, que com o tempo se foram dissipando.

Posteriormente seguiram-se as planificações e as implementações de atividades que procuraram sempre ser transversais e motivadoras para que as crianças pudessem aprender de forma interessada.

O grupo onde o estudo foi desenvolvido, era bastante heterogéneo, tendo as crianças necessidades diferentes e aprendizagens um pouco distintas e específicas, próprias de cada idade.

Assim, pude perceber que para esta diferença de idades é necessário ter em conta uma atenção redobrada nas atividades propostas. Constatei também, que cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem e deste modo, as práticas devem ser diversificadas assim como, as avaliações da mesma.

Quanto ao controlo do grupo no início da prática de ensino supervisionada, foram sentidas algumas dificuldades, mas com o apoio da educadora cooperante e com as reflexões com os professores supervisores, foram utilizadas estratégias para captar a atenção e concentração do grupo.

Foi notável uma grande diferença entre o trabalho realizado na PES I para a PES II pois, na última foi-nos possibilitado um trabalho sistemático e transversal a todas as áreas e domínios de conhecimento, conhecendo cada vez melhor o grupo e podendo assim, responder às suas necessidades.

A PES II exigiu um nível de dedicação bastante mais elevado, dado o tempo passado com as crianças e também pelo tempo das implementações pois passaram para três vezes por semana.

Um momento que considero de extrema importância ao longo do ano, foram os momentos de reflexão com os docentes orientadores da PES, pois através destes foi-nos possível refletir sobre a nossa prática e identificar aspetos a melhorar de modo a captar a atenção e a motivação das crianças. A troca de ideias e estratégias que foi abordada também nestas reuniões, revelaram-se imprescindíveis constituindo-se uma mais-valia neste percurso.

Apesar de realizar a PES sem um par de estágio, penso que consegui realizar com sucesso este projeto e este desafio, independentemente de alguns entraves que encontrei pelo caminho. Sem dúvida que um par de estágio é importante na partilha de ideias, na recolha de dados, na análise de dados e sobretudo para nos fornecer um feedback sobre a nossa prestação.

Uma dificuldade sentida e que só foi combatida no remate final desta prática de ensino, foi o da timidez por parte de algumas crianças que no decorrer das implementações só participavam quando auxiliadas pela educadora cooperante ou quando insistentemente pedia a sua colaboração.

Através do aconselhamento foi possível alertar as crianças para a necessidade de dissiparem a sua timidez, potenciando as práticas de ensino no enriquecimento e acessibilidade a todas as crianças. Outra dificuldade fez-se sentir na recolha de dados, pois sem par de estágio esta tarefa é mais difícil de realizar devido ao acumular de funções durante a PES.

Ao longo destes semestres posso dizer que tive a oportunidade de crescer com um leque alargado de experiências que me proporcionaram um desenvolvimento das minhas competências pedagógicas, desenvolver a autonomia na sala de atividades,

superando as dificuldades e aprendendo a conhecer e a respeitar as diferenças e as características de cada criança.

É crucial criar uma base sólida e adaptada às exigências atuais do ensino que permitirá servir de suporte para uma boa adaptação à profissão em si. O estágio é uma peça fundamental na prática pedagógica pois proporciona momentos inesquecíveis de aprendizagens, desenvolvimento pessoal e profissional e clarifica as questões que nos chamaram à atenção ao longo da licenciatura e da parte curricular do mestrado.

Ao longo deste percurso percebi que a afetividade é fundamental pois a educação pré-escolar para além de preparar as crianças para a escolaridade obrigatória, prepara-as para um crescimento equilibrado e assim os momentos de brincadeira são essenciais para estimular o desenvolvimento psicológico, físico, social e afetivo da criança.

Piaget (1976) refere que as atividades lúdicas são o berço das atividades intelectuais das crianças, são meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual e afirma:

“ O jogo é, portanto sob as suas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma articulação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil.”

(Piaget,1976, pág.160)

Tendo em conta a pertinência do estudo, podemos dizer que as atividades projetadas originaram resultados positivos traduzidos na participação e motivação das crianças, nas oportunidades que o domínio da expressão musical facultou às crianças e no cuidado que o investigador teve em definir estratégias adequadas em função das necessidades das mesmas.

Ao longo desta investigação foi fundamental adequar e ajustar tarefas conforme as necessidades que iam surgindo no grupo de crianças. Foi deveras notável,

com o passar do tempo, a consciencialização por parte das crianças do grupo do seu envolvimento na execução do projeto.

Ao longo da PES II consegui identificar mais claramente as necessidades do grupo, moldando assim algumas estratégias e adaptando-me melhor à prática.

Tal como se verificou no desenvolvimento da PES I, a motivação para as atividades de leitura verificou-se claramente neste grupo de crianças, contudo julgo que o facto de lhes ter proporcionado atividades no âmbito da expressão musical permitiu que conhecessem uma nova paixão, um novo interesse criando assim de dia para dia um gosto particular pela música e pelos instrumentos.

As atividades de música não eram desenvolvidas neste contexto ao longo da PES I, pois foi quando me apercebi desta lacuna, no entanto na PES II começaram a ser desenvolvidas no jardim por uma professora de Música uma hora por semana.

O projeto que desenvolvi ao longo da PES envolveu a expressão musical numa atividade de leitura que desafiou o grupo e desafiou-me a mim obtendo respostas bastante aliciantes e motivadoras.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), o educador deve planear aprendizagens desafiadoras de modo a cativar o interesse das crianças e a estimular cada criança apoiando-a para que alcance níveis de realização que não chegaria individualmente e sem o papel do educador.

As crianças puderam assim contactar com experiências de estímulo e exploração de instrumentos que apelam à criatividade e expressividade na forma como produzimos melodias.

É de extrema relevância o contacto com instrumentos musicais no pré-escolar pois além de desenvolver outras áreas educativas tais como a motricidade fina através da manipulação de instrumentos musicais, o conhecimento dos mesmos, a identificação auditiva dos instrumentos, a família dos instrumentos, a imaginação, a criatividade e as características lúdicas da música (Cezero,1997).

Ao nível de manuseamento verificou-se uma evolução na coordenação motora dos instrumentos musicais e ao longo das sessões foi também notável a evolução de

conhecimentos acerca da distinção de instrumentos de pele, madeira e metais, assim como a interpretação de grafias não convencionais.

Foi ao longo das práticas desenvolvidas na PES II que percebi a importância que o envolvimento parental tem no processo de ensino- aprendizagem das crianças.

Esta cooperação com a comunidade educativa permitiu uma aproximação entre as famílias, a educadora cooperante e a investigadora. O envolvimento que mais me marcou foi a apresentação da história “A Arca do Zé” pois foi um culminar de aprendizagens em que os familiares e encarregados de educação participaram e as crianças puderam transmitir o trabalho desenvolvido ao longo da PES II.

Assim, os pais e familiares puderam observar o trabalho desenvolvido até então, percebendo o significado dos chapéus que realizaram, identificaram e partilharam connosco.

Neste sentido a PES I e a PES II possibilitaram um conjunto de experiências em momentos de aprendizagem construtivos que me permitiram menosprezar receios e inseguranças, sentindo-me cada vez mais capaz de dar continuidade ao meu percurso profissional.

Num futuro próximo é importante proporcionar aprendizagens a diferentes níveis educativos cativantes para todas as crianças, sendo um grupo heterogéneo ou homogéneo e que proporcionem aprendizagens significantes para os mesmos.

Com esta experiência, aprendi que ao longo dos anos podemos melhorar a nossa visão pedagógica, melhorando as nossas aprendizagens e as do grupo com que estamos a trabalhar no momento, pois tanto a criança como o educador são constantes aprendizes. Considero o contacto com as crianças momentos únicos na minha vida que contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

Procurei em cada erro, uma oportunidade de aprendizagem, em cada dificuldade um momento para crescer e evoluir.

A PES foi um percurso determinante na minha formação pois permitiu que desenvolve-se meios de intervenção no processo de ensino-aprendizagem e meios de identificação de problemas para refletir e procurar soluções através de investigação.

Concluindo esta reflexão sobre a PES, considera-se a mesma indispensável na aplicação de conhecimentos adquiridos na área de educação pré-escolar, sendo um suporte fundamental ao longo de todo o processo educativo.

Salienta-se também o papel primordial que todo o educador deve ter pois este deve acreditar nas suas capacidades procurando sempre ir mais além, estando permanentemente num processo de aprendizagem, pesquisando sempre que possível novas práticas educativas, devendo estar sempre preocupado com o bem-estar físico e mental da crianças, respeitando-a enquanto criança e indivíduo.

Assim, no sentido de melhorar práticas educativas, sublinho algumas sugestões através de um pensador dos nossos tempos, Gandi *in* Filliozat (1999),

“ O fim está nos meios. Ouçamos as nossas crianças, para que elas saibam ouvir. Respeitemo-las e elas saberão respeitar os outros. Aceitemos sentir e libertar as nossas próprias emoções e não só deixaremos de projectar nelas os nossos sofrimentos como saberemos aceitar os nossos choros. Acompanhemolas na viagem em direção a si próprias seguindo as etapas do seu crescimento. Ajudemo-las a exprimir o que elas têm dentro de si, a ter consciência da sua identidade e confiança nas suas capacidade, gostos, desejos e necessidades.... Numa palavra, ajudemo-las a sentir, nomear e utilizar as suas emoções.”

(Filliozat, 1999,p.255).

Referências Bibliográficas

- Amaral, S. (2004). *Expressão Musical: significados e significantes Prespectiva vivencial no Jardim de Infância*. Coimbra: Colecção Thesaurus.
- Arribas, T. (2008). *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed.
- Barbier, J. (1993). *Elaboração de projetos de ação e planificação*. Porto: Porto Editora.
- Barbosa, M. & Horn, M. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artemed, 2008.
- Bell, J. (1995). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benedetti, K. & Kerr, D. (2009). *A psicopedagogia de Vygotsky e a Educação Musical: uma aproximação*. São Paulo: FASM.
- Boas, M. (2001). *Escola e família – uma relação produtiva em sociedades multiculturais*. Escola superior de educação João de Deus.
- Bodgan, R. & Taylor, S. (1986). *Traducción a los métodos ualitativos de investigación*. Buenos Aires: Paidós.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Castro, C. (2004). *Desenvolvimento currículo e organização escolar*.
- Castro, J. P & Rodrigues, M. (2008). *Sentido do número e organização de dados: Texto de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cezero, S.S (1997). *Enciclopédia de Educação infantil – Recursos para o Desenvolvimento do Currículo Infantil*. Rio de Mouro: Nova Presença.
- Cohen, L. Manion, L. (1990). *Métodos de investigação educativa*. Madrid: Editorial la Muralla.

Coutinho, & Coutinho, C. (2008). *Investigação Ação – Metodologia preferencial das práticas educativas*.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª Edição ed.). Coimbra: Almedina.

DEB. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dewey, J. (1994). *O sentido de projeto*. In Leite, E. et al. Trabalho de projeto 2. Porto: Edições Afrontamento.

Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto: Porto Editora.

Filliozat, I. (1999). *No Coração das Emoções das Crianças – Compreender a sua linguagem, Risos e Choros*. Cascais: Editora Pergaminho.

Gallahue, D. L. (2002). *Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância*. In B. Spoked, *Manual de investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gordon, E. (2000). *Teoria da Aprendizagem Musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gordon, E. (2008). *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e crianças em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gordon, E.E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Guerreiro, S. Morais, D. Caiado, J. (1985). *Sons para construir*. Lisboa: Plátano Editora.

Homem, M. (2002). *O jardim de infância e a família: As fronteiras de cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

INE (2011). *Instituto Nacional de Estatística*. Obtido em 1 de julho de 2015, de Censos 2011: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Jacas, M. M. (2004). Expressão Musical. In T. L. Arribas (Ed), *Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização escolar* (pp. 245-279). Porto Alegre:

Jaume, M. A. (2008). *O Ambiente e a Distribuição de Espaços*. In T. L. Arribas, *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed.

Katz, L., & Chand, S. (1989). *A abordagem de projeto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

Lentin, L. (1981). *A criança e a linguagem oral: Ensinar a falar: Onde? Quando? Como?*. Lisboa: Livros Horizonte

Marques, R. (1999). *A escola e os pais- como colaborar?*. Lisboa: Texto Editora

Martins, I. P. et al. (2007). *Educação em Ciências e ensino Experimental - Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

Martins, L. (2004). *Contribuição da música no desenvolvimento das habilidades motoras e de linguagem de um bebê*. Monografia de Pós Graduação de escola de Música e Belas artes do Paraná.

ME-DGIDC. (2010). *Metas de aprendizagem da Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projetos*. Lisboa: Edições Asa.

Mertens, D. M. (2010). *Research and evaluation in education and psychology: integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods*. Los Angeles: Sage Publications.

Mussen, H.P. (1983). *O desenvolvimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Nascimento, D.S. (1996). *Ensinar “ Disposições”: o caminho do meio na Educação Musical na pré- escola*. Revista Brasileira de Educação Musical.

Orff, C. & Keetman, G. (1969). *Musique pour enfants*. Bruxelles, Schott freres.

Peery, J. (2002). *A música na educação de infância*. Manual de investigação em educação de infância. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

Peixoto, A. (2008). *A criança e o conhecimento do mundo: atividades laboratoriais em ciências físicas*. Penafiel: Editora Novembro.

Piaget. (1976). *Psicologia e Pedagogia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Ramos, M. (2003). *Família e adaptação escolar*. Tese de mestrado. Coimbra: faculdade de psicologia e ciências da educação. Universidade de Coimbra.

Rovira, M. C., & Giner, J. M. (2008). *Meios e Recursos na Escola*. In T. L. Arribas, *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed.

Santos, M. (2009). *Que se ganha com o trabalho de projeto?* Noesis nº76.

Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância - textos de apoio para os educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação - 2.º Volume (Vol. II)*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na educação - 3.º volume (Vol. III)*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. (1999). *Metodologias do ensino da música para crianças*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

Spodek, B., & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.

Swanwick, K. (2006). *Música, pensamiento Y educación*. Madrid: Ediciones Morata.

Swanwick, K. (1979). *A basic for music education*. London: Routledge.

Tornado, C. (1997). *Enciclopédia de educação infantil- recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*. Rio de Janeiro: Nova presença.

Vallim, V. C. (2003). *A produção Musical na Educação infantil: um desafio da escola do futuro*. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina.

Vasconcelos, T. (1997). In Ministério da Educação – DEB (ed) (1997) *Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar*. Lisboa

Wuytack, J. & Boal – Palheiros, G. (1995). *Audição Musical ativa – livro do professor*. Porto: Associação Wuytack de pedagogia musical.

Anexos

Anexo 1: História “ A Arca do Zé”

A Arca do Zé

Era uma vez um menino chamado Zé, que adorava histórias de encantar que o avô lhe contava quando a lua poisava á frente da sua janela.

Todas as noites pedia ao avô para o levar a entrar no mundo dos sonhos e da magia.

- Avô! Avô! Conta-me aquelas histórias das conquistas em África, das aventuras nas florestas tropicais e das amizades com os animais.

Nos olhos do Zé brilhava o fascínio pelo desconhecido, sentado ao colo do avô, era como se fosse transportado para dentro da história, enchendo-lhe a alma e criando um lindo sonho. Começava sempre com a saída do barco, cheio de luzes e marinheiros, que entoavam lindas canções de despedida rumo a outras terras. Lçavam-se as velas e ao sabor do vento, lá iam eles.

E de repente, ao longe ouvia-se uma música...

As cagarras rodeavam os barcos e acompanhavam as viagens dos homens, conversavam com o mar, e sempre que encontravam bom peixe, atiravam-se sobre ele.

Já o Zé estava embrenhado naquele magnífico Mundo, deixando-se levar ao sabor das ondas como nenúfares na água, um paraíso de cores intensas e suaves, rodeada de sons encantadores, frescos como uma brisa quentinha.

Chegada a terra, os patos eram os primeiros a se avistar na praia, com o seu andar escangalhado, a ir em direção aos pequenos charcos que convidava os marinheiros a entrar na floresta densa e húmida.

O canto dos passarinhos encantava qualquer um, os cucos, espreitavam por entre os ninhos para os visitantes, tal como os melros pretos que continuavam a comer bagas e a trazer para os filhotes. O tucano todo pomposo, no mais alto ramo a comer um pero suculento, anunciava o equilíbrio de perfeição daquele lugar. Lagos e os pântanos pareciam lagoas de águas mansas, cheias de perfume e muitos tons suaves de azuis, verdes, amarelos e rosas a pairar sobre o eco mansinho das águas. De vez em quando, avistavam-se por entre nenúfares rãs a coaxar que vinham cumprimentar os raios de luz, que o sol mandava como em cumprimento àquelas terras. Naquela terra longínqua, o dia parecia eterno, e as descobertas eram muitas, desde as plantas exóticas, às frutas raras, aos animais misteriosos. Por entre os ramos e num espetáculo de exibição salta o macaco para o meio dos marinheiros. Foi amizade instantânea, e desde aí o nunca mais os abandonou naquela expedição. Quando caiu a noite, montaram as tendas e as tochas e deitaram-se ao relento, ouvindo o que de diferente aquele mundo mágico noturno oferecia. Ouviam-se as corujas, num canto de amor, com os seus grandes olhos brilhantes a luzir na penumbra da noite. Os grilos saltavam por entre a vegetação, enfeitiçando-os com o seu canto. Tudo naquela floresta era amor e felicidade, até ao mais profundo bosque doce onde só o mel é rei, intocável pela mão do homem.

O Zé maravilhava-se com estas histórias, e com a nostalgia presente na voz do avô, fazia-o amar ainda mais os animais, encorajando-o a cuidar e a mimar daqueles que tinha em casa. Sonhava um dia visitar aquela terra e conhecer todos esses encantadores animais. Por enquanto, cuidava dos seus animais, desde as galinhas pretas, brancas, amarelas e encarnadas que picavam o chão e exibiam-se ao galo. Às vacas que pastavam nos campos e que pareciam não querer outra coisa senão comer erva.

Aos porcos rechonchudos e simpáticos, que adoravam se esfregar na lama e tomar banhos de sol. Aos seus passarinhos de viveiro que cantavam lindas melodias pela manhã.

O Zé adormecia todas as noites assim maravilhado pelas histórias do avô e dos animais que lá encontrou, e satisfeito pelas histórias que podia contar sobre os seus animais.

Nos sonhos do Zé, todos os animais viviam em perfeita harmonia, e todos comunicavam entre si, cruzando os seus cantos e louvores como uma orquestra da Natureza.

Anexo 2: Termo de responsabilidade

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ex.mo Encarregado de Educação

Somos alunas do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e durante este ano letivo vamos desenvolver a nossa Prática de Ensino Supervisionada na sala do seu educando. Para desenvolver a nossa prática necessitamos de recolher algumas informações em formatos de vídeo ou de fotografia, relativas ao modo como as crianças desenvolvem diferentes atividades. A nossa Prática de Ensino Supervisionada contará com a Supervisão da Orientadora Cooperante (nome).... e da equipa de Supervisores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Com estes registos pretende-se, entre outros objetivos, proporcionar momentos privilegiados com diferentes atividades para o seu educando.

Como estas atividades estão integradas na nossa Prática de Ensino Supervisionada será importante que se efetue a filmagem ou se tire algumas fotografias das sessões com a finalidade de se proceder à análise, discussão e reflexão do processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, vimos pedir a V. Ex.^ª autorização para se efetuarem filmagens ou fotos para uso exclusivo da Prática de Ensino Supervisionada em causa, com o compromisso de que todo o material recolhido será utilizado apenas para esse fim e será destruído quando não for necessário.

Viana do Castelo, 08 de outubro de 2014

Anexo 3: Pauta não convencional da obra “Marcha Turca de Mozart”

Estudo da secção A, B e C

Faixa 12 - Orquestra acompanhada com percussão

Faixa 13 - Só orquestra

The score for sections A, B, and C is organized into six rows. Each row contains four measures, numbered 1 to 4. The notation is as follows:

- Row 1:** Faixa 12 (Drum) and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.
- Row 2:** Faixa 12 (Drum) and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.
- Row 3:** Maracas and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.
- Row 4:** Faixa 12 (Drum) and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.
- Row 5:** Maracas and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.
- Row 6:** Faixa 12 (Drum) and Faixa 13 (Triangle). Measures 1-3 are red; measures 2-4 are blue.

Estudo da secção D


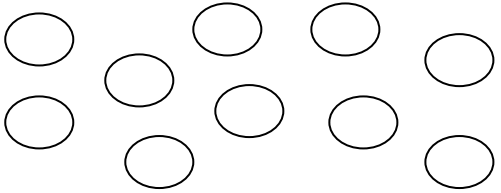
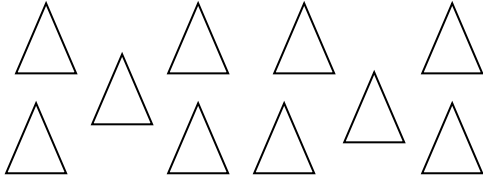
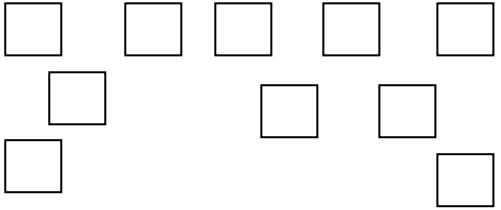


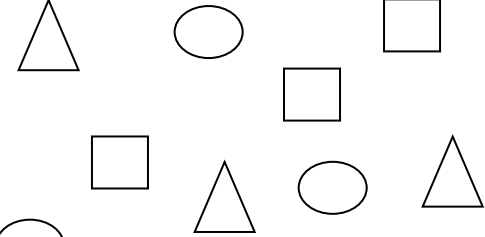
Faixa 14 - Orquestra acompanhada com percussão

Faixa 15 - Só orquestra

The score for section D is organized into two rows. Each row contains four measures, numbered 1 to 4. The notation is as follows:

- Row 1:** Faixa 14 (Drum, Triangle, Maracas, Xylophone) and Faixa 15 (Drum, Triangle, Maracas, Xylophone). All measures have a blue background.
- Row 2:** Faixa 14 (Drum, Triangle, Maracas, Xylophone) and Faixa 15 (Drum, Triangle, Maracas, Xylophone). All measures have a blue background.

Anexo 4: Quadros representativos da família dos instrumentos musicais

 <p>Melodia</p>	 <p>Só as peles</p>
 <p>Só os metais</p>	 <p>Só as madeiras</p>
<p>Pausa/Silêncio</p>	 <p>Forte – Fraco</p>
 <p>Fraco - Forte</p>	 <p>Madeiras/Metais/Peles</p>

Anexo 5: Comunicado aos pais

28/04/2015

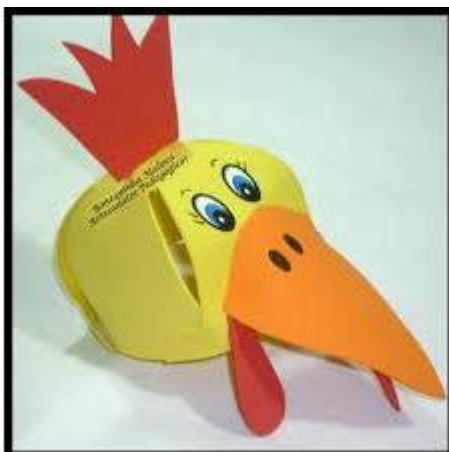
Aos Pais e Encarregados de Educação

A educadora estagiária da sala 2, do Jardim de Infância da Meadela, no âmbito do projeto final, vem por este meio pedir a vossa colaboração na elaboração de chapéus que podem ser realizados com cartolina, tecido, esponja, entre outros, de acordo com a imaginação de cada um, com o objetivo de representar um animal.

Os chapéus deverão ser entregues na sala 2 até ao final do mês de Maio.

Assim, solicito a vossa colaboração para a realização dos mesmos. Estes serão utilizados para a apresentação final que se realizará no mês de Junho, para os pais e encarregados de educação.

Exemplo de um chapéu



O animal do é .

Agradeço a colaboração
Atentamente
A Educadora Estagiária
Rita Moreira

Tomei conhecimento

.....

Anexo 6: Autorização para participação no projeto

Estimados pais e encarregados de educação: A estagiária do Jardim de Infância da Meadela, Rita Moreira no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, do curso de mestrado em educação pré-escolar está a desenvolver um projeto na área da expressão musical que será apresentado à comunidade no dia 3 de junho de 2015 no centro paroquial da Meadela. Para agilizarmos procedimentos na preparação e apresentação do projeto, vem por este meio solicitar a confirmação da presença do seu educando no dia 3 de junho pelas 9h no Centro Paroquial da Meadela.

Assim sendo, agradeço que assinale:

Sim vai estar presente

Não vai estar presente

Nome da criança: _____

Encarregado de educação

Anexo 7: Convite para a apresentação “ A Arca do Zé”



Anexo 8: Autorização para a realização de pinturas faciais

Autorização

26/05/2015

Não Autorizo/Autorizo o meu educando, _____ a realizar pinturas faciais no dia da apresentação que se irá realizar no dia 3 de junho. (Riscar o que não interessa).

Neste dia é também necessário que as crianças venham vestidas de escuro (se possível preto)

Agradeço o esforço e a dedicação de todos.

Atenciosamente,

Rita Moreira

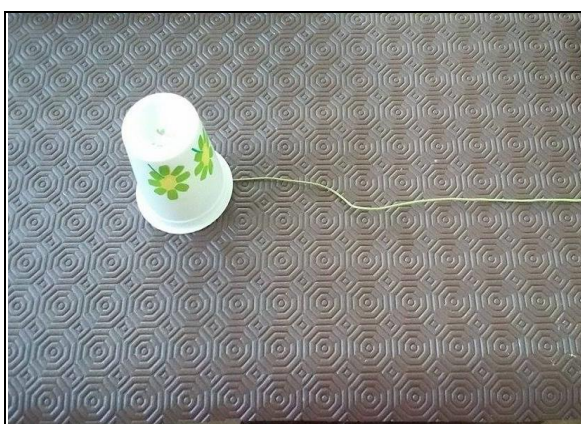
Anexo 9: Instrumentos da história “ A Arca do Zé”



Som do Barco



Som do Porco



Som da galinha



Som do passarinho



Som do Tucano



Som do Macaco



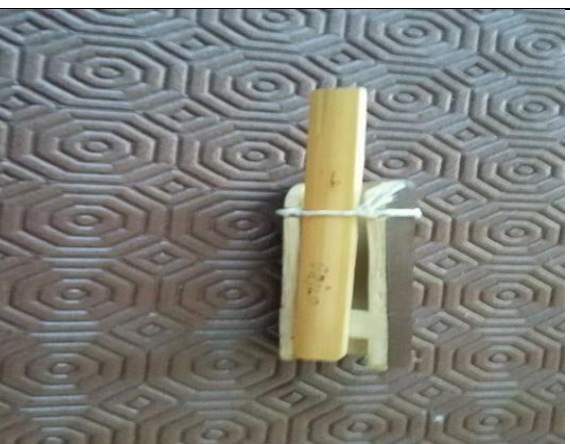
Som do melro



Ocarina



Som do pato



Som do grilo



Som da vaca



Som da rã



Som da Coruja

Anexo 10: Caixa das Opiniões

Parabéns aos organizadores.
Fizeram um excelente trabalho, de salientar
a importância de terem envolvido as
famílias na atividade.
Tudo muito.

Parabéns pelo
excelente trabalho.
Aliar a diversidade à
aprendizagem é útil.
Zacarias das "instru-
mentos" musicais foi
fantástico e proporci-
onou um espetáculo
muito interativo.
Sala 2

Sala 2

O espetáculo deu um
trabalho e organização
por parte de todos, profere
esmerada, pois é uma
sua dívida que este é
o pouco forte desta festa
a eudácia de toda a
comunidade.
Quero desde já agradecer
aos estagiários por esta
iniciativa. O meu sincero
muito obrigado.

Sala 2

Gostei muito muito
sem dúvida que é um bom
trabalho e deve ser muitas
vezes repetido
Boim trabalho

→ um pequeno reparo a dispo
sição das crianças pequenas
(estão escondidas)

Parabéns pelo espetáculo.

Gostei muito do trabalho da sala 2.

As crianças portaram-se todas muito bem.

Aos estagiários, parabéns pelo trabalho e votos
de felicidade para o futuro.

Sala 2
gostei muito da atuação
dos meninos. Estão de
parabéns por terem trabalhado
com eles os ritmos e a
música clássica (a nova
paixão do meu filho).
Obrigada!

gostei muito especialmente da área
do zôo
obte

Sala 2
Parabéns pela festa.
Com o esforço e dedicação conseguiram
que os pequenos fizessem um bom trabalho.
A história com os animais esteve muito
bonita e todas elas adoraram.
Obrigado por ajudarem os nossos
filhos a crescer.

na minha opinião está a ser um bom
espetáculo, as crianças do sala
1 e sala 2 portaram-se muito
bem, muito bem ensaiadas pelas
educadoras e auxiliares

03/06/2015

Parabéns pelo
espetáculo!

Bem organizado, os
miúdos estavam bem
luxuriados e muito bem
vestidos (equipados).

Gostei da história do Zé (da Sala 2) e também gostei das outras salas.

Todos muito giros! Com muita imaginação e espírito de iniciativa. Gostei muito!

A mãe de
Eduardo Sá (Sala 2)

Parabéns!
Gostei muito de todos os peças de teatro, principalmente a sala 2.

Avô de Inês Antunes
(sala 2)

Gostei de tudo, mas a sala 2 estava muito bom!